

A longa crise britânica

TRABALHISTAS APOIAM ESTADO DE EMERGÊNCIA

TELEX/DL

O CAIRO DESE-QUILIBRA A BALANÇA

LONDRES, 4 — O Egipto começou a sondar o Ocidente sobre a possibilidade de obter fornecimentos de armas que reduzam a sua dependência da União Soviética, muito antes de se falar de fusão com a Líbia — afirma-se nos círculos diplomáticos londrinos.

Por
K. C. THALER
UPI/ANI/DL

A questão foi discretamente abordada numa conferência realizada no Cairo entre o ministro egípcio dos Negócios Estrangeiros, Mrad Ghaleb, e o embaixador britânico, sir Richard Beaumont.

Sobre a reunião, realizada a pedido de Ghaleb, o Foreign Office manteve-se diplomaticamente circunspeto, mas do encontro ficou a ideia de que a questão do fornecimento de armas tinha sido efectivamente afluída.

Segundo afirmam

Continua na pág. 8



DUARTE MENDES AMEAÇA DESALOJAR JOSÉ AFONSO

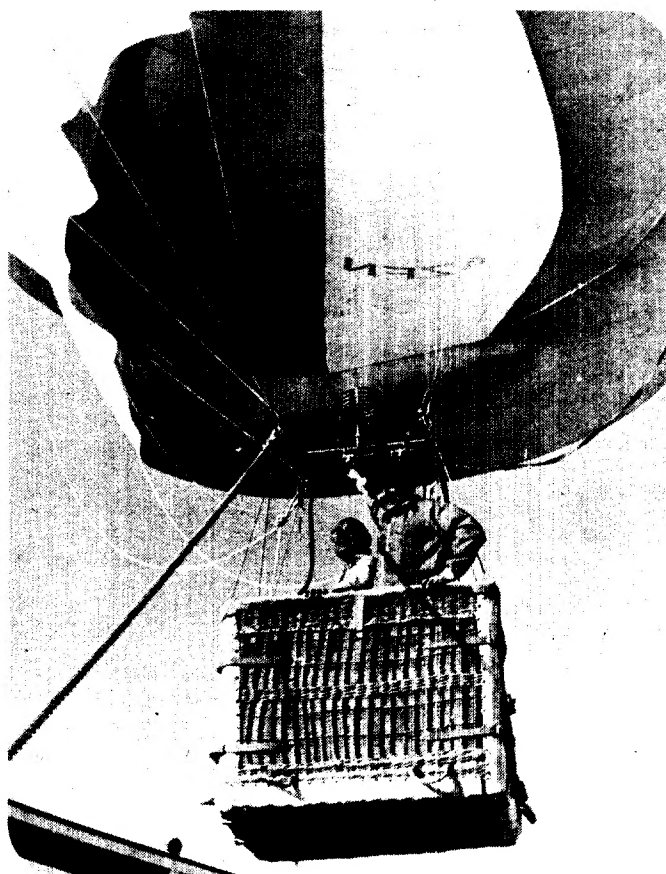
Quando, ao que tudo indicava, José Afonso parecia ter assegurada a presença no VII Festival Internacional da Canção Popular do Rio de Janeiro, segundo o andamento da votação promovida pelo nosso jornal para escolher um intérprete português para participar nesse Festival, eis que Duarte Mendes começa a subir vertiginosamente, aproximando-se a passos largos do primeiro lugar. Agora que o entusiasmo cresce, passaremos a publicar diariamente as classificações (Ver pág. 7).

Os parlamentares do Partido Trabalhista decidiram ontem, numa reunião privada, apoiar a decisão do Governo conservador ao proclamar o estado de emergência, devido à greve dos estivadores. Esta posição do «Labour Party» parece indicar que se procura evitar toda e qualquer acção que possa perturbar as tentativas de conciliação dos autores do relatório sobre a reforma das docas. Como se sabe, a longa crise teve início devido às reivindicações dos estivadores relacionadas com o uso de contentores. O pessoal da estiva teme que este novo processo de descarga ponha em perigo a estabilidade dos seus empregos. Sabe-se, entretanto, que o Governo tenciona utilizar com muita moderação e cautela os poderes que lhe dá o estado de emergência. (FP/DL).

McGOVERN PROPÕE O CÃO

BALÃO SUBIU

O balão «Algarve» subiu, finalmente. O americano Yarry e o inglês Tom cumpriram o prometido. Mas eles não estiveram sós. Com eles — com o «capitão» Tom — esteve lá no ar o nosso repórter, que quis experimentar as sensações duma viagem em balão. Esta terá sido uma manobra preliminar do que virá a ser a viagem que os dois argonautas projectam realizar entre Portugal e o Brasil através do Atlântico (Pag. 24).



Reporter do DL foi o primeiro a subir no balão.

HOJE: MESA REDONDA



O FUTEBOL DAS COOPERATIVAS DE CONSUMO E OS SUPERMERCADOS — depoimentos dos cooperativistas Eugénio Mota e Adolfo José da Silva

O PROBLEMA DO TURISMO EM PORTUGAL — o ponto de vista da Direcção Geral de Turismo

DOENÇAS VENÉREAS: UMA EPIDEMIA MUNDIAL INCONTROLÁVEL — um estudo pelo dr. Escoffier Lambiotte

LIVRO DE BÓLSO? LIVRO POPULAR? — resposta ao nosso inquérito pelo editor Lyon de Castro

O PROBLEMA DAS RENDAS DE CASA — intervenção na polémica de M. Roque Laia, Emidio Santana e Júlio de Almeida Albuquerque

ARTIGOS SOBRE EMIGRAÇÃO, PROBLEMAS EDUCATIVOS, ITÁLIA, COREIA E OUTROS ASSUNTOS — por Urbano Tavares Rodrigues, Calvet de Magalhães, Jacques Nobécourt, Robert Gillain, etc.

E AINDA AS SECÇÕES «ASSIM VAI O MUNDO»; «ASSIM VAMOS NÓS»; «ESPELHO DA IMPRENSA» E «TEM A PALAVRA O LEITOR»

Aludindo irónicamente às complicações suscitadas pela suposta doença do ex-candidato Thomas Eagleton, o senador McGovern sugeriu o nome de «Atticus» — o seu cão de família — para o cargo de vice-presidente, durante uma conferência de Imprensa que decorreu no seu gabinete no Capitólio. Falando depois a sério, disse que tenciona apresentar o nome do sucessor de Eagleton até à próxima segunda-feira, o mais tardar. «Não será tomada qualquer decisão enquanto eu não tiver uma longa conversa com Ed Muskie» — afirmou McGovern, acrescentando que já tinha consultado funcionários do Partido acerca da eventual candidatura do senador do Maine.



McGovern propondo Atticus (UPI/Telimprensa/DL).

HOJE: 32 PÁGINAS

Fomento: o produto nacional pode chegar a 8,5% anuais (P. 2).

LEIA NO DOMINGO

O QUE É O AMOR?

Um inquerito de URBANO TAVARES RODRIGUES a que respondem, entre outros, NIKIAS SKAPINAKIS, MARIA ISABEL BARRENO, ALEXANDRE BABO, ALDIÇA COSTA, LAURA SOBERAL, JOÃO PALMA FERREIRA, MARIA VELHO DA COSTA e ERNESTO DE SOUSA

DL / VIDA NACIONAL

MOTA CAMPOS FALA DO IV PLANO DE FOMENTO INVESTIR NO HOMEM "É MAIS RENTAVEL"

«O Relatório Geral Preparatório do IV Plano propõe e analisa 4 hipóteses de crescimento do produto nacional — correspondente a taxas que se situam à volta dos 6, 6,5, 7,5 e 8,5 por cento.

Assim sendo, qualquer dos dois esquemas de desenvolvimento a que se reconduzem as 4 diferentes hipóteses de crescimento económico teria de atender, como efectivamente atende, à valorização económica das regiões mais desfavorecidas, apontando-a como importante finalidade a considerar no âmbito do próximo Plano de Fomento», afirmou ontem o ministro de Estado, dr. João Mota Campos, numa reunião com os membros das Comissões de Planeamento, que decorreu no Palácio Foz, E. continuou:

«A diferença entre os dois referidos esquemas assenta em que nos casos de crescimento a taxas mais moderadas de 6 ou 6,5 por cento, se considera como objectivo básico o crescimento rápido mas equilibrado do produto em termos que permitam destacar e apontar também como objectivo autónomo do Plano o ordenamento do território e a correcção gradual dos desequilíbrios regionais do desenvolvimento; enquanto nas hipóteses mais ambiciosas de crescimento a taxas de 7,5 ou 8,5 por cento o objectivo fundamen-

tal e, mais nitidamente, o da aceleração do crescimento do produto, e da mais intensa criação de novos empregos na indústria e nos serviços, surgindo o desenvolvimento equilibrado das diversas regiões como finalidade importante, sim — mas a prosseguir em segunda prioridade, em termos de não prejudicar a deliberada busca das elevadas taxas de crescimento que se consideram fundamentais».

Atribuindo a este método a intenção de graduar a intensidade do esforço de valorização regional, em função de desiguais preocupações de crescimento, o ministro de Estado adjunto do Presidente do Conselho prosseguiu:

«Surge-nos assim, com uma nota de aparente dramatismo, a necessidade de uma opção fundamental: crescimento rápido do produto nacional, mas conduzido em termos que assegurem a correcção gradual dos desequilíbrios regionais mesmo quando a prossecução deste objectivo determine taxas de desenvolvimento mais baixas — ou crescimento tão acelerado quanto possível, ainda que à custa de algum sacrifício daquela finalidade de valorização equilibrada do território?»

Pela minha parte ousaria acrescentar que a opção só no plano teórico nos poderia ser

proposta por forma tão claramente marcada.

Se uma opção dovesse ser feita em tais termos correríamos o risco de a ver traduzida em comportamentos inflexíveis; e então o meu sentimento e a minha razão aliariam-se para me conduzir a uma oportuna distinção entre crescimento económico, entendido como expansão do produto em termos aritméticos, e desenvolvimento global, encarado como o resultado da valorização equilibrada do território e das gentes que o habitam, às quais não poderemos, no quadro de um Plano de Fomento Nacional, recusar a justa expectativa de dispor nas áreas em que vivem, e onde as potencialidades de todo não faltam, de satisfatórias condições de trabalho e de bem estar.

Feita a distinção, nos termos indicados, entre crescimento e desenvolvimento, estaria automaticamente feita no meu espírito a necessária opção; e tanto mais facilmente quando ninguém hoje se atreverá a pretender que as acções de desenvolvimento devam dispersar-se por todo o espaço físico — antes se aceita, à luz dos oportunos estudos sobre ordenamento do território, que o esforço há-de concentrar-se nos polos e nas áreas, distribuídas pelas diversas Regiões, capazes de uma mais franca resposta».

Referindo-se em seguida à crescente dificuldade que a administração pública revela no ajustamento a uma sociedade em franco desenvolvimento, o que a torna sujeito prioritário de um processo de modernização e racionalização sem o que poderá constituir «gravíssimo estrangulamento apto a comprometer profundamente o esforço de crescimento em que Portugal está empenhado», o dr. Mota Campos definiu o IV Plano de Fomento como «devendo apresentar um carácter marcadamente social, no que isto significa de atenção prestada à equitativa distribuição dos frutos do desenvolvimento e a uma maior igualdade de oportunidades de promoção económica e social». Apresentando os desequilíbrios regionais do desenvolvimento, quer no que toca à repartição pessoal dos rendimentos, quer na desigual distribuição territorial dos mesmos conjugados com graves careências das áreas mais desfavorecidas, como origem dos fluxos migratórios que tão graves problemas sociais e tão preocupantes situações demográficas têm causado, o dr. Mota Campos ocupou-se em seguida do «problema de uma agricultura em crise — que pelo valor do produto gerado, pela população que emprega e pela sua profunda inserção no contexto sociológico do país continua a apresentar-se como um grave problema nacional».

«A falta de dinamismo do sector continuou, fruto inevitável de deficiências graves quanto a educação básica e formação profissional e de estruturas inadequadas à real capacidade de resposta da população com profissão na agricultura — tem determinado tão reduzidas taxas de crescimento, não obs-



PARA REPRESENTAR
PORTUGAL

NO

VII FESTIVAL INTERNACIONAL DA CANÇÃO POPULAR
DO RIO DE JANEIRO

Indico o intérprete:

Envie por correlo ou entregue pessoalmente no
«Diário de Lisboa», Rua Castilho, 185-1.º — LISBOA

tante a existência de um mercado interno praticamente reservado e desabastecido, que do facto se ressentem fortemente a taxa de crescimento global e a nossa balança de comércio.

O quadro de instituições jurídico-agrárias e económico-sociais que determinam ou modelam as condições técnicas, económicas e humanas em que se desenvolve a actividade do sector está, pois, a carecer de profunda revisão.

Ora a forma por que evoluirá a agricultura portuguesa suscita dúvidas graves — que havermos de tentar resolver no melhor sentido — sobre as repercussões do comportamento do sector no plano geral do desenvolvimento nacional.

Um ponto fundamental a reter é que a população activa vai continuar a abandonar a agricultura, no seguimento de um processo inelutável e irreversível que, não obstante os dolorosos ajustamentos a que obriga, tem de considerar-se salutar, pois estará na origem de reconversões necessárias nas estruturas de exploração e na composição do produto agrícola e de fortes aumentos reais de produtividade da mão-de-obra — tudo factores verdadeiramente condicionantes do progresso sócio-económico da agricultura portuguesa.

O saneamento do sector, em termos de saídas de mão-de-obra excedentária, é, pois, um processo necessário.

A questão específica que nos surge é a do destino dos que abandonam a agricultura. E esta interrogação conduz-nos, imediatamente, a inquirir qual será, nos próximos anos, o comportamento da nossa indústria — não porque se pense caber inteiramente a este sector a resolução do problema da absorção dos excedentes de mão-de-obra mas sim porque o crescimento industrial pode contribuir decisivamente, graças ao efeito de arrastamento do sector terciário, para uma expressiva criação de empregos.

Depois de analisar a situação dos empresários portugueses «clarificada agora pelo desfecho das negociações com a CEE»,

Continua na pag. 8

COMPANHIAS REUNIDAS DE GÁS E ELECTRICIDADE Aviso aos Consumidores

Trabalhos inadiáveis, para a boa conservação das redes obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica, no próximo Domingo, nos seguintes Sectores e Zonas.

1.º — Sector — **Concelho de Lisboa**: Largo da Boa Hora à Ajuda, Hospital Militar, Trav. da Boa Hora à Ajuda de 4 a 10-C, Calçada da Boa Hora, de 210 a 226 e C. M. L., Rua Nova do Calhariz, de 2 a 8 e de 11 a 19, (Das 8 às 12 h.).

1.º — Sector — Calçada do Galvão, entre a Rua do Jardim Botânico e Largo do Cemitério da Ajuda, (das 8 às 12 h.).

3.º — Sector — 1.ª Rua Particular à Rua da Cozinha Económica, de 2 a 28, e de letras B, M, P, ao n.º 13-A, Rua da Cozinha Económica de 2 a 28 e de 1 a 11, Rua Cascais de 1-A a 53, Av. da Índia de 6 a 42, (Das 8 às 12 h.).

3.º — Sector — Sítio do Olival à Calçada dos Mestres (todo), Calçada da Estação (toda), Vila Lopes (toda), Ruas A. B. C. D., Ao B.º da Liberdade, Vila Moreira (toda), Asilo D'Espie Miranda, (Das 8 às 12 h.).

4.º — Sector — Praça das Amoreiras de 52 a 54, Trav. da Fábrica dos Pentes de 2 a 6-A e de 1 a 9 (Das 8 às 12 h.).

5.º — Sector — Rua Diário de Notícias, de 110 a 136, e de 119 a 133, Trav. do Guarda-Mor, de 28 a 40 e 19 a 25 (Das 8 às 12 h.).

6.º — Sector — Rua do Jardim do Regedor, de 1 a 47-C (Das 8 às 12 h.).

6.º — Sector — Rua Condes de Monsanto de 2 a 4 (Das 8 às 14 h.).

7.º — Sector — Praça Marques de Pombal 2, Av. da Liberdade 241 a 261 e passagens subterrâneas do Metro, (Das 8 às 12 h.).

6.º — Sector — Rua do Ouro

de 160 a 204, (Das 8 às 12 h.).

1.ª — Zona — **Concelho de Oeiras**: VENDA NOVA: Rua Vice-Almirante João Azevedo Coutinho, Rua Henrique Paiva Conceiro, Av. Elias Garcia, Rua Aniceto do Rosário, Rua João de Deus e imediações (Das 8 às 12 h.).

2.ª — Zona — **VENDA NOVA**: Rua Oscar Monteiro Torres, Rua Marquesa de Alorna, Rua D. Diniz, Rua Florbela Espanca, Rua 28 de Maio de 1926 e imediações (Das 8 às 14 h.).

3.ª — Zona — **PORTO SALVO**: Rua João Luís de Moura, Rua João de Deus, Rua Padre António Vieira, Rua Terra da Eira, Rua Matias Filipe, Rua Adriano Canas, Rua das Portelas, Rua Conde do Rio Maior, Rua João Rosado, Av. Engenheiro Arantes e Oliveira e imediações (Das 8 às 14 h.).

4.ª — Zona — **CAXIAS**: Rua Conselheiro Ferreira Lobo, Av. António Lourenço dos Santos, Rua S. Bruno, Rua de Damão, Rua Conselheiro Acácio Gomes, Rua Vasco da Gama, Cartuxa e imediações. (Das 8 às 14 h.).

5.ª — Zona — **Concelho de Sintra**: Ribeira de Sintra, Várzea de Sintra, Carrascal, Madre Deus, Morelino, Cabriz e Casal da Granja. (Das 8 às 14 h.).

6.ª — Zona — Cabriz e Estrada de Monte Santos (Das 8 às 14 h.).

7.ª — Zona — **FAÇÃO**: Granja do Marquês e Lameiras (Das 8 às 14 h.).

8.ª — Zona — **Concelho de Cascais**: CASCAIS: Rua Marques Leal Pancada, Rua Poço Novo, Beco do Teatro, Beco dos Navegantes, Beco dos Inválidos, Rua dos Navegantes, Rua da Vitória, Largo da Assunção, Rua Luís Xavier Palmeirim, Rua Manuel Augusto Escrivais,

Rua Manuel de Araújo Viana, Rua Tenente Valadim, Travessa Tenente Valadim, Sítio do Castelo e imediações (Das 8 às 14 h.).

9.ª — Zona — **JANES, MALVEIRADASERRA** (partes te) e **ZAMBUJERA** (Das 10 às 12 h.).

10.ª — Zona — **Concelho de Mafra**: VENDA DO PINHEIRO: Rua Moçambique, Estrada Nacional Lisboa-Malveira, Estrada para Asseiceira Pequena, Asseiceira Pequena, Rua do Medronheiro, Rua do Mercado, Rua das Glicínias, Rua do Barranco, Rua António Duarte Resina, Largo do Freixo, Rua Engenheiro Monterroso Carvalho, Rua Joaquim de Carvalho, Rua Padre Alfredo F. de Brito e imediações. (Das 8 às 14 h.).

11.ª — Zona — **VENDA DO PINHEIRO**: Parte da Av. Dr. Oliveira Salazar, Rua do Lamarão, Rua das Saloias e imediações (Das 6 às 15 h.).

12.ª — Zona — **Concelho de Vila Franca de Xira**: VILA FRANCADEXIRA: Bairro Quinta do Paraíso, Bairro da Mata, Campo do Cevadeiro e imediações (Das 8 às 14 h.).

13.ª — Zona — **POVOA DE SANTA IRIA**: Estrada Nacional 10, Rua da República Rua Luís de Camões e imediações (Das 8 às 14 h.).

14.ª — Zona — **VILA FRANCA DE XIRA**: Rua 1.ª de Dezembro (parte), Rua do Alegrete (parte) e Largo 5 de Outubro (Das 8 às 14 h.).

15.ª — Zona — **ALHANDRA**: Avenida Afonso de Albuquerque e imediações (Das 8 às 14 h.).

16.ª — Zona — **ALVERCA DO RIBATEJO**: Casal do Brejo, Alto da Cumeira e imediações (Das 8 às 14 h.).

17.ª — Zona — **Concelho da Azambuja**: Vila da Azambuja (Das 8 às 14 h.).

Quem é que acreditaria que aquele barrigudo fosse pior que um James Bond?

Peter Ustinov SS Maggie Smith
Karl Malden

em

SS Milhões Escaldantes SS

com Bob Newhart
Robert Morley - Cesar Romero
Argumento de Ira Wallach - Peter Ustinov
Produção de Mildred Freed Alberg Realizado por Eric Till

estúdio 444

2.ª SEMANA

GRUPO C - 14 anos



Opinião

QUATRO MILHÕES DE METROS QUADRADOS

Não teve o relevo que merecia aquela notícia de Luanda que dá conta de uma entrevista dada ao jornal «A Província de Angola» pelo director dos Serviços Técnicos da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil. Disse aquele funcionário superior: «Movem-se grandes influências para que os terrenos actualmente ocupados pelo Aeroporto de Lisboa sejam aproveitados para a construção civil depois de entrar em funcionamento o novo aeroporto. Só a área da pista principal, se fosse vendida à razão de mil escudos o metro quadrado, o que se pode considerar muito barato naquela zona, renderia um milhão e duzentos mil contos. Mas essa área é apenas uma terça parte do que pode ser aproveitado.»

Ainda que a transcrição tivesse de ser maior, fá-la-íamos de bom grado, porque nada será de mais para que a população se aperceba da importância do que está em causa. Distraído nas suas ocupações, acudindo ao quotidiano mais urgente, nem a falta de habilitações terá levado o cidadão a pensar naquela enormíssima extensão de terreno que virá a ficar disponível para outras utilizações. Talvez até, porque aquele espaço livre se habituou, supusesse que ali viriam a plantar-se matas, bosques jardins um lugar de liberdade campestre dentro da cidade...

Mas agora vem uma voz sabedora dizer que não, que o mais certo é que seja cimento armado a floresta a plantar ali. E isto também, ou talvez mais, vem alegrar a alma do lisboeta a quem não sobram casas que dentro de Lisboa fiquem. O mesmo lisboeta se surpreenderá, porém, que hipótese que já corre pelas altas instâncias administrativas não tivesse divulgação menos obliqua: é um director da Aeronáutica Civil que vem falar de grandes influências, e é em Luanda que essa declaração se faz...

Seja como for, a população de Lisboa ficou a saber que os terrenos do aeroporto da Portela são já objecto de acesa disputa.

Ficou a saber que está talvez em gestação uma gigantesca operação financeira que, logo de entrada, envolverá qualquer coisa como quatro milhões de contos, preço muito barato, no dizer do declarante. Falta-lhe ter uma urgente confirmação ou um urgente desmentido, e se, como tudo indica, confirmação tiver de haver, falta-lhe conhecer as condições em que o empreendimento se fará e de que maneira serão defendidos os interesses da cidade e de quem nele mora. E quando nos referimos aos interesses da cidade não estamos certamente a pensar nos interesses das diversas categorias de especuladores que costumam caçar nestes terrenos...

Na história do município de Lisboa, o «caso do aeroporto» pode vir a ser assinalado com uma pedra branca, como um grande, um inestimável serviço prestado à cidade. Mas pode também, se não se usarem de microméticos cuidados, vir a ser espinho venoso num corpo colectivo já hiper-sensibilizado por tanto desconforto, tanta incomodidade, tanto atraso... Pesadas são as responsabilidades que vão cair sobre a cabeça de quem tiver de decidir.

Que pedimos nós? Uma completa informação sobre este escaldante assunto, de modo a ficarmos todos sabendo o que em verdade se passa. Que essa informação seja periodicamente completada, em termos de clareza meridiana. E, sobretudo, que em nenhuma das fases do processo se esqueça que o terreno da cidade é à cidade que pertence, para que nele a cidade viva e prospere. Não para que alguns vivam e prosperem à custa dela.

"WASHINGTON POST" /DL

ARMAS

Uma moção preconizando o afrouxamento de um programa do Ministério da Defesa americano, que prevê a construção de uma nova frota de submarinos «Trident» equipados com foguetões e cujo custo ascende a 13.500 milhões de dólares, foi recentemente rejeitada pelo Senado por 47 votos contra 39. Com esta decisão, o Senado acaba de conceder à administração Nixon a vitória mais significativa da sua política de armamento nuclear, des-

opunham em princípio à construção de «tridents» ou de um submarino do mesmo género, acrescentando, porém, que a administração, já com um orçamento deficitário importante, não tinha provado *claramente ou de maneira convincente* que se tornara necessário levar este projecto para além das fases de estudo e de pesquisa.

Bentsen alegou que os planos dos novos navios ainda não se encontravam concluídos e que um começo de produção demasiadamente precipitado originaria graves perdas de tempo e de dinheiro.

O Senador acrescentou que a frota americana de 41 *Polaris/Poseidons* era praticamente invulnerável aos ataques dos russos e poderia continuar a sê-lo durante muitos anos.

Bentsen disse ainda que as *previsões mais razoáveis e as mais pessimistas* mostram que *nenhum destes navios precisaria de ser substituídos antes de 1981*.

A construção do primeiro submarino «trident» estava prevista para esta data. De acordo com as novas medidas que visam acelerar esta produção, o navio estará pronto em 1978.

Todavia, as críticas dos adversários deste projecto de lei incidiram sobretudo sobre a questão de se saber se a administração não cometia um grave erro militar ao escolher, neste preciso momento, o modelo do «Trident» de 24 foguetões.

Efectivamente, os actuais submarinos atómicos americanos e russos transportam cada um 16 foguetões. Considerando o facto de o tratado de limitação das armas estratégicas impor um limite de 44 submarinos e 710 foguetões aos Estados Unidos e 62 submarinos e 950 foguetões à Rússia, Bentsen, Harold Hughes, Stuart Symington e vários outros senadores manifestam a sua inquietude: os Estados Unidos, ao produzirem o «Trident», poderiam encontrar-se com um número de submarinos muito inferior ao que estão autorizados efectivamente a possuir.

Este argumento assumiu uma certa importância quando se soube, em Maio deste ano, que os russos estavam a construir novos submarinos destinados a transportarem 12 foguetões cada um. Menos foguetões em cada submarino equivaleria a um maior número de submarinos a detectar e destruir na eventualidade de uma guerra.

O Senador Henry Jackson, que votou contra a emenda Bentsen, baseando-se nas discussões de última hora com os *altos funcionários da administração*, apresentou uma carta do Secretário de Estado para a Marinha, John Warner, afirmando que o número de foguetões por submarino poderia ser modificado sem problemas, caso fosse preciso, antes do Outono de 1973.

Uma outra carta, dirigida pelo almirante Myman Rickover ao senador John Pastore, declarava por outro lado que *os primeiros planos* do submarino se encontravam concluídos, com 20 foguetões e o outro com 24.

Bentsen queixou-se de que estes pormenores lhe não tinham sido comunicados durante os apertados interrogatórios feitos aos representantes governamentais pelo seu *comité* para as forças armadas, e que os mesmos só tinham sido mencionados alguns minutos antes da votação.

Por
MICHAEL GETLER

de o primeiro pacto russo-americano de limitação dos armamentos, assinado em Maio deste ano.

A administração Nixon tinha dado prioridade ao «Trident» um submarino de grandes dimensões recentemente concebido e capaz de transportar 24 foguetões de longo alcance. Este navio é quase duas vezes maior do que o submarino do tipo *Poseidon/Polaris*, que substituirá a partir do fim dos anos 70.

A votação teve por objecto uma emenda do Senador Lloyd Bentsen, a qual previa uma redução de 508 milhões de dólares nos 906,4 milhões consagrados aos «Tridents» pelo projecto de lei fiscal sobre as aquisições militares para 1973, que se eleva a 20 500 milhões de dólares.

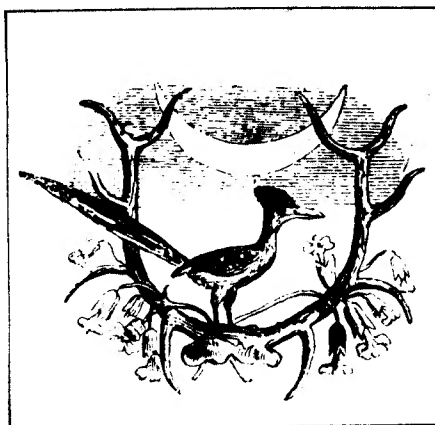
O financiamento necessário para este projecto de submarinos atómicos já recebeu a aprovação do Congresso. Bentsen e muitos dos seus partidários afirmavam que não se

MARIA JUDITE DE CARVALHO

Os Mundos Paralelos

A Lua passou à história, foi uma gracinha dos americanos, um **show** a nível mundial. Mas o problema solúvel ou insolúvel, o suicídio evitado no último instante ou fatal, nada a fazer, tarde demais, é aqui na Terra que ele se joga. Yves Cousteau, homem que conhece os oceanos como as suas mãos, anunciou em Roma, no dia 13 de Julho, a morte dos mares dentro de meio século. E como sem mares a humanidade não pode subsistir, o fim desta humanidade com mais uns pecados — mortais — na consciência: a mania de comprar coisas, o orgulho na roupa mais branca, o estudo aturado para matar melhor, com maior limpeza, em maior quantidade, insectos e homens.

Todos os dias encontramos nos jornais pequenas notícias que nos contam de um rio ou de uma lagoa, aqui ou nos antípodas, onde os peixes apareceram mortos por causa dos resíduos duma fábrica qualquer. Há também as espécies animais em vias de desaparecimento. A última dessas espécies é o crocodilo das malas. É certo que não é um bicho muito simpático, mas faz parte de uma coisa com a qual é perigoso brincar: o equilíbrio natural. Há ainda a ameaça terrível da superpopulação deste mundo. Durante quanto tempo teremos comida, teremos água? Porque a humanidade é como que um imenso ser multicelular, parasita de uma bonita esfera azul e solitária, e cujas células



se multiplicam assustadoramente como as células cancerosas.

Mas ao mesmo tempo... Mas ao mesmo tempo as coisas deliciosas, alegres, desempoeiradas, incríveis, acontecem no outro mundo paralelo onde não há nada do que há no primeiro. E eis que miss Universo, por exemplo, tem as medidas ideais, e eis que vão usar-se mini-saias à hora do **cocktail**! O Papa manifesta-se contra os **best-sellers**. Um deputado pediu à rainha de Inglaterra que os carros da família real fossem pintados de cores vivas «para animar o ambiente». Brigitte Bardot, diz Brialy, tem um coração solitário e corajoso. Houve uma largada de touros aqui, em Lisboa. É certo que morreu uma pobre senhora que ia a passar. Mas isso faz parte do primeiro mundo. Às vezes há umas mentiras.

Projectos novos

Onze grandes projectos de cooperação técnica em benefício dos países do Terceiro Mundo foram confiados à Organização Internacional do Trabalho pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, durante o primeiro semestre de 1972. A sua realização exigirá créditos de mais de 21 milhões de dólares, dos quais cerca de 15 milhões serão fornecidos pelos países beneficiários e o restante pelo PNUD.

A OIT vai ajudar um sistema nacional de formação profissional na Jordânia e prosseguir, graças a contribuições aprovadas pelo PNUD, a assistência que presta a programas análogos na Costa Rica, no Iraque, na Jamaica, no Quênia, no Panamá e no Qatar. Um programa de formação rural da OIT, em curso no Irão desde há alguns anos, receberá pela primeira vez uma subvenção do PNUD.

Na Zâmbia, um colégio de educação cívica, destinado a favorecer a participação popular nos programas de desenvolvimento económico e social da nação, está em vias de criação. Chefes de colectividade, sindicalistas, empresários e quadros de cooperativas seguirão cursos práticos e teóricos sobre as relações profissionais, a organização das cooperativas e as questões económicas e sociais. A OIT dará o seu concurso à organização dos programas.

A OIT fornecerá à Gâmbia uma assistência no domínio das estatísticas do trabalho, nomeadamente como meio de avaliar as necessidades do país em matéria de formação

profissional. Um perito da OIT em planificação da mão-de-obra participará num recenseamento da população activa e ajudará a medir a procura de operários de diferentes níveis de qualificação nos principais ramos de actividade.

Nas Antilhas Holandesas, a OIT será encarregada de colaborar no estabelecimento de centros de formação nos ofícios de artesanato de arte, assim como na comercialização dos artigos assim confeccionados.

Durante os primeiros seis meses do ano, o PNUD aprovou também 36 projectos de menor envergadura, de que a OIT igualmente se encarregará, e que exigirão despesas da ordem de 900 mil dólares em fundos de origem internacional.

Baco ao volante

O problema dos condutores com elevada taxa de alcoolemia no sangue é de todos os países. Certas legislações são severas, outras bizarras na aplicação das suas sanções aos condutores apanhados em flagrante delito.

Assim, na Austrália, o nome do condutor é publicado nos jornais, com indicação de que é ébrio e de que foi preso. Na Malávia, o automobilista é preso, assim como a mulher. Na África do Sul pode ser condenado a 10 anos de prisão, ou ser punido com 2800 «rands» de multa, ou as duas sanções simultaneamente. Na Turquia é levado para cerca de 30 quilómetros fora do seu agregado urbano e obrigado a regressar a pé. Em S. Salvador, em caso de reincidência, é passado para e simplesmente pelo pelotão de execução...

DL/NACIONAL

"O fantasma do internamento médio de 30 dias continua a perseguir-nos"

«A situação sanitária do País revela, no seu conjunto, alguns indicadores que não queremos ignorar, e por cuja melhoria se nos impõe uma luta intensa e urgente.» — afirmou o secretário de Estado da Saúde e Assistência, dr. Jorge dos Santos, ao conferir posse do cargo de director-geral da Saúde ao dr. Arnaldo Sampaio, em cerimónia realizada esta manhã no Ministério das Corporações. E acrescentou: «Estão abrangidos nesta malha, entre outros, problemas de protecção materno-infantil, a saúde mental, os cuidados médicos à velhice, o rendimento médico dos hospitais, a falta de pessoal de enfermagem e técnico auxiliar e a má distribuição geográfica do pessoal médico.»

Referindo-se à baixa produtividade que se verifica nos estabelecimentos e serviços públicos de saúde, o secretário de Estado da Saúde e Assistência afirmou

que tal não se deve apenas à falta de estruturas basilares, mas também ao mau aproveitamento das existentes. E especificou:

— Refiro-me, por exemplo, ao Estatuto Hospitalar e ao Regulamento-Geral dos Hospitais, duas peças de indiscutível valor actual, mas cuja aplicação tem sido eludida de dificuldades, para mal da nossa organização hospitalar.

O fantasma do número ao redor de 30 dias como demora média global do internamento, nos hospitais centrais oficiais que prestam cuidados clínicos de natureza geral, continua a perseguir-nos por forma comprometedora, atestando as nos-

— Afirmou esta manhã o Secretário de Estado da Saúde

as dificuldades para forçar uma situação de ineficiência que há anos se vem arrastando, com evidente preocupação dos bem intencionados. Estes bem compreendem o que a situação reflecte no agravamento das dificuldades de internamento para os doentes, dado o crescente aumento da demanda hospitalar, e são eles que lembram constantemente que a redução da demora média para o nível médio europeu, aceitável, de menos de 20 dias, significaria, para o País, um instantâneo aparecimento de mais um terço das camas, nos hospitais pertença do Estado!

Passando à indicação das realizações a levar a efeito até ao fim do ano, no âmbito da Saúde e Assistência, anunciou, nomeadamente:

— Está assegurada, também, a inauguração, em Outubro próximo, das novas escolas de enfermagem de Lisboa, do Hospital de Santa Maria, que se dominará Calouste Gulbenkian, e do Hospital de S. João, no Porto, com um acréscimo de população escolar de 295 para 568 alunos, correspondendo a um aumento de 92 por cento, em relação à capacidade actual, afirmando-se desnecessário encaixar o valor destas realizações.

Referiu-se, em seguida, aos centros de saúde:

— Tudo isto envolve avultadas verbas, cuja boa administração, penhor de tão amplas realizações, se nos impõe.

No biénio 1971/72 as dotações para centros de saúde elevaram-se a 65.000 contos, estando previsto para 1973 o dispendio de 47.000 contos.

Por estas vias organizacionais e financeiras se tentará fazer frente e cumprir o plano de criação escalonada no tempo dos centros de saúde, a completar até fins do próximo ano, com um número final previsível de 274 centros.

Falou em seguida o dr. Arnaldo Sampaio, novo director-geral de Saúde, que afirmou, a certa altura:

Portugal, por razões de vária ordem, encontra-se numa posição em que tem de fazer face

a situações sanitárias existentes nos países desenvolvidos e em vias de desenvolvimento. Esta realidade acarreta para os serviços de saúde um esforço difícil de realizar com as suas estruturas actuais e com os meios humanos e materiais de que dispõe.

E acrescentou: Tal situação obriga a uma escolha muito criteriosa das medidas a pôr em acção para que saiamos, o mais depressa possível, da situação em que nos encontramos.

Se continuarmos a trilhar os caminhos que temos seguido até agora, não será fácil atingir, com a rapidez necessária, os objectivos que todos desejamos, isto é, que a nossa população usufrua os benefícios das descobertas científicas deste século e o fosso que nos separa dos países mais desenvolvidos desapareça em pouco tempo.

O ministro dr. Rebelo de Sousa presidiu à cerimónia de posse, estando também presentes o subsecretário de Estado de Saúde e Assistência, dr.ª Teresa Lobo, altos funcionários e directores-gerais do Ministério das Corporações.

Roubados 100 contos numa loja

Audaciosos gatunos assaltaram, esta madrugada, um estabelecimento de electrodomésticos, situado na Avenida Conselheiro Barjona de Freitas. Utilizando o processo de arrombamento, os assaltantes levaram, sem sobresaltos de maior, vários auto-rádios da marca «Pianola», gira-discos e aparelhos de rádio, tudo num valor calculado em cem contos.

VERMUTE «STOCK»

Foi ontem lançado no mercado português o vermute italiano «Stock». Os seus representantes (José Marques Agostinhos Filhos e C.ª e Representações Suzila) reuniram-se para o efeito com os enviados dos órgãos de informação no Club de Barman de Portugal a quem apresentaram a nova bebida e as condições da sua comercialização.

Stand Albertino Henriques da Silva, Lda.

Esta Firma comunica que tem dezenas de carros dos últimos modelos, rigorosamente como novos, em preços excepcionais.

Recebem-se trocas e facilita-se o pagamento. Para seu interesse não compre nem venda o seu carro sem consultar o nosso Stand. Rua do Garrido, 73-A—Tels.: 727201-728793-72519P

GARCIA MARQUEZ: UM NOVO PRÉMIO QUE TAMBÉM É NOSSO!

«Cem Anos de Solidão», do escritor Gabriel Garcia Marquez, foi ontem galardoado com o Prémio Internacional Rómulo Gallegos, um dos mais qualificados da América Latina. Uma vitória dele. Uma vitória do romance latino-americano. Mas também uma vitória nossa, pois somos o editor daquele livro em Portugal.

EM 1967 O PREMIADO FOI VARGAS LLOSA

Uma vitória dele. Mas também uma vitória do leitor português que poderá agora conhecer o seu mais consagrado romance: «Conversa na Catedral», já nas livrarias.

Nos próximos dias lançaremos:

«O VENENO DA MADRUGADA», de Garcia Marquez

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Foi absolvido o proprietário da "Predial Firmino"

No 2.º Juízo Criminal, em S. João Novo, Porto, terminou, com a leitura da sentença, o julgamento do sr. Firmino José Neto, de 39 anos, comerciante, cuja última residência, antes da sua detenção, era na Travessa do Giestal, 22, em Lisboa.

A captura do réu, bem como as notícias postas a circular relativas ao processo que levou o sr. Firmino José Neto a tribunal, causaram certa efervescência, pois sempre viveu desafogada mente.

Proprietário da empresa «Predial Firmino» e duas outras organizações associadas — «Orfin» e «Firchave», dedicava-se à compra e venda de propriedades e hipotecas, com a primeira; administração de propriedades adquiridas por particulares, com a segunda; e a compra de terrenos, com a terceira.

Os negócios iam em franco progresso mas a partir de 1969 começaram a decair e os pagamentos passaram a ser feitos com certas demoras, até que, em dada altura, o sr. Firmino José Neto se ausentou para o estrangeiro. Isso aconteceu em 13 de Novembro do ano findo e, então, começaram a surgir muitas queixas na Polícia Judiciária contra ele, arguindo-o de crimes de abuso de confiança e, ainda, da emissão de cheques sem cobertura.

O julgamento teve quatro audiências, presididas pelo

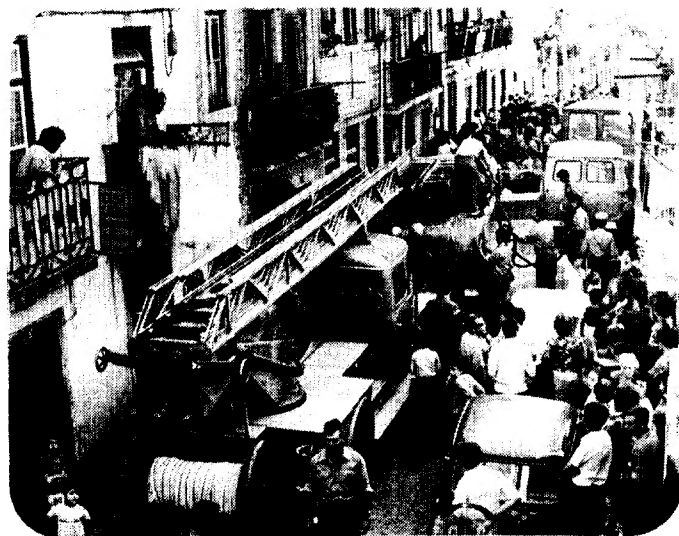
corregedor sr. dr. Gois Pinheiro. O réu teve como patrono o sr. dr. Ponciano Serano. Foram ouvidos 40 declarantes, doze testemunhas de acusação e 20 de defesa. Em face das provas apresentadas, o Tribunal absolveu o réu, não dando, por isso, como provados os crimes de burla e abuso de confiança. Foi provado, isso sim, que o réu teve sempre a intenção de pagar os seus compromissos e que só não o fizera por manifesta incapacidade financeira, para o que muito concorreu a «crise do mercado de imóveis».

Foi ainda considerado o facto de o montante dos cheques sem cobertura já ter sido satisfeito, tendo sido pagos os saldos e apresentados ao Tribunal documentos de quitação das respectivas importâncias.

Quanto à saída do sr. Firmino José Neto para o estrangeiro, o Tribunal considerou que não foi para fugir às suas responsabilidades, o que é provado em muitos documentos que não foram apresentados pela defesa, mas sim apreendidos pela própria polícia. E foi do estrangeiro que aquele comerciante, a pouco e pouco, foi satisfazendo os seus compromissos financeiros. Aliás, essa estadia serviu, também, para restabelecer a saúde do sr. Firmino José Neto, bastante abalada com a situação — provou-se em juízo.

O FUNERAL DE HELENA CABRITA

BARREIRO, 4 — Efectua-se às 16 horas de hoje o funeral de Helena Rita Cabrita de 30 anos, natural do Barreiro, casada com Daniel Figueiras Cabrita, empregado bancário. A referida senhora, recentemente dispensada do emprego que ocupava na Fundação Gulbenkian, pôs ontem termo à vida atirando-se da janela da sua residência na rua Marechal Gomes da Costa, 21. 4.º Dto. O tribunal desta vila dispensou a autópsia. O marido, actualmente detido no forte de Peniche, foi autorizado a ver o corpo.



Combate ao incêndio

FOGO NO BAIRRO ALTO

Uma criança morta e duas feridas

Uma das três crianças vítimas do incêndio que esta manhã estalou na rua da Barroca, faleceu pouco depois no Hospital de S. José, vítima de intoxicação pelo fumo. O bebé, de um ano, Guiomar Paula dos Anjos encontrava-se em casa a dormir juntamente com os dois irmãos de 6 e 7 anos, Dulce Maria e Edmundo dos Anjos, quando, por razões desconhecidas, as chamas rebentaram em dois colchões e um caixote de roupas propagando-se rapidamente ao forro do tecto da humilde habitação. Descobertas por um elemento dos bombeiros foram tão rapidamente quanto possível retiradas, tendo-lhes sido ministrada a respiração artificial boca a boca. Depois de transportadas para o hospital de S. José, ficaram lá internadas em estado melindroso, tendo pouco depois falecido a mais pequenita. Na operação de salvamento ficaram ligeiramente feridos dois elementos dos bombeiros.

SÓZINHAS

As crianças encontravam-se sózinhas em casa pois a mãe, a

Olga de Lurdes Anjos, saíra para as compras com uma irmã e o pai, José Anjos, encontrava-se na sua oficina de colchoeiro.

Dado o alarme ela vizinhança, compareceram duas companhias do B.S.B. e dos Bombeiros Voluntários de Lisboa que, com muita dificuldade, conseguiram atravessar as ruas do Bairro Alto, completamente obstruídas pelo estacionamento de automóveis e camionetas, a carregar e descarregar mercadorias.

Ao ataque ao fogo que deflagrou na água furtada do n.º 72 da R. da Barroca, compareceram cerca de 40 homens com 6 viaturas e duas agulhetas que dominaram as chamas pouco depois. Quanto à casa onde o casal habitava com os três filhos ficou completamente queimada.

Mais uma vez, os bombeiros protestaram pelas condições de estacionamento daquela zona da cidade facto que os impediu de realizar mais rapidamente a sua tarefa pois viram-se obrigados a vir a pé desde a Travessa da Queimada e a deixar para trás algum material que consideravam necessário.

DL/ESPECTACULOS

AS MELODIAS POBRES, OS POEMAS VAGOS, OS DIÁLOGOS FÚTEIS, OU A HISTÓRIA DA VIRTUDE ABORRECIDA QUE NÃO PAGA DIVIDENDOS



Por MARIO CASTRIM



Existe o problema da canção, mas não existe a canção do problema. Enquanto isso acontecer, enquanto houver problema sem canção, haverá canções sem problemas. Quer dizer: com problemas.

A canção é um produto para ser consumido quente. Para tanto, terá de ser composta com materiais de ocasião. Seu principal alimento é a hora que passa. Tirem à canção a hora que passa, tiram-lhe os olhos e os pés. De gatas, desorienta-se e bate com a cabeça pelas paredes.

Para não morrer, tudo tem de transformar-se em arma. Há a canção-arma. Como há o homem-arma. Deixe cada homem de se empunhar e transforme-se num judas de farelo. Deixe cada canção de ter gume ou raio e transforme-se em cadáver com circulação legal.

Canção comercial não é a que se vende muito: é aquela que, pura e simplesmente, se vende.

Cançonetista comercial é uma espécie de criado de mesa das plateias a quem servem os pratos que sabem ser do seu agrado. Não canta para quem quer cantar: canta para quem quer ouvir cantar.

Hugo Maia de Loureiro não é um cançonetista profissional. Uma vantagem: canta quando e o que quer (ou, o deixam). Uma desvantagem: a falta de oficina que se reflecte na qualidade do produto, ou pelo menos no seu acabamento.

Cançonetista profissional não vai aqui em termos de se fazer profissão do acto de cantar, mas sim de se fazer profissão da canção. Francisco Fahnais, por exemplo, vive da canção, embora não viva de cantar. A canção é a sua ocupação dominante. Hugo Maia de Loureiro vive da publicidade, e compreende-se porquê ao ver o filme da sua vida familiar: há muitas bocas que dependem do seu braço.

Ao fim de dois anos, apresenta-se muito reduzido o repertório de Hugo Maia de Loureiro.

O seu esforço de remar contra a corrente da mediocridade torna-se mais evidente na escolha das letras. No entanto, essas letras são demasiado fluidas, demasiado abstractas, demasiado palavrosas. Não perderam suficientemente o carácter de poema para ganharem o carácter de canção. Como, por outro lado, Hugo Maia de Loureiro continua com deficiente articulação, muitas palavras ficam pelo caminho e o poema não se vê, assim, devolvido à sua natureza de poema. Donde resulta aquilo que se canta não ser nem poema, nem canção.

Essa reacção contra a idiotia generalizada de um certo tipo de canções (muito protegidas pela televisão portuguesa) foi, como disse, evidente. No entanto, apesar de uma relativa qualidade, não sei se o público viria alguma vez a cantar, a debruçar-se seriamente para o tipo de algumas canções que Maia de Loureiro interpretou ontem.

Porquê? Porque são muito, muito sérias. São umas senhoras demasiado virtuosas — e nós sabemos como são, em geral, as senhoras virtuosas. Infelizmente ainda se confunde muito a seriedade dos fins com a chateza dos meios. O acto de cantar não exige obrigatoriamente uma emoção de gravata.

As canções são assim por vontade de quem as canta ou de quem as faz? Não digo isso. As canções são assim porque as canções que chegam até nós pela televisão, se não forem do pior, só podem ser assim: palavras que destroem a palavra, versos que, de vagos, de impalpáveis, passam entre os dedos dos telespectadores sem se prenderem a eles, sem se darem a conhecer, os telespectadores se percebem alguma coisa, é com enorme esforço de concentração — e é tão difícil uma pessoa concentrar-se às nove horas...

Inteligentemente, Hugo Maia de Loureiro soube devolver o seu peso a algumas palavras da «Canção de Madrugada». Martele-se, como se fossem pregos. Já o mesmo efeito não conseguiu com outro poema de Ary dos Santos, com música de Maia de Loureiro. Música que é que não houve nada que nos revelasse qualquer íntima relação de Hugo Maia de Loureiro com as canções interpretadas. Nada foi dito, por Loureiro apenas para mostrar quanto o caminho do cançonetista não será por aí.

Certas palavras não podem ser ditas senão como se representassem as nossas próprias impressões digitais. Palavras como:

*Quando eu canto
é a ti que eu canto.
Quando canto
é por ti meu canto.
Por ti fui lavrador
criança, soldado
aventureiro
de caminhos errados.*

Logo depois:

*Filho que é meu e teu
há-de cantar
há-de vencer
o muro da tristeza...*

Com tudo isto, aparece-nos um Maia de Loureiro a responder banalidades às banalidades de Carlos Cruz, num diálogo incrivelmente infantilizado, através do qual nos veio a imagem de Loureiro Judoca, de Loureiro ragulbista. Cruz queria saber se o judo era muito complicado, Loureiro dizia que não, que não era. Cruz queria saber se os ossos não ficavam a ranger, Loureiro respondia que não, que estão treinados para cair, e que tinha muitos judocas na família — o pai, os irmãos, as irmãs. Quanto ao raguebi, Cruz perguntava se

sua intenção «dar um pouco da maneira de ser de Hugo Maia de Loureiro». A verdade ro, que justificasse a sua escolha de um poema como *Aleluia!*, para musicar. Porque Loureiro cantou, com música sua: «A esperança é nossa»/a nossa força amanheceu...», não cantou o *Rosa arredonda a saia*. As suas palavras deram-nos um Hugo Maia de Loureiro fútil. Será esta, afinal, a sua maneira de ser?

Sim, sim. Eu sei. Mas então para quê conversas daquelas? A quem são elas úteis? A quem se destinam?

Aconteceu numa imagem um

pouco da humanidade, de verdade de Hugo Maia de Loureiro.

O cançonetista franqueou a sua casa, a sua intimidade às câmaras de televisão com as cenas de súbito, convencionais que são inevitáveis. Aparece-nos de súbito num breve apontamento a dar o biberão a um filho. Nesse simples gesto, e ao aceitar a publicação dele, Hugo Maia de Loureiro fez muito pela promoção de dignificação do homem. Foi essa a canção mais séria, mais valiosa e mais bela que Loureiro ontem cantou. Ou emhor: que não cantou.

Concurso de Fotografia Turística

Grande Prémio Torralta de Fotografia Turística

Classificação geral 22.ª semana

	1.ª Prémios		Menções Honrosas		TOTAL
	atribuídos	pontos	atribuídos	pontos	
1.º Reinaldo Viegas	3	9	3	3	12
2.º Horácio José da Cruz	2	6	5	5	11
3.º Paulo Veríssimo da Cruz	2	6	3	3	9
4.º António Conceição Matos Manuel E. A. Sousa	2	6	2	2	8
5.º José Fernando Ferreira Mendes	1	3	3	3	6
6.º António Sousa Silva Guilherme Silva Óscar Saraiva	1	3	2	2	5
7.º José de Andrade José Nuncio Gomes de Carvalho	1	3	1	1	4
8.º João Eduardo Portela Belo José Augusto Alves Linda Jones Miguel Gavazzo Noémia de Carvalho	1	3	—	—	3
9.º Duarte Nunes da Silva Fernando Gomes da Costa	—	—	2	2	2
10.º Acácio Fragata Aníbal Sequeira António Cabral Castilho António Jorge Pinto Costa Barros António Matos Artur Rafael Dias Nunes Carlos A. P. Nascimento Cipriano Dourado Fernando Augusto Portela Panão Gertrudes Fiúza Costa Matos J. Pereira Júnior José Oliveira Tavares Manuel Aires Ventura Manuel Oliveira Cardoso	—	—	1	1	1

PONTOS: Cada 1.º PRÉMIO — 3 pontos
Cada MENÇÃO HONROSA — 1 ponto

Na Escola de Enfermagem Psiquiátrica de Lisboa, Rua José Carlos dos Santos, n.º 7-3.º, em Lisboa, Telefone 77 50 74, vão estar abertas as inscrições para o Curso de Enfermagem Psiquiátrica de 15 de Agosto a 15 de Setembro próximo.

Para a frequência do referido Curso são exigidas como habilitações literárias o 2.º Ciclo dos Liceus ou equivalente.

Lisboa, 31 de Julho de 1972.

O PRESIDENTE
DA COMISSÃO INSTALADORA
Roberto Pegado

MADEIRA TRANQUILA
7 DIAS DE FÉRIAS QUE V. RECORDARÁ
Partidas diárias de Lisboa, Porto ou Faro
Estadias em Hotéis e Residências de 1.ª classe.
Máximo conforto.
PREÇOS DESDE 2.740.00
(Casa por pessoa)
Se viajar com os seus filhos beneficiará de grandes reduções de preço.
Pague suavemente com o CREDI-STAR
Peça-nos informações detalhadas, e não perca muito tempo até decidir a sua inscrição.

STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Lisboa Estoril Porto Faro Funchal Luanda

Externato Marquês de Pombal

NOVAS INSTALAÇÕES

Em edifício próprio (5 pisos)

RUA MORAIS SOARES, 93 — Tel. 820221/834658 (ao Chile — Metro: Arroios)

PREPARATÓRIO — LICEAL — INSTITUTOS

CURSO COMERCIAL

ABERTAS AS INSCRIÇÕES

Externato São Vicente
Rua do Paraíso 28 — Tel. 86 41 00

Externato Álvares Cabral
Avenida Grão Vasco, 1 (Benfica) — Tel. 70 69 74

DI/ESPECTACULOS

AMADORES DE SETÚBAL

"Ratos e homens" de Carnide

«Ratos e Homens», de John Steinbeck, pela Sociedade Dramática de Carnide (Lisboa). Concurso de Teatro Amador das Colectividades e Cultura e Recreio e dos Grupos Dramáticos Independentes. Direcção de montagem e sonoplastia: António Bento Martins. Contra-regista: Fernando Salvador. Maquinista de cena: José Lopes. Ade-recista: Fernando Lopes. Luz: António Moisés. Cenários: Fernando Cordeiro Pinto. Colaborador: Domingos Porém. In-terpretes: Guta Santos, António Sousa, Manuel Carvalho, Manuel Rosa, Joaquim Lisboa, Pal-mira Pinto, Roque Ventura, An-tónio Moisés, Taveira Ferrada, Fernando Salvador. Teatro Luísa Todi. 24/7/72.

Com a peça de Steinbeck, «Ratos e Homens», representada pela Sociedade Dramática de Carnide, terminou mais um Con-curso de Teatro Amador.

Tornou-se evidente, e a críti-ca de uma maneira geral, acen-tuou-o, a necessidade de remo-delar as bases em que assenta o Concurso (a não ser que se prefira acabar com eles). Pela

Critica de
CARLOS PORTO

minha parte, já dei a minha achega em relação a alguns aspectos dessa remodelação pare-cendo-me ao escrever esta últi-ma crónica que será oportuno recordar que aos grupos concor-rentes compete também (ou principalmente)? levantar o problema dessa reforma de cuja necessidade os creio conscien-tes. Bastaria o facto de no Con-curso não estarem presentes al-guns dos melhores espectáculos de amadores que se fazem du-rante o ano, para nos alertar em relação a essa necessidade.

A peça de Steinbeck, adap-tação de um dos seus romances curtos, mantém hoje algum inter-esse menos pelo que significa

como obra dramática do que pela maneira como reflecte po-sições assumidas pelo autor. Ne-la encontramos quatro persona-gens que a engrenagem da socie-dade norte-americana margina-lizou — trata-se de um negro, de um atrasado mental, de um trabalhador rural, de um velho (não poderíamos incluir tam-bém a ex-prostituta?) — que re-solvem unir-se para lutar contra essa marginalização.

É a evidente modernidade desta proposta que nos faz lem-brar certas reflexões marcusia-nas. Simplesmente, a perspecti-va das personagens de Steinbeck é nitidamente pequeno burgue-sa: a unidade que estabelecem não abre para nenhum canal ideológico. Sonham todos com uma casinha onde afinal conti-nuariam mantidos à margem (agora voluntariamente) das marés da sociedade a que pertencem.

A óptica steinbeckiana surge assim em toda a sua estreiteza e a peça acaba por se limitar à aventura do psicopata e do seu protector cujo alcance é de-masiado discreto.

O espectáculo da Sociedade Dramática de Carnide consti-tuiu uma leitura excessivamente débil, embora digna, empobre-cendo ainda mais o que já não era muito rico. Trata-se de um texto difícil porque as persona-gens e os conflitos que apresen-tam facetas e comportamentos típicos cuja transposição carece de grande vigor interpretativo. Esse vigor esteve ausente mes-mo que reconheçamos a boa vontade de Guta Santos e de António Sousa nos principais papéis.

Encenação com vagas alusões cinematográficas (personagens fixas no final dos actos) mas sem nervo cénico.

Cinema em família

PARIS. — Bernardette Laf-font não precisa de se afastar dos seus familiares para traba-lhar. Na verdade, esta actriz de cinema está a rodar uma pelí-cula sob a direcção de seu marido, o realizador Diurka Medveezki, ao lado de sua filha Isabel. O filme intitula-se «La Vie Privée D'une Jeune Fille».



23 a 29 de outubro 1972
Santarém - Portugal

Festival do filme agrícola em Santarém

Em Outubro, de 23 a 29, rea-liza-se o II Festival Internacio-nal do Filme Agrícola e de Tem-ática Rural de Santarém. Em fase adiantada de preparação, Fernando Duarte, director da re-vista de cinema «Celulóide» e sub-director do «Diário do Ri-batejo», dirige de novo esta edição do certame, de cujo Júri Internacional farão parte os ci-neastas e engenheiros agróno-mos Alice Gabriela Gamito (Portugal) e Pedro Summers (Espanha), o intelectual e escri-tor Curt Meyer-Clason (Alema-nha), Marcel Couvreur, do Mi-nistério da Agricultura de França e secretário-geral do Sindicato Central de Iniciativas Rurais de Paris (França) e o crítico português José Vieira Marques.

O director do certame encon-tra-se no estrangeiro e, no Festi-val de San Sebastian procedeu a contactos e visionou filmes de enredo e de longa metragem adequados à temática rural do Festival de Santarém, relaciona-dos portanto com a terra e com o homem que a labuta.

O documentário agrícola e o filme de temática rural de-bruçam-se sobre os problemas essenciais da vida e do destino do homem na sociedade, num Globo super povoado que ne-cessita, cada vez mais, de produ-tos agro-pecuários para vencer as questões relacionadas com a alimentação. Mas também a de-fesa do meio ambiente contra a poluição se insere na linha deste Festival de Cinema, como ainda tudo o que vise a melho-ria e progresso da humanidade.

Tognazzi aproveita romance

ROMA. — «O Corpo», ro-mance de Alfredo Todisco, vai ser levado para o cinema, tendo os direitos de autor sido adquiri-dos por Ugo Tognazzi, o qual também interpreta um dos prin-

cipais papéis. O filme conta, sob a forma de diário, o romance de amor entre um homem de certa idade e uma rapariga mui-to jovem.

Jane Fonda: agora a estepe

MOSCOVO. — O romance de Hermann Hesse «O Lobo das Estepes» vai ser levado para o cinema, numa realização de Bernard Wicky, com os actores Jane Fonda, Horst Bucholz e Max Von Sydow à frente do elenco. Esta película será ainda distribuída para a televisão.

Festival de Sintra

De 8 a 30 do corrente mês de Agosto realiza-se em Sintra, conforme noticiámos, o IX Fes-tival de Música da vila. Serão interpretadas algumas das mais importantes obras de música clássica, de autores portugueses e estrangeiros. Dos portugueses destacamos os nomes de Fer-nando Lopes Graça e Joly Bra-ga Santos.

PAUL KUENZ EM MOÇAMBIQUE

PAUL KUENZ Nos próximos dias 16 e 17, apresentar-se-á em Lourenço Marques uma orques-tra de cordas de Paul Kuenz em dois concertos integrados no programa da presente temporada do círculo de Cultura Musical. Esta orquestra foi já galardoada com o primeiro prémio do disco.

BOM APETITE

RESTAURANTE
VELEIRO
PRAIA DE CARCAVELOS
NOVA GERÊNCIA
DIARIAMENTE ESPECIALIDADES
DA COZINHA PORTUGUESA

TONI DOS BIFES
Av. Praia da Vitória, 50-E
Telef. 53 60 80
—
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
DOMINGO
ARROZ À VALENCIANA

RESTAURANTE
SNACK-BAR
Collina
Rua Filipe Folque, 46-A
Telef. 560209
AMANHÃ
DOBRADA À COLINA
DOMINGO
ENSOPADO DE ENGUIAS

Estalagem «A GRUTA DO RIO»
RIO DE MOURO
Telef. 2 98 05 35
(Auto-Estrada para Sintra)
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
BACALHAU À LAGAREIRA
E
CABRITO NO CHURRASCO
SALÃO PRÓPRIO
PARA BANQUETES

ADEGA MESQUITA
ceie

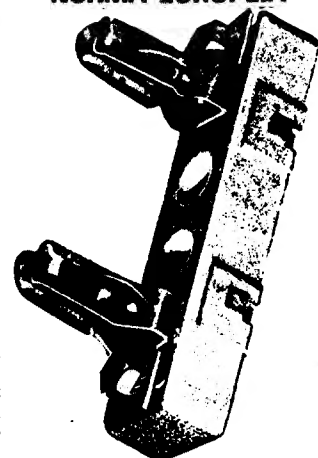
ESTALAGEM D. SANCHO II
ELVAS — Telef. 127
COZINHA REGIONAL — SERVIÇO DE BAR NO TERRAÇO PANO-RÁMICO PARA ESPANHA — ESMERADO SERVIÇO DE MESA
QUARTOS CONFORTÁVEIS
NO SEU FIM-DE-SEMANA VISITE ELVAS E BADAJOZ

RESTAURANTE E BAR
DO
HOTEL ALVORADA
ESTORIL
COZINHA PRIMOROSA
E VARIADA
(Contratos especiais em casa-mentos, baptizados e banhos)
Telef. 260070 (Frente do casino)

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

FUSÍVEIS

BASES PARA FUSÍVEIS
NORMA EUROPEIA



J.F.
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, L.ª
TEL. 654165 * LISBOA

VII FESTIVAL INTERNACIONAL DA CANÇÃO POPULAR DO RIO DE JANEIRO

OS DOIS PRIMEIROS MAIS PERTO UM DO OUTRO

Dissemos que a votação começa agora a aquecer. E verdade. Falámos de «sprint» final. Também é verdade. Faltam, agora, seis dias, para a votação terminar e os dois primeiros, ou melhor os seus amigos, lançam à compita os últimos cartuchos. E, efectivamente, os tais últimos cartuchos estão carregados. Duarte Mendes aproxi-

ma-se, a olhos vistos, de José Afonso. Este, por sua vez, estica o peito para a frente para cortar a linha de chegada em primeiro lugar.

Quer tudo isto dizer que, enquanto há três dias (antes da última votação publicada) Duarte Mendes tinha quase seis mil votos de diferença em relação ao primeiro classificado, José Afonso ele tem agora apenas pouco menos de três mil. O que diz bem do esforço posto pelos seus «fans» nesta última etapa da votação. Entretanto José Afonso está longe de manter a mesma classificação, e ambos têm ultimamente chegado muito mais votos para o Duarte Mendes. Isto, claro, pelo que diz respeito, apenas, aos dois primeiros.

Quanto aos outros, a animação cresce. Humberto de Mascarenhas acaba de ultrapassar José Cid, estando agora na terceira posição; Isabel Fontes consolida o seu 5.º lugar com os 1350 votos que tem; José Jorge Letria, embora longe de Maria de Lurdes Resende, aumenta a distância relativamente a Paco Bandeira; Florência sobe e alcança o 9.º lugar; José Mário Branco desce um lugar; Simone e Fanhais estão a par na 14.ª posição; Teresa Paula Brito passa a estar com mais quinze votos que Teresa Silva Carvalho; Gabriel Cardoso sente-se ameaçado pelo Intróito; João Henrique tem dois pontos a mais do que Humberto de Castro, que está em 21.º lugar. Enfim, a classificação está como

segue: 1.º José Afonso, 8648; 2.º Duarte Mendes, 5769; 3.º Humberto de Mascarenhas, 1780; 4.º José Cid, 1483; 5.º Isabel Fontes, 1350; 6.º Maria de Lurdes Resende, 838; 7.º José Jorge Letria, 474; 8.º Paco Bandeira, 415; 9.º Florência, 280; 10.º António Calvário, 277; 11.º Carlos Mendes, 251; 12.º Carlos Alberto Moniz, 171; 13.º José Mário Branco, 166; 14.º Simone de Oliveira e Francisco Fanhais, 130; 16.º Teresa Paula Brito, 119; 17.º Teresa Silva Carvalho, 104; 18.º Gabriel Cardoso, 76; 19.º Intróito, 73; 20.º João Henrique, 71; 21.º Humberto de Castro, 69; 22.ª Maria da Glória, 68; 23.ª Adriano Correia de Oliveira, 63; 24.º António Macedo, 62; 25.º Luis Cília, 60; 26.º Sérgio Godinho, 54; 27.º Os Plutónicos, 51; 28.º Dário de Barros, 50; 29.º João Braga, 49; 30.º José Barata Moura, 35; 31.º Manuel Freire, 34; 32.º Fernando Lito, 33; 33.º Duo Ouro Negro, 26; 34.º Vittorio Santos, 25; 35.º José Matildes, 24; 36.º Tozé Brito, 26; 37.º Andrea, 20; 38.º Joaquim Cordeiro e Maria Clara, 18; 40.º Max, 17; 41.º Fernando Tordo, 16; 42.º Leonel Sena, Maria da Fé e Luis Romão, 14; 45.º Ilda Marques, Manuel Vargas e José Cheta, 13; 48.º Luis Gois, 10; 49.º Lenita Gentil e Sérgio Borges, 9; 51.ª Maria Valejo, Hugo Maia de Loureiro e Gualberto Caferra, 5; 54.º Artur Garcia, Madalena Iglésias e Aurélio Perry, 4; 57.º Américo Pereira, Denis Cintra e Luis Galhardo, 3; 60.º Mário Simões, 111, Rafael Figueiredo e Armando Pedrosa, 2; Em último lugar, com um voto: Sissi, Paulo Jorge, António Mafra, Alice Amaro, Carlos Portugal e Manuel Branquinho.

Homenagem a Carlos Calisto

Hoje, às 18 horas, é descerada a lápide que dá o nome do jornalista a uma rua Carlos Calisto, da Encosta do Restelo, em cerimónia a que assistirá o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, eng.º Santos e Castro.

Donativo para o Boavista

A Associação de Futebol do Porto resolveu, na sua última reunião, conceder um donativo de 300 contos para as obras do estádio do Bessa. Este donativo, assim com o subsídio de 900 contos, primitivamente fixado, foram já entregues a Olímpio Magalhães, da Comissão Executiva do Estádio do Boavista.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Maria José Figueiredo. Av. José Frederico Ulrich, Bloco B, lote 2 CACILHAS



A PARTIR DE AMANHÃ PUBLICAREMOS DIARIAMENTE A CLASSIFICAÇÃO

O «DL», dada a evolução da votação que se tem processado nos últimos dias, passará a publicar diariamente a classificação. Manter-se-á a classificação total às segundas, quartas e sextas, publicando-se nos outros dias as classificações relativas às dez primeiras.



Segundo nos confidenciou um dos artistas já contactados para o efeito, Vasco Morgado prepara-se para montar «Godspell» num teatro de Lisboa. Da mesma fonte nos informam que foram apontados os nomes de Vicente Galfo, João Perry e Margarida Mauperrin.

O grupo «Filipe Dancer's «Show» comemora o seu primeiro aniversário. Entretanto Filipe e as oito «girls» que compõem o agrupamento partem para férias, continuando, apesar disso, ligados à «boite» «Fantasma».

Carlos Pinho, depois de ter passado algum tempo a repetir, na sua rubrica «Poesia é Diálogo», incluída no programa da Rádio Renascença «A 23.ª Hora», alguns poemas anteriormente tratados, dedica todo o corrente mês de Agosto ao poeta Sidónio Muralha. Todos os poemas incluídos na programação deste mês foram retirados do último livro de poeta, «O Pássaro Ferido», há pouco editado no Brasil e ainda inédito em Portugal. No programa será ainda traçada uma panorâmica da vida e obra do poeta. Como sempre, a interpretação e realização estão a cargo de Carlos Pinho. A sonorização e montagem são assinadas por Alvaro Sanches.

Anuncia-se para breve em Lisboa a estreia do filme baseado na autobiografia da primeira fase da vida de Churchill. Título original: «Young Winston». Título em português: «O Jovem Churchill».

Lovelace Watkins é um dos artistas convidados para participar no próximo Festival dos Dois Mundos.

FESTIVAL DE CINEMA NA JUGOSLÁVIA

POLA, 3 — O filme «Water Defende Saravejo», do realizador, Hajrudin Krvavac, inaugurou o vigésimo-nono Festival Internacional de Cinema da Jugoslávia. No certame, que se prolongará até ao dia doze, serão apresentadas vinte e seis películas, entre as quais se conta «O Maestro e Margarida» sob a direcção de Alexandre Petrovic, baseada num romance de Michael Bulgakov e com Ugo Tognazzi no principal papel, «A Parte Macedónica» do Inferno, de Vatroslav Mimica, «A Coluna», de Djordje Kadijevic, «O Dia mais longo do ano», de Tonjankovic, «Quando aparece o Leão», de Bostjan Hladnik, e «Deus Acredita na Cantora de Café».

RONET E BARDOT

PARIS, 3 — O actor Maurice Ronet interpretará a figura de um decorador parisiense na película de Jean-Pierre Bergkman «Chambre Rouge», baseada num romance de Françoise Mallet-Joris em seguida a de um comissário da polícia em «El Malftrat» sob a direcção de Bruno Gantillon e, finalmente, a de um banqueiro yedutor em «D. Juan» de Roger Vadim, ao lado de Brigitte Bardot.

Revoltas no mar, marasmo na terra

Título: OS REVOLTADOS DO CAINE (Caine Mutiny)
Realização: Edward Dmytryk, 1954 (EUA)
Interpretes: Humphrey Bogart, José Ferrer, Van Johnson, Fred Mac Murray, Robert Francis, May Wynn, etc...
Distribuição: Astória Filmes
Estreia (cópia nova). Cinema Alvalade (28.7.1972)

Título: REVOLTA NA BOUNTY (Mutiny on the Bounty)
Realização: Lewis Milestone, 1962 (EUA)
Interpretes: Marlon Brando, Trevor Howard, Richard Harris, Hugh Griffith, Richard Haydn, Tarita, Percy Herbert, Dundan Lamont, etc...
Distribuição: filmes Castello Lopes
Estreia (em reposição): cinema Monumental (1.8.1972)

Duas reposições evocam, por acaso, de distribuição e exibição, simultaneamente em telas de Lisboa, duas revoltas

marítimas célebres. Pelo menos cinematograficamente célebres. A Revolta do Bounty e a do Caine. Com a distância de alguns séculos e um interesse, em qualquer dos casos, reduzido. Ainda que por diferentes motivos. Vejamos:

Os Revoltosos do Caine, de Dmytryk. Durante a Segunda Guerra Mundial, um draga minas americano assiste a uma revolta que substitui o comandante Philip Queeg (Bogart) pelo tenente Steve Maryk. (Van Johnson) sob a inspiração do tenente Keefer (Mac Murray). O que se pensa vir a ser justificação de uma revolta, desde que esta se exerça em nome da justiça e do interesse comum, acaba por se transferir, numa sequência final, para um problema de índole diversa, que, se por um lado não deixa de ter um certo interesse (desde que referenciado à personalidade de Dmytryk), por outro, corta cerce o alcance da obra, atirando-a para o campo do compromisso e do e-

quívoco. Na verdade a discussão final do advogado de defesa com o tenente Keefer fará ressaltar a figura do denunciante (instigador da revolta e depois seu acusador), o que será tanto mais de sublinhar, quanto se sabe Dmytryk um dos mais famosos denunciantes da não menos famosa época da «caça às bruxas», em Hollywood. Vista por este prisma, a película é curiosa, como tentativa de auto punição ou de pública justificação.

Quanto ao resto, Dmytryk estoura por completo com um belo argumento que remonta a seu belo prazer. Cinematograficamente, o filme é de uma chateza inaceptável, de um gosto intoleravelmente mau, com truca gens infantis (cena de tufão, por exemplo), salvando-se, unicamente o trabalho de alguns intérpretes, nomeadamente Humphrey Bogart, sobretudo na sequência do tribunal. Quanto ao resto, uma perfeita desilusão.

Desilusão menor foi Re-

volta na Bounty, dirigida em 1962 por Lewis Milestone, com Marlon Brando e Trevor Howard nos protagonistas. A película alterna belas sequências (vendaval ou revolta, por exemplo), com outras de um gritante estilo turístico e folclórico (sequências de Taiti, na melhor tradição bilhete postal).

Demasiado espectacular e um pouco cabotino na representação. Revolta na Bounty não consegue aquele tom intimista que por vezes necessitava para certas figuras e algumas situações atingissem o clima de violência e repressão que caracteriza um acontecimento como este que aqui se pretende documentar. Para além disso, Revolta na Bounty atenua igualmente na segunda parte alguns dos elementos que a primeira deixava adivinhar vigorosos e decisivos. Também aqui os responsáveis se deixaram amedrontar com o material explosivo de que dispunham e resolveram aligeirar arestas.

LAURO ANTÓNIO

DO DESCANSO ESPECIAL DO PESSOAL DA



BENEFICIA VOCÊ

Nós, pessoal da Dardo, descansamos 2.ª-feira de manhã, durante o Verão. Se V. quiser colaborar connosco, venha no Sábado, até às 19 horas, «castigar-nos» com as suas reclamações e as suas compras.

PROMETEMOS REDOBRADA ATENÇÃO

Admire a nossa espectacular gama de frigoríficos e os nossos preços verdadeiramente sensacionais. Há muito que «abolimos» as fronteiras nos nossos preços: estão ao nível da Comunidade Europeia. Por favor autorize-nos que nesta campanha não ofereçamos nem brindes nem viagens.

PREÇO JUSTO E QUALIDADE

Lojas Dardo: Avenida da Liberdade, 131
Avenida Almirante Reis, 124-B
Rua de S. Bento, 53 a 57
Praça de Londres, 7
Rua D. Estefânia, 193
Rua 1.ª de Maio, 146-A
Rua Gonçalves Crespo, 26-A

DL/GERAL

CURSO DE INSTRUÇÃO PRÁTICA

Oficializado por despacho de 27-5-1971

SECRETARIADO

A duração depende das habilitações das alunas, sendo mínima para as que têm a frequência do 5.º ano, que ingressam em classes especiais

Em geral as alunas colocam-se no intermédio da Escola

ESCOLA LUSITÂNIA FEMININA

RUA DE D. ESTEFÂNIA, 126 (à Av.ª Duque de Ávila)
TELEFONES 4 47 30 - 55 35 75

O amor, o ciúme
e o remorso
cruzados no
eterno triângulo
Marido, Mulher
e Amante.

*

Um filme de
Marcel Carné
inspirado no
romance de Zola
premiado com o



Leão de São Marcos da Bienal de Veneza

com SIMONE SIGNORET e RAF VALLONE

EM

TERESA RAQUIN

18 anos depois uma obra-prima
do cinema

Grupo C
M-14 anos

AS 21,45

ALVALADE

Distribuído por



HOJE

Continuação da pág. 2

referindo-se ao alargamento do mercado de que dispõem as maiores exigências de competitividade que lhes são feitas em virtude da abertura ao mercado externo, e à impossibilidade de continuar a raciocinar em termos de mão-de-obra abundante e barata, o orador enumerou os diversos aspectos do esforço agora exigido à indústria privada, ponto sobre o qual assentam profundamente finalidades essenciais do Plano, tais como as «do expressivo aumento de volume de emprego e da melhoria das condições em que o oferecido nos sectores secundário e terciário». Quanto ao papel do Estado neste contexto, o dr. Mota Campos definiu-o como sendo o «de procurar reforçar um quadro institucional e um ambiente sócio-económico propícios ao desencadeamento dos processos de reorientação, de moderni-

zação e dinamização das estruturas produtivas do sector». E, para que o progresso da colectividade não fique demasiado dependente da iniciativa privada, caberá ao Estado «aperfeiçoar os mecanismos de intervenção do sector público e reforçada a sua capacidade de actuação nos sectores produtivos».

O encontro assinala, segundo as palavras do dr. Mota Campos o início de uma importante fase da elaboração do IV Plano de Fomento. Após um ano de trabalho, encontra-se concluído o Relatório Geral Preparatório do Plano. O método aprovado para a preparação do plano prevê, que na presente fase de trabalhos intervenham as seguintes Comissões de «Recursos Financeiros», de «Recursos humanos», de «Desenvolvimento Regional», de «Comunicações e Turismo», de «Agricultura, Silvicultura e Pecuária, da Pesca e das Indústrias Alimentares» e

das «Indústrias Extractivas e Transformadoras e da Energia».

Quase a terminar o ministério de Estado salientou ainda dois factores exemplificativos da dimensão do esforço que agora se exige:

«Embora com base em estimativas provisórias (que terão de ser reconsideradas, em ligação com a programação sectorial, antes da elaboração do projecto do Plano) calculou-se que a obtenção das taxas de crescimento da P.J.B. de 6, 6,5, 7,5 e 8,5 por cento exigiria investimentos da ordem dos 250, 260, 300 e 350 milhões de contos, respectivamente, durante os 6 anos da execução do IV Plano de Fomento.

Para nesta base de cálculo se alcançar a indicada taxa de 7,5 por cento importa investir cerca de 50 milhões de contos por ano, mais de 4 milhões por mês, cerca de 150 mil contos por dia...

Creio que números como estes, bem expressivos da dimensão do esforço a realizar, dispensem por agora quaisquer comentários.

A outra realidade a que eu desejava referir-me é o homem português cuja valorização, traduzida em níveis de vida, de cultura e bem estar autêntico é o objectivo último dos esforços em que estamos empenhados.

Este pensamento perpassou, frequentemente, ao longo das minhas considerações. Estava presente quando em diversos momentos (a propósito da repartição pessoal e regional do rendimento, da igualdade de oportunidades no acesso aos frutos do desenvolvimento, da satisfação de necessidades fundamentais nos domínios da cultura, da saúde, da habitação e da previdência), aliado à preocupação de justiça social de que o IV Plano de Fomento deverá dar-nos uma expressiva imagem.

É que, por um lado, na imprecisa fórmula que retive algures, e que propositadamente repito, o Homem continua a ser, neste século da técnica e do capital, o coração e o motor do desenvolvimento económico — o agente e o destinatário de todos os nossos empreendimentos.

Depois, acontece que a experiência própria, e mais ainda a alheia, nos diz que investir no homem continua a ser o mais rentável dos investimentos.

A anteceder o ministro Mota Campos, usaram da palavra o representante das Comissões, eng.º Teixeira Lopo e o eng.º Correia Gago, director-geral do secretariado Técnico da Presidência do Conselho.

O Cairo desequilibra a balança

Continuação da pág. 1

funcionários do ministério britânico dos Negócios Estrangeiros, o Egipto ainda não tomou até agora nenhuma iniciativa formal, o que poderá significar que, até o momento, o principal objectivo egípcio era apenas o de sondar os Governos ocidentais sobre o problema enquanto lhes não anunciava a novidade da fusão.

Ao mesmo tempo, em círculos oficiais britânicos reafirmava-se ontem que a política da Inglaterra é considerar os pedidos de armas «cada um pelo seu mérito».

No entanto, não houve indicação sobre se um pedido do Cairo para o fornecimento de armas em larga escala mereceria agora mais consideração do que antes do arrufo do presidente Anwar Sadat com os dirigentes do

Kremlin e da expulsão de pessoal militar soviético do Egipto.

Ainda segundo funcionários do mesmo ministério, foram abordadas outras questões nas conversações do Cairo, como o futuro das relações anglo-egípcias.

Em círculos diplomáticos correm, entretanto, rumores de que o Cairo sondou de um modo semelhante, directamente ou através de intermediários, os Governos de Paris e de Washington.

Em Abril, o ministro britânico de Estado, Joseph Godber, declarou que «a Inglaterra nunca tinha embargado os fornecimentos de armas ao Médio Oriente, mas que tivera o cuidado de se assegurar de que os fornecimentos estavam a

chegar a cada um dos lados, de modo a conservar o equilíbrio e a evitar uma escalada grave no conflito.

Na altura, Godber afirmou que a Inglaterra tinha fornecido armas a muitos Estados árabes e que «estava sempre pronta a considerar com simpatia mais pedidos».

Esses fornecimentos têm constado essencialmente de radares, equipamento de telecomunicações, peças sobressalentes e tanques «Centurion», tipo de blindado hoje obsoleto.

Ao que se afirma, o Egipto estaria agora interessado em obter aviões, equipamento pesado, tanques modernos «Chieftain» e até vários tipos de mísseis.

Até aqui, o valor aproximado das en-

tregas anuais de equipamento militar britânico era de quatro milhões de libras. Agora, em círculos diplomáticos não se prevê que este volume sofra um aumento espectacular.

A França, por seu turno, afirmou recentemente que estava disposta a manter o seu embargo de armas, às nações beligerantes do Médio Oriente. Embora continuassem até ontem em vigor os fornecimentos de «Mirages» à Líbia, que teria aliás entregue pelo menos parte deles ao Egipto, já surgiu — depois da intenção de fusão do Egipto com a Líbia ser oficialmente conhecida — uma declaração em que o fornecimento dos «Mirages» vai ser revisto uma vez que a Líbia parece disposta, e desejosa, de passar a ser beligerante.

MOTA CAMPOS FALA DO IV PLANO DE FOMENTO

Continuação da pág. 2

referindo-se ao alargamento do mercado de que dispõem as maiores exigências de competitividade que lhes são feitas em virtude da abertura ao mercado externo, e à impossibilidade de continuar a raciocinar em termos de mão-de-obra abundante e barata, o orador enumerou os diversos aspectos do esforço agora exigido à indústria privada, ponto sobre o qual assentam profundamente finalidades essenciais do Plano, tais como as «do expressivo aumento de volume de emprego e da melhoria das condições em que o oferecido nos sectores secundário e terciário». Quanto ao papel do Estado neste contexto, o dr. Mota Campos definiu-o como sendo o «de procurar reforçar um quadro institucional e um ambiente sócio-económico propícios ao desencadeamento dos processos de reorientação, de moderni-

zação e dinamização das estruturas produtivas do sector». E, para que o progresso da colectividade não fique demasiado dependente da iniciativa privada, caberá ao Estado «aperfeiçoar os mecanismos de intervenção do sector público e reforçada a sua capacidade de actuação nos sectores produtivos».

O encontro assinala, segundo as palavras do dr. Mota Campos o início de uma importante fase da elaboração do IV Plano de Fomento. Após um ano de trabalho, encontra-se concluído o Relatório Geral Preparatório do Plano. O método aprovado para a preparação do plano prevê, que na presente fase de trabalhos intervenham as seguintes Comissões de «Recursos Financeiros», de «Recursos humanos», de «Desenvolvimento Regional», de «Comunicações e Turismo», de «Agricultura, Silvicultura e Pecuária, da Pesca e das Indústrias Alimentares» e

das «Indústrias Extractivas e Transformadoras e da Energia».

Quase a terminar o ministério de Estado salientou ainda dois factores exemplificativos da dimensão do esforço que agora se exige:

«Embora com base em estimativas provisórias (que terão de ser reconsideradas, em ligação com a programação sectorial, antes da elaboração do projecto do Plano) calculou-se que a obtenção das taxas de crescimento da P.J.B. de 6, 6,5, 7,5 e 8,5 por cento exigiria investimentos da ordem dos 250, 260, 300 e 350 milhões de contos, respectivamente, durante os 6 anos da execução do IV Plano de Fomento.

Para nesta base de cálculo se alcançar a indicada taxa de 7,5 por cento importa investir cerca de 50 milhões de contos por ano, mais de 4 milhões por mês, cerca de 150 mil contos por dia...

Creio que números como estes, bem expressivos da dimensão do esforço a realizar, dispensem por agora quaisquer comentários.

A outra realidade a que eu desejava referir-me é o homem português cuja valorização, traduzida em níveis de vida, de cultura e bem estar autêntico é o objectivo último dos esforços em que estamos empenhados.

Este pensamento perpassou, frequentemente, ao longo das minhas considerações. Estava presente quando em diversos momentos (a propósito da repartição pessoal e regional do rendimento, da igualdade de oportunidades no acesso aos frutos do desenvolvimento, da satisfação de necessidades fundamentais nos domínios da cultura, da saúde, da habitação e da previdência), aliado à preocupação de justiça social de que o IV Plano de Fomento deverá dar-nos uma expressiva imagem.

É que, por um lado, na imprecisa fórmula que retive algures, e que propositadamente repito, o Homem continua a ser, neste século da técnica e do capital, o coração e o motor do desenvolvimento económico — o agente e o destinatário de todos os nossos empreendimentos.

Depois, acontece que a experiência própria, e mais ainda a alheia, nos diz que investir no homem continua a ser o mais rentável dos investimentos.

A anteceder o ministro Mota Campos, usaram da palavra o representante das Comissões, eng.º Teixeira Lopo e o eng.º Correia Gago, director-geral do secretariado Técnico da Presidência do Conselho.

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

BRAD
HARRIS
OLINKA
BEROVA

GRAHAM HILL
Duas vezes Campeão
do Mundo em Fórmula 1

Realização de
JAMES REED



FÓRMULA 1

O MUNDO FATAL
DO «GRAND PRIX»!

Homem e máquina
são
a última fronteira
da coragem.

HOJE
ALUCINANTE
ESTREIA
EDEN

COLORIDO

GRUPO B - 10 anos

SCOPE

LUSTRES

de requinte antigo e moderno
para o seu lar. Fábrica: Av. 5
de Outubro, 203-r/c, Esq. (ao
Campo Pequeno). Tel. 77 16 39.
VENDA AO PÚBLICO

DL / NACIONAL

PROBLEMAS DE EDUCAÇÃO NO ULTRAMAR

No Ministério do Ultramar, prosseguiram hoje, em duas sessões a que presidiu o dr. Francisco Maria Martins, os trabalhos da nona reunião anual do Gabinete de Estudos da Direcção-Geral de Educação daquele departamento, que desde o princípio da semana se tem ocupado de problemas relacionados com o ensino e a cultura nas províncias ultramarinas.

Foram tratados temas super-venientes, de que foi relator o deputado dr. Rogério Peres Claro, inspector da Educação em Moçambique, tendo sido também analisadas as conclusões gerais da reunião.

Amanhã, às 11 e 30, realiza-se a sessão de encerramento, a que presidirá o ministro do Ultramar e durante a qual serão divulgadas as recomendações.

MADEIRA TELEVISÃO NO DOMINGO

O início das emissões de TV, na Ilha da Madeira, no domingo será presidido pelo secretário de Estado da Informação, que amanhã parte para o Funchal por via aérea.

Durante a manhã o dr. César Moreira Baptista visitará o emissor da RTP, no Pico da Silva, e as instalações que servem conjuntamente de centro de emissão e estúdio, local onde decorrerá a sessão inaugural.

O almoço oferecido pela

RTP decorrerá no Hotel Savoy, procedendo o secretário de Estado, da parte da tarde,

à inauguração dum novo hotel, após o que, numa visita ao posto emissor do Funchal se dirigirá aos ilhéus através da TV. Segue-se um jantar no Palácio de S. Lourenço.

No dia seguinte aquele membro do Governo procede à inauguração de mais algumas unidades hoteleiras, regressando em seguida a Lisboa.

GRANDIOSO EMPREENDIMENTO DA REAL COMPANHIA VINÍCOLA

A Real Companhia Vinícola do Norte de Portugal no prosseguimento da sua política de actualização, modernização e desenvolvimento tecnológico, inaugurou nas suas instalações, à rua Azevedo Magalhães em Vila Nova de Gaia, dois dos doze reservatórios para armazenamento de vinho do Porto, que ali está a construir, tendo cada um a capacidade de duas mil pipas, o que equivale a um milhão e cem mil litros.

A cerimónia de inauguração foram convidados a assistir por tratar-se de um acontecimento invulgar na vitivinícola, lavradores do Douro directamente ligados à companhia, que percorreram as instalações da Real Vinícola, ouvindo os esclarecimentos dados pelo sr. Silva Reis,

presidente da Junta Directiva, que ali os receberá.

Terminada a visita e após o acto inaugural, seguiu-se um almoço, a que presidiu o sr. Manuel da Silva Reis, que usou da palavra para saudar e agradecer a presença dos convidados.

Falaram seguidamente os dres. António Fausto Montenegro, conselheiro João Pinto de Freitas, Carlos Amorim, dr. Fernando Bandeira, dr. António Augusto Guedes Figueiredo e por último os dres Cunha Pimentel e Rui Machado, todos se referindo à grandiosidade da Real Vinícola e do surto extraordinário de progresso que atravessa, e testemunharam a admiração que sentem pelo sr. Silva Reis pelas suas qualidades de trabalho, inteligência e dinamismo.



Figueira da Foz

DOMINGO, 6 de Agosto de 1972 — às 17 h.
M/ 6 anos

INAUGURAÇÃO DA TEMPORADA

8 — TOIROS — 8
DA GANADARIA DE DE PORTO ALTO

JOSÉ M. BAPTISTA
JOSÉ M. CORTES
MÁRIO COELHO
RICARDO CHIBANGA

FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM

A FEIRA POPULAR de LISBOA

A favor da Colónia Balnear Infantil de «O Século»
Ponto obrigatório de qualquer roteiro de férias

Dedica a noite de hoje a todos os desportistas em geral e em particular aos amigos da «nobre arte»

— NO THEATRO ARCO-IRIS —

BOX

7 — COMBATES DE AMADORES — 7

Representando o Sporting — Ginásio Clube do Sul
Águias — Amadora e Sala Pons

NÃO FALTE A ESTA SESSÃO DE BOXE

Preços Populares

Início: 21.45 horas

A meia-noite: 61.º sorteio de um moderno colchão
Climax, oferta da Climax Portuguesa — Equipamentos e Mobiliário de Conforto, Lda.

Câmara Municipal de Lisboa Casa da Comédia

EM ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
HOJE, pelas 21.45 horas

«A VIDA DO GRANDE D. QUIXOTE DE LA MANCHA E DO GORDO SANCHO PANÇA»

de António José da Silva (Judeu)

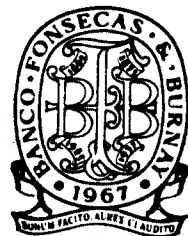
Encenação de Herlander Peyroteo

JARDIM DO PALÁCIO GALVEIAS

(Ao Campo Pequeno)

Bilhetes à venda no próprio local

Descanso companhia 2.ª feira Grupo B — 10 anos



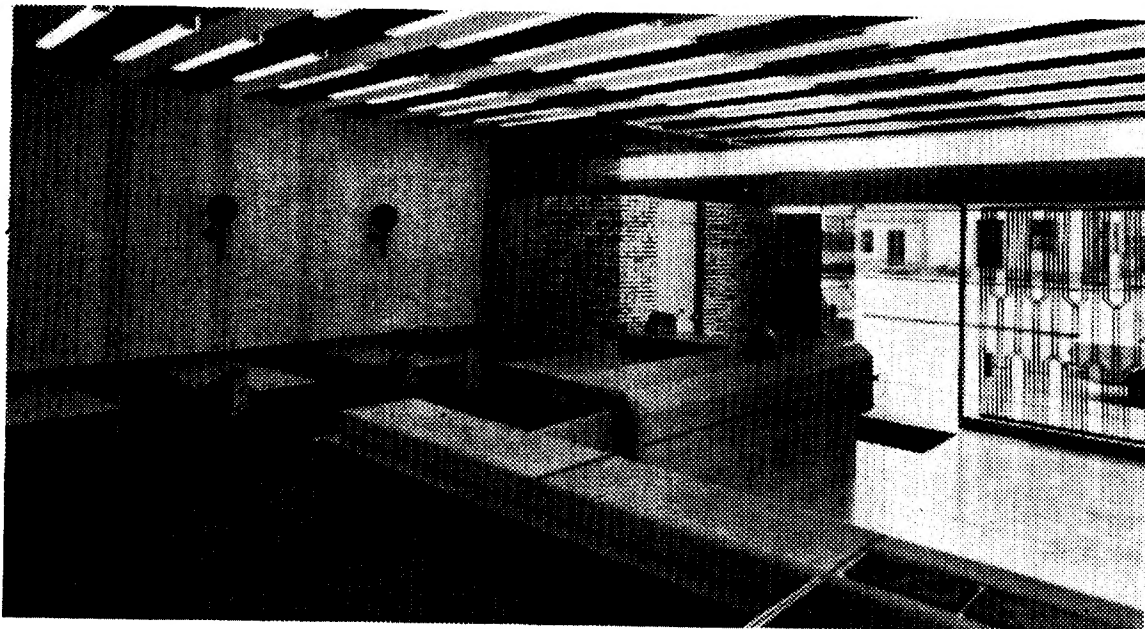
BANCO FONSECAS & BURNAY

TEM O PRAZER DE PARTICIPAR
A INAUGURAÇÃO

DA SUA NOVA AGÊNCIA DE

ESPOSENDE

LARGO RODRIGUES SAMPAIO, 13



FONSECAS & BURNAY
o banco para toda a gente



DL/GERAL

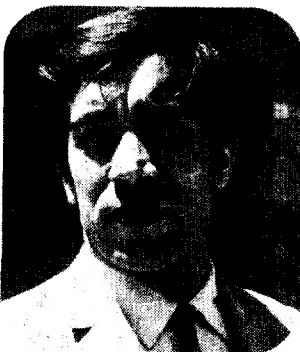
ORA DIGA-NOS ...

TEM MEDO DE ANDAR DE AVIÃO?

De vez em quando, cai um avião. Como as probabilidades de salvação são quase nulas, é natural que muitas pessoas sintam receio de utilizar esse meio de transporte rápido, sem dúvida, mas implacável em caso de acidente.

José Maria Castilho, empregado de escritório:

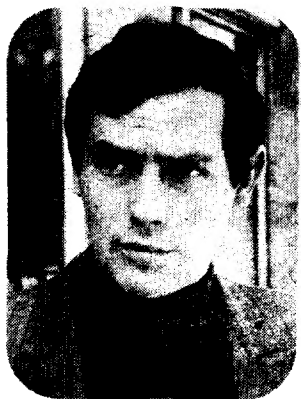
— Não tenho medo nenhum de andar de avião. Já fiz uma viagem de ida e volta, Lisboa-Luanda, e



nham confiança em mim e passavam-me o aparelho para as mãos. Também já viajei, depois disso, várias vezes para Madrid. Prefiro o avião a qualquer outro meio de transporte.

Laurinda de Jesus, vendedora de fruta:

— Nunca andei de avião. Ainda não se apresentou uma oportunidade... tenho viajado pouco. Mas se fosse necessário utilizar o avião, não sentia medo porque vejo ir tanta gente e não acontece mal... Porque havia eu de ter receio?



achei que é um transporte muito cómodo. Quanto a mim, só há o inconveniente de ser um bocadinho caro...

Herlander Artur dos Santos, técnico de máquinas, possui um contacto mais estreito com o avião. Até já foi piloto.

— Quando estive na Base Aérea de Sintra como técnico de simuladores de voo, às vezes, acompanhava os pilotos em exercícios ou experiências no ar. Acontecia, até, que eles ti-



Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

COMPRA

A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre comprando de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos.
RUA DO GARRIDO, 73-A

SÓ SÁBADO

AMANHÃ, das 9 às 13 e das 15 às 19 horas

VENDEMOS COM GRANDES DESCONTOS MATERIAIS NOVOS, COM GARANTIA DEVIDO A PEQUENOS DEFEITOS NA PINTURA

FRIGORÍFICOS • FOGÕES • MÁQUINAS DE LAVAR • RÁDIOS-MÓVEIS • GIRA-DISCOS • LUSTRES, ETC.

AV. ALM. REIS, 91-A — LISBOA

A. OLIVEIRA

MERCADO DA BENEFICIÊNCIA

DEZ ANOS AO SOL E À CHUVA...

— O dinheiro levam eles! Cobrir o mercado é que está quieto! — disparou logo Virgínia da Conceição Romão, uma das muitas vendedoras de peixe — cerca de vinte — do pequeno mercado do bairro da Beneficência, inaugurado, há cerca de dez anos, com promessas de rápida cobertura, que até hoje não foram cumpridas.

TAXAS E PROMESSAS...

— Pagamos à semana, ao mês, de seis em seis meses e ao ano. São impostos, são licenças, ninguém nos perdoa nada. Se chove, temos de fugir com o pescado, que estes toldos não protegem nada. Se faz sol, temos de o despachar logo, senão estraga-se. Vêm moscas, mosquitos, é um não acabar de bicharada.

Fala-nos outra vendedora de peixe: Gracinda Tavares, quase gritando as palavras, enquanto prepara a banca para começar o negócio. Segundo ela, pagam cada semana uma licença de cerca de 9 escudos, por mês entre 150 e 200 escudos — pela banca —. De seis em seis meses pagam ainda a licença de porta aberta, que é de 50 escudos e, realmente, uma taxa também elevada e, segundo elas, incompreensivelmente variável de umas para outras (de 200 até 900 escudos). Funcionam ao todo, no mercado, cerca de meia centena de bancas.

— Isto é uma boa porcaria, já têm arrançados outros mercados até menos antigos do que este, mas nunca se lembram de tratar do nosso. Olhe, são nove horas e daqui a uma hora isto está cheio de mosquitos. Os clientes até já vão a outros mercados por causa disto.

E conclui:

— Ainda por cima fica aqui mesmo ao lado um bairro de barracas, sem esgotos, e o mau cheiro também cá vem parar. Fartamo-nos de pedir à Câmara e a todos os que podem decidir mas não adianta nada. Quando foi a inauguração prometeram que arranjavam logo isto e afinal puseram os toldos que estão cá quase há dez anos.



Vendedores (as) do mercado da Beneficência pedem melhores condições de trabalho. A cobertura, como a gravura mostra, é à base de toldos, quer no Verão, quer durante o Inverno

Certeza de mais e melhor cerveja com Cergal

— A nova empresa cervejeira

Estamos a dias do lançamento no mercado de uma nova marca de cerveja, produzida pela nova empresa, CERGAL — Cervejas de Portugal, S. A. R. L., uma das mais significativas afirmações do actual crescimento industrial do País. Concebida após aturados estudos e realizada em tempo record, esta nova

fábrica independente é um empreendimento novo e dinâmico que faz jus às potencialidades futuras do mercado. Ocupando a vasta área coberta de 19000 m², na Quinta da Agua da Fonte do Cedro, muito próximo de Belas, a Fábrica CERGAL beneficia de condições extremamente favoráveis de ambiente não poluído, tendo o seu projecto sido estudado de modo a aproveitar um lençol de água puríssima, existente entre Caneças e Sintra, que reúne todas as características tidas internacionalmente como padrão para o fabrico da melhor e mais fina cerveja.

Segundo se averiguou junto de um informador da CERGAL, o público consumidor poderá, muito em breve, pedir a nova cerveja e saborear as suas

excepcionais qualidades de vivacidade, corpo, intensidade, de espuma e teor alcoólico já elogiadas por provadores experimentados desta loira e apetitosa bebida.

Uma equipa de reportagem, contactando nalguns pontos de venda os respectivos encarregados e proprietários, pode facilmente detectar o clima de contentamento e expectativa que reina entre os comerciantes pelo facto de surgir uma nova Empresa, neste sector. — «Há muito que devíamos poder escolher...» — desabafou-nos o gerente de uma conhecida esplanada da linha do Estoril, deixando entrever o futuro movimento competitivo que a cerveja CERGAL vem despertar e com o qual o público consumidor seguramente muito irá lucrar.

FÉRIAS DO PESSOAL AUTOMÓVEIS CITROEN S.A.R.L.

ENCERRAM DE 7 A 27 DE AGOSTO

Durante o período de encerramento permanecerá uma equipa de Serviços Rápidos na Oficina da Avenida Defensores de Chaves n.º 12 em Lisboa. A venda de Peças Soltas e Carros Novos está igualmente assegurada.

Outros pontos de Assistência Citroen em Lisboa que não encerram naquele período:

LUBRICAR — Av. Guerra Junqueiro, 7
TECNAUTO — R. Abílio Lopes do Rego, 2
SOVENDO — Av. Infante Santo, 15
SCAL — Av. Columbano Bordallo Pinheiro, 74-C

GARAGEM AUTO-TEJO — R. de Xabregas, 1

Férias do pessoal da Sociedade Ericsson de Portugal, Lda.

Durante o período de 7 a 21 de Agosto todos os Serviços da nossa firma funcionarão em regime semi-encerrado por motivo de férias do seu pessoal.

Por essa circunstância apenas é mantido um reduzido número de funcionários para atender aos casos mais urgentes.

Aos nossos estimados clientes e amigos pedimos o favor da sua amável compreensão pela menos pronta assistência que lhes possa ser dada durante o referido período.

DL/GERAL

EM 3 LINHAS

O «Diário do Governo» (1.ª série) publica, em suplemento, o decreto-lei que aprova o Regulamento Geral das Capitânias.

///

Foi louvado e distinguido com a medalha de prata de serviços distintos o sr. comodoro Carlos Alberto Teixeira da Silva, pelos serviços prestados como comandante naval dos Açores e «as muitas e grandes responsabilidades, quer no âmbito nacional quer na NATO».

///

Por motivo de obras de substituição do soalho por mosaico, encerrou, temporariamente, o Museu do Instituto de Zoologia «Dr. Augusto Nobre», no Porto.

///

Uma portaria do Ministério do Ultramar torna extensiva às províncias ultramarinas, com alterações, a Lei 2.142, de 14 de Maio, de 1962, respeitante ao regime de expropriações de carácter muito urgente.

///

O sr. eng. Cesário Lusindro Pires, da Junta Autónoma de Estradas de Angola foi nomeado, interinamente, engenheiro-chefe (mecânico) da mesma Junta.

///

Está aberto concurso para o preenchimento de uma vaga de analista da especialidade de química, destinada ao Laboratório Nacional de Investigação Veterinária.

///

Foram criados cursos mistos de educação de adultos no distrito escolar de Santarém: freguesia de Aldeia do Mato (concelho de Abrantes); de Benavente (concelho de Benavente) para funcionar em Barrosa; 2.ª da freguesia de Outeiro da Cortiçada (concelho de Rio Maior).

///

O sr. dr. José Paulos da Silva foi nomeado vogal da Comissão Consultiva de Estatística do Ministério das Corporações.

///

Foram nomeados membros da Comissão de Créditos e Seguro de Créditos à Exportação Nacional os srs. drs. José Dionísio de Almeida e Manuel Joaquim de Azevedo Borges Casanova, respectivamente, inspector superior e chefe do contentioso da Inspeção-Geral de Crédito e Seguros, como representantes do Ministério das Finanças, e o último por aquela Inspeção-Geral.

///

Foi exonerado o sr. dr. António Miranda, inspector-geral de Crédito e Seguros, do cargo de vogal representante do Ministério das Finanças na referida Comissão.

///

Foi prorrogado até 28 de Fevereiro próximo o prazo para conclusão de uma instalação, considerada de utilidade turística, a construir em Seia pelo sr. Joaquim Fernandes Ferreira Simões; e foi tornada extensiva às obras de ampliação-construção de mais doze quartos do Hotel Vila Ramos no Funchal a declaração de utilidade turística.

///

Foi nomeado vice-presi-

dente do Município de Macedo de Cavaleiros o sr. eng. Edgar Manuel Madeira, em substituição do sr. João de Sousa Ferreira Pires, exonerado, a seu pedido e com público louvor.

///

O Governo da Irlanda levantou, com efeito a partir de 10 de Fevereiro, a reserva que formulara ao Protocolo de Genebra de 17 de Junho de 1925 sobre a proibição de uso, na guerra, de gases asfixiantes, tóxicos ou similares e de meios bacteriológicos.

///

Foi nomeado o sr. dr. Eugénio José de Ascensão Ribeiro Rosa, médico escolar na Escola Prática de Agricultura de D. Dinis, comissário nacional-adjunto da Mocidade Portuguesa (masculina).

///

As srs. dr.ªs D. Maria Alzira Beça Almoester Moura Ferreira e D. Marieta Amélia da Silveira foram nomeadas definitivamente professoras extraordinárias do 2.º grupo (Química) da 2.ª secção da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

///

Foram autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério do Interior, que atingem 6.669.700\$00.

///

O sr. eng. José Maria Cardoso Domingues substituiu nos seus impedimentos o director da Estação Agrária de Viseu, o sr. eng. Norberto Cardoso de Meneses.

///

Foi autorizada a sr.ª dr.ª D. Maria Raquel Reis Machado Faria, interna do internato complementar de anestesias, em regime eventual autorizada a desempenhar as referidas funções em regime de tempo completo. (São devidos emolumentos).

///

E mantida a comissão de serviço que o pintor Manuel da Silva de Francesco, professor efectivo do 5.º grupo da Escola Industrial e Comercial de Espinho, vem prestando na Telescola.

///

O sr. dr. António Jacinto Ribeiro Matias, delegado do procurador da República da comarca da Guarda foi designado para exercer funções de Director do Estabelecimento Prisional Regional daquela cidade.

Dizem os leitores

DESCONTENTAMENTO EM CHAFÉ

Ainda sobre o caso Anha-Chafé, recebemos do nosso leitor Luís do Carmo Rodrigues de Brito, residente na Estrada Velha, em Anha, a seguinte carta:

«Foi com grande emoção, que no dia 3 do corrente, os paroquianos de Chafé, receberam a nova de que o seu Pároco sr. p. José Torres, não será transferido daquela paróquia.

Cumprindo uma ordem do seu prelado, a notícia foi dada pelo referido pároco durante a missa. Informou também que os três lugares em litigio ficam a pertencer à paróquia de Anha, embora provisoriamente, como aliás a nota oficiosa há dias publicada claramente havia informado.

Viram-se lágrimas de alegria em todos os que se encontravam na igreja. Efectivamente o p. Torres goza de grande estima e consideração pela maneira exemplar como trata sem distinção todos os seus paroquianos.

Seria um contra-senso afastar este bom pastor das suas ovelhas sempre tão ordeiras e resignadas como aliás se verificou no desenrolar da tão falada questão religiosa entre «Anha e Chafé».

Não é o povo de Chafé que está «cego no seu ódio», como inditosamente o sr. presidente da Junta da nossa freguesia declarou há dias ao correspondente do DL, mas sim um povo pacífico, que sabe sempre acatar com obediência e respeito as directivas que superiormente lhe são ordenadas.

Discorda somente de com acentuada razão) de que os lugares do Noval e Lajes, sejam anexados à paróquia de Anha, em virtude de aqueles sítios existirem agregados familiares que sempre pertenceram e desejam pertencer à paróquia de Chafé. E não serão anexados, integralmente, pois ainda há dias foi assegurado à Comissão de Chafé que o assunto em causa seria resolvido com inteira justiça, não havendo finalmente vencidos nem vencedores.

Quanto ao lugar da Estrada Nova de Cima, é de estranhar não se conhecerem todos os lugares que compõem a freguesia de Anha, pois o da Estrada Nova de Cima, surgiu agora com esta designação, para intencionalmente confundir os limites do lugar da Medonha.

Não há portanto ódios por parte dos paroquianos de Chafé

aliás bem mentalizados pelo seu bondoso Pároco, dotado de excelentes qualidades para espi-nosamente bem cumprir a missão que lhe foi confiada. Há sim certo descontentamento em relação ao sr. Presidente da Junta pela maneira favorável e ilícita como se empenhou pela paróquia de Anha, desprezando completamente os paroquianos de Chafé.

Porque motivo o sr. presidente da Junta, presidindo a Comissão de Anha, não aceitou o acordo entre as duas paróquias, aliás proposto pelo prelado, e bem aceite pelos paroquianos de Chafé? Mas não: em vez de tentar o caminho da harmonia, tratou o sr. presidente da Junta de amesquinhar o pároco de Chafé, insistindo constantemente pela sua transferência e melindrando, através da imprensa, os seus paroquianos. Pois devolvemos-lhe essas palavras, na sua totalidade, sr. presidente: não queremos usufruir aquilo que lhe pertence.

Serão esses os deveres a cumprir por um presidente da Junta de Freguesia? Não foi advertido superiormente de não se intrometer num assunto de carácter religioso? Obedeceu?

Será esse o exemplo que incute nos espíritos inocentes dos seus instruídos durante as horas da delicada missão de professor?

É esse o caminho pelo qual resolve os apaziguamentos como juiz de paz?

É fala-se diariamente em extensas colunas nas poluições que afectam a nossa saúde!

Mantivemos o silêncio, não por cobardia, mas pasmados perante esta avalanche de anomalias, e que em nada dignificam o prestígio da nossa querida terra.

Deixemos o assunto a quem de direito, convictos que se faça a devida justiça, pois só esta o bom povo de Chafé reclama.

PROFESSORES

SECUNDÁRIOS

PEDEM FÉRIAS PAGAS

De um grupo de professores secundários, eventuais e provisórios, sem habilitações próprias, que se solidarizam com a exposição entregue por colegas seus no Ministério da Educação Nacional, recebemos a seguinte carta, com pedido de publicação:

«Salários mínimos, férias pagas, garantias de carreira e contra o despedimento e desemprego, protecção das mulheres e dos menores abono de família e subsídios complementares... tudo isso nasceu da legislação e da acção do Estado, sem sofrimento para os trabalhadores» o sublinhado é nosso, mas as palavras são de sr. prof. Marcello Caetano, pronunciadas na Escola Preparatória de Almada, no III Plenário das Comissões da A.N.P. do distrito de Setúbal, segundo notícia publicada na Imprensa em 19/6/72. Por sua vez, o deputado Agostinho Cardoso, na Assembleia Nacional (jornais de 2/2/72), afirmou: «desejo referir-me apenas à situação de desigualdade dos professores eventuais de nível secundário. Entre as reivindicações justas desta classe, uma há que continua a pôr em causa a definição clássica de Estado — pessoa de bem. É o pagamento das férias grandes aos professores eventuais em serviço no ano anterior que o Estado exige há muito nos estabelecimentos de ensino particular e que até agora tem recusado aos professores eventuais».

«Idêntica remuneração para idêntico trabalho produzido», parece ser princípio geral do trabalho, comum e pacificamente reconhecido». A que meios não de recorrer os professores eventuais e provisórios, com habilitação própria ou não, que na sua grande maioria têm um núcleo familiar a seu cargo, para em Agosto e Setembro se alimentarem e fazerem frente às despesas mínimas essenciais? Já não só fala em gozar merecidas férias...

Entendemos também o que deveria ser considerada a data de entrega do requerimento para concurso e não a de entrada ao serviço, de que não cabe qualquer responsabilidade ao professor.

Pensamos igualmente ser de justiça que as providências a tomar entrem já em vigor nestas férias, à semelhança do que se verificou este mês de Julho para os elementos da G.N.R. e da P.S.P.

Agradecemos que estes pontos possam motivar um retomar do tema, na linha de pensamento do sr. ministro da Educação Nacional e confiando no seu alto sentido de justiça, de diálogo,

de compreensão, de esperança e de acção, nos subscrevemos.

SUSPEITA DE EMIGRAÇÃO

Por sua vez o sr. Daniel do Carmo, morador na rua Frei Fortunato de Sá Ventura n.º 28-2.º Esquerdo Lisboa, dirigiu-nos a seguinte carta.

«Peço desde já desculpa do tempo que venho tomar a V. Ex.ª, mas passou-se comigo um caso que me entristeceu e que talvez mereça ser publicado no vosso «Dizem os Leitores».

Através de uma agência de viagens mandei tirar o meu passaporte para ir a França ver o meu filho com quem não estou há cerca de oito anos. Foi-lhe entregue no dia 8 de Junho do corrente ano no Governo Civil de Lisboa, tendo recebido o talão N.º 029771. A minha ida a França era por 8 a 10 dias sendo a viagem de ida e volta paga por meu filho e por via aérea.

Um dia, porém, a agência de viagens mandou-me chamar, para me comunicar que o passaporte me estava interdito por suspeita de emigração!

Não sei que bases foram as que fizeram formular semelhante informação desfavorável, e que, como pode calcular, me causa grande desgosto. Não tenho a mínima intenção de emigrar nem necessidade. Tenho a minha vida organizada aqui e embora não seja velho, estou numa idade em que já não me interessa mudar de ambiente.

O meu único interesse é ir abraçar o meu filho e conhecer os meus netos e a minha nora os quais nunca vi pessoalmente. Isto é humano, penso eu, e não me conformo porque tal me foi vedado.

Para que tal se não repita, aqui fica o meu protesto».

Estrada interrompida

E interrompida, a partir do dia 7, a E. N. 257, na vila de Viana do Alentejo, no itinerário que dá acesso à estação do caminho de ferro de Alcáçovas, e a Alvíto, Portel e Évora. Por esse motivo, será estabelecido um desvio, que funcionará até 7 de Outubro, altura em que estarão concluídas as obras de instalação de um colector de esgotos que motiva os actuais transtornos.

Sindicato Nacional dos Empregados dos Serviços Administrativos da Marinha Mercante, Aeronavegação e Pesca

Sede: Av. Elias Garcia, n.º 123-2.º — Telef. 76 50 23/24
Centro Social: R. da Palma, n.º 278-2.º — Telef. 86 00 34
LISBOA

CONVOCATÓRIA

Nos termos dos Estatutos convoco a Assembleia Geral Extraordinária deste Sindicato a realizar no próximo dia 7 de Agosto (segunda-feira), no Centro Social do Sindicato — Rua da Palma, n.º 278-2.º, em Lisboa, pelas 21.00 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.ª — Discussão e apreciação do despedimento colectivo de pessoal da Companhia Nacional de Navegação.

Não havendo número legal de sócios, a Assembleia funcionará, meia hora mais tarde, com qualquer número.

A qualidade de sócio deve ser comprovada com a apresentação do respectivo cartão.

Lisboa, 31 de Julho de 1972.

Pel' O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Fernando José Alves de Figueiredo

TOYOTA EMPILHADORES eléctricos a gás e a diesel

SALVADOR CAETANO, SARL
VILA N. GAIA —
Quilómetro 1, E. N. 222
Tels.: 9820753 e 9820992
LISBOA —
Av. da República, 45, 7.º Esq.º
Tels.: 76 21 33 e 77 32 88



TOYOTA uma força nova para a indústria

DL/ESTRANGEIRO

RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS ENTRE AS DUAS ALEMANHAS

PROPOSTAS EM BONN



OS REPRESENTANTES DAS DUAS ALEMANHAS: Michael Kohl (República) e Egon Bahr (República Federal), que conferenciaram durante dois dias sobre o estabelecimento de relações diplomáticas normais entre os dois Estados. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

BONN, 4 (ANI) — O secretário de Estado da Alemanha Ocidental, Egon Bahr, vai sugerir ao Gabinete, na próxima semana, o estabelecimento de relações diplomáticas normais entre as duas alemanhas, revelou um funcionário oficial.

Foi também revelado que Bahr apresentará hoje a sua proposta aos ministros, quando o Gabinete se reunir no fim do período de férias de Verão.

Bahr conferenciou durante

dois dias com o secretário de Estado da Alemanha Oriental, Michael Kohl, tendo decidido reunirem-se outra vez no dia 16, na Alemanha Oriental.

As conversações periódicas, tidas oficialmente como «uma troca de opiniões», têm por objectivo encontrar uma fórmula para o estabelecimento de relações diplomáticas normais entre as duas Alemanhas. Só então poderão abordar-se «nego-

ciações oficiais». Tanto Bahr como Kohl afirmaram que houve progressos nas conversações, mas ambos sublinharam as dificuldades encontradas para o seu prosseguimento, contudo, Bahr, depois do encontro, declarou que lhe parecia ter-se atingido um ponto que lhe permite informar o gabinete dos progressos já registados.

A par disto, Michael Kohl afirmou que estudara atentamente as propostas da Alema-

nha Ocidental para o estabelecimento de um acordo. Mas sublinhou que existem muitas arestas a limar até se alcançar este acordo.

A maior discordância consiste na forma que as discussões finais deverão tomar.

A Alemanha Oriental quer que as relações entre os dois países sejam as existentes entre duas nações soberanas, com a troca de embaixadores. Pelo seu lado, Bonn quer que as relações se revistam de um carácter especial — o de dois Estados alemães integrados na nação alemã.

ESPIONAGEM ELEITORAL : O FBI INVESTIGA

NOVA YORK, 4 (F.P.) — O FBI abriu uma investigação contra vários filiados e ex-filiados da Comissão para a Reeleição do Presidente, a fim de apurar que laços os unem a cinco indivíduos presos, em 17 de Junho findo, por arrombamento na sede do Partido Democrático, em Washington. O papel principal parece ter cabido a Charles Colson, conselheiro especial do presidente Nixon. O seu nome e o do adjunto, Howard Hunt, seguidos da anotação «Casa Branca», foram encontrados na agenda de moradas em poder de um dos indivíduos presos em 17 de Junho.

Colson negou e indicou que

Hunt não trabalha para a Casa Branca desde Março findo.

Um dos cinco indivíduos presos teria pouco antes da infracção cobrado um cheque de 25.000 dólares, inicialmente destinado à Comissão para a Reeleição do Presidente. Esse cheque foi primeiramente entregue por Dahlberg, tesoureiro da secção Médio Oeste da Comissão a Maurice Stans, encarregado da colecta de fundos para Nixon. As individualidades em causa tem-se recusado a fazer qualquer declaração. Ziegler, porta-voz do presidente Nixon, e o adjunto Warren, interrogados em várias conferências de Imprensa, não têm

dito nada de preciso sobre o assunto. No entanto, Warren indicou que o presidente tinha dado ordem de cooperarem com os investigadores a todos os que fossem procurados pelo FBI.

Outro aspecto inquietante do caso é o facto de terem pertencido à CIA pelo menos dois dos indivíduos presos. Um deles chefiou até os serviços de segurança do organismo, em Langley, na Virgínia. Hunt também trabalhou para a agência, de 1949 e 1970. Os cinco homens presos na sede do Partido Democrático tinham em seu poder um equipamento completo de material electrónico, destinado provavelmente à instalação de um serviço de escuta.

COMBATES A 80 KM DE SAIGÃO

SAIGÃO, 4 — (R) Unidades da infantaria governamental, tentando sustar a infiltração cada vez maior de norte-vietnamitas na região do Delta do Mecong, travaram novos combates em tropas comunistas a apenas 80 quilómetros da capital.

O comando de Saigão publicou hoje que se lutou durante todo o dia de ontem na extremidade sul da planície dos Canaviais, uma área pantanosa desabitada que é a principal rota de infiltração dos comunistas desde os seus santuários no Camboja até à populosa região do Delta, rica em agricultura.

O comando disse que os combates, em que morreram 70 soldados do Vietcong e norte-vietnamitas, se registaram à volta da cidade de Cai Lay, que atravessa a rota 4, a principal ligação entre Saigão e o Delta. E nesta área que a maior concentração de tropas norte-vietnamitas tem sido detectada.

Um informador de Saigão disse que as tropas governamentais foram apoiadas pela artilharia e aviação quando avançaram através da planície pantanosa. Acrescentou que não se registaram baixas entre os sul-vietnamitas.

CERCO A QUANG TRI

Na longínqua região setentrional do Vietname do Sul, anunciou-se que uma força de 1500 fuzileiros navais estava a apertar o seu cerco a Quang Tri, antes de um aguardado assalto

à cidadela, situada no seu centro.

Os fuzileiros tentam bloquear a principal rota de abastecimento comunista, vinda do norte e através do rio Han, para ocidente, isolando unidades norte-vietnamitas ainda entrançadas nas áreas residenciais da cidade e dentro da fortaleza da cidadela.

O informador de Saigão comunicou que ontem foram mortos vinte comunistas em dois combates perto da cidadela. As baixas governamentais foram de um morto e 12 feridos.

Entretanto bombardeiros pesados americanos continuaram a atacar tropas comunistas concentradas a norte de Quang Tri.

BOMBARDEAMENTO DE DIQUES

HONG KONG, 4 — (FP) — O ministro norte-vietnamita dos Negócios Estrangeiros afirmou ontem que a aviação americana continua a bombardear os diques e as obras hidráulicas em território norte-vietnamita apesar das declarações oficiais americanas que afirmam estarem a ser evitados tais ataques, anunciou ontem a agência NVA captada em Hong Kong.

A agência afirma que durante o último ataque foi destruído um troço do dique no distrito de Thai-Thuy, província de Thai Binh, bem como a barragem de Nam Dan na província de Nghe An.

O DEPARTAMENTO DE ESTADO DESMENTE

John King, porta-voz do Departamento de Estado reafirmou ontem que o bombardeamento dos diques do Vietname do Norte não estavam dentro da estratégia americana. «Se realmente acontecem, é porque se trata de erros», acrescentou.

O porta-voz do Departamento de Estado que faltava numa conferência de Imprensa declarou por outro lado ignorar o uso de bombas com retardador no Vietname bem como a destruição duma porção de diques no rio Chalaín em That Binh.

DERROTA DE NIXON NO SENADO

WASHINGTON, 4 — (ANI) — O presidente Nixon perdeu ontem no Senado o primeiro assalto da luta com o Congresso. Este não aceita que o chefe da Casa Branca seja o único árbitro da situação dos Estados Unidos no Vietname. Ao referir-se à medida aprovada no Senado para a retirada total do corpo expedicionário americano da Indochina, o porta-voz da Casa Branca disse: «Pensamos que esse género de emendas não contribui para os nossos esforços com vista a pôr termo à guerra rapidamente».

O facto é que o Congresso americano mostra cada vez mais pressa em acabar com a guerra e é de crer que volte à carga novamente antes das próximas eleições presidenciais.

CÓLERA E FOME NAS FILIPINAS EM CONSEQUÊNCIA DAS CHEIAS

MANILA, 4 (R) — Registraram-se casos de cólera na ilha de Luçon, no norte das Filipinas, onde três semanas de cheias mataram cerca de 40 pessoas e ameaçam com a morte pela fome mais alguns milhares.

O Centro Nacional de Coordenação do Desastre (C.N.C.D.) revelou hoje que se registaram quatro óbitos confirmados devido à cólera e que estavam a ser recebidas, cada vez em maior número, notícias de muitas vítimas das cheias sofrerem da terrível doença.

Um informador disse que mais de 170 pessoas estavam a ser tratadas em hospitais, visto

sofrerem de cólera — 162 da área de Manila e as restantes das províncias inundadas ao norte da capital.

O CNCD informou que brigadas médicas, equipadas com vacinas contra a cólera, se dirigiam para as províncias assoladas ao norte de Manila.

O balanço trágico das piores cheias que já assolaram as Filipinas é agora de 397 mortos e os víveres estão a escassear perigosamente em muitas das áreas de desastre, ainda isoladas dos principais centros de abastecimentos.

O presidente Ferdinando Marcos revelou ontem à noite

que ordenara às autoridades para apressarem a distribuição de abastecimentos de socorro, a seguir a notícias de que vítimas esmorecidas das cheias ameaçavam assaltar armazéns que suspentavam ter víveres.

Cerca de dois milhões de pessoas foram afectadas pelas inundações e milhares de casas foram levadas pelas cheias.

Entretanto, contrastando com toda esta tragédia, o sul das Filipinas tem sido assolado pela estiagem.

Na área da província de Davao, na Ilha de Mindanao, ao sul do arquipélago, está a faltar a água potável.

SUPOSTO DIÁLOGO ENTRE DIRIGENTES RUSSOS DESCRITO POR HEYKAL

CAIRO, 4 (FP) — Registraram-se violentas discussões entre os dirigentes da URSS após a decisão do Egipto de pedir a retirada dos conselheiros soviéticos, escreve hoje na sua crónica semanal Hassanein Heykal, chefe de redacção do órgão oficial «Al Ahram».

Heykal, que não cita a fonte das suas informações, apresenta o seguinte diálogo: Leonid Brejnev: «Fiz tudo quanto podia para conseguir que os egípcios anulassem a sua decisão. Trata-se agora de saber o que devemos fazer». O responsável pelos serviços soviéticos de informações: «Não teriam estado elementos estrangeiros na origem dessa decisão?» (Segundo Heykal, esse responsável teria citado os rumores de uma edição do ministro saudita da Defesa entre Washington e o Cairo. Depois de rejeitar a hipótese duma intervenção da Europa Ocidental, ter-se-ia igualmente referido a uma «pressão interna que levou o chefe do Estado egípcio

a tomar aquela medida»).

Ainda segundo o chefe de redacção do «Al Ahram», o ministro da Defesa soviético, marechal Gretchko, teria dito pela sua parte: «A presença soviética no Egipto era uma vantagem estratégica. Os nossos aviões de reconhecimento no Egipto acompanhavam regularmente os movimentos da VI Esquadra

americana. Os pilotos soviéticos que asseguravam a defesa em profundidade do Egipto constituíam igualmente uma cobertura aérea para a nossa esquadra no Mediterrâneo. Essa situação mudou. Podemos mesmo facilitar as concessões à nossa esquadra».

Por seu turno Ponomarev, membro do directório político

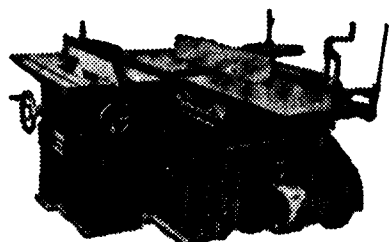
do Comité Central, perguntou: «Não se teria o coronel Gaddafi metido nesta questão? Esse homem é um mistério para nós».

O marechal Gretchko teria intervido novamente para dizer: «Será que vamos deixar o Próximo Oriente aos americanos para eles fazerem o que quiserem?».

«MIDA»

UMA FÁBRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA



MAQUINA UNIVERSAL Mod GDFT

Fábrica: TROFA (Tel. 94923/4/5)

FILIAL EM LISBOA:

AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)

CALEIDOSCÓPIO

SAN FRANCISCO (Califórnia), 4 (ANI) — Foram já efectuadas, na URSS, quatro operações de transplantação do coração, mas em todos os casos os doentes morreram — declarou aos jornalistas o ministro soviético da Saúde, dr. Boris Petrovsky, à chegada a San Francisco para uma visita de quatro dias às instalações hospitalares da Califórnia. Era acompanhado pela esposa e por quatro ou-

tros funcionários soviéticos. A visita do ministro soviético insere-se no recente acordo conjunto soviético-americano sobre cooperação no campo da saúde.

ACIDENTE MIRACULOSO

OKLAHOMA CITY, 4 (ANI) — Eugene W. Phillips caiu no seu vestíbulo, feriu as costas com um pau e bateu com

a cabeça no chão. Foi o que de melhor lhe podia ter acontecido. Phillips tem estado doente durante a maior parte dos últimos 16 anos. O acidente, que sofreu há uma semana, auxiliou-o a recuperar parcialmente a vista. «Foi um milagre», diz Phillips, antigo ás de «rodeo», agora com 60 anos. Ao acordar, na manhã seguinte, percebeu-me que podia ver as paredes do meu quarto. «Quando concluí que realmente podia ver, olhei pela janela do meu quarto e vi o prédio que está do outro lado da rua».

DL/ESTRANGEIRO

O EGIPTO PREPARA-SE PARA COMPRAR ARMAS INGLESAS

CAIRO, 4 — (ANI) — Foi com satisfação que o primeiro-ministro egípcio, Aziz Sidki, se referiu ontem à comunicação do Governo de Londres segundo a qual a Inglaterra estaria disposta a examinar o pedido egípcio para a compra de armas — escreve o oficioso «Al Ahram».

Na sua declaração difundida pela agência Médio Oriente, o primeiro-ministro disse que o Egito «ficaria reconhecido a todos os países que lhe fornecessem armas para resistir à agressão israelita».

O Egito parece assim confirmar as informações segundo as quais uma missão egípcia iria brevemente a Londres para negociar a compra de armas britânicas — comenta o jornal.

O presidente Sadat anunciou já há algum tempo que o Egito procuraria novas fontes para a aquisição de armas, como medida de precaução contra um eventual embargo de armas pela URSS.

Sabe-se que a França manteve a sua decisão de fornecer aviões Mirage à Líbia apesar do plano de fusão entre este país e o Egito.

NOVA SITUAÇÃO

TEL-AVIV, 4 — (ANI) — A saída dos russos do Egito, o mês passado, criou uma nova situação no Médio

Oriente, que poderia conduzir à paz — afirma o vice-primeiro-ministro egípcio Yigal Allon, num artigo publicado do «Davar», a propósito do segundo aniversário do cessar-fogo no Médio Oriente.

Allon declara que a paz deve ser conseguida sem a interferência de estranhos, unicamente pelas partes interessadas e acrescenta que há para isso duas possibilidades: um acordo total ou um acordo temporário com base na reabertura do Canal de Suez, tal como foi proposto pelos Estados Unidos.

Allon acentua que prefere a primeira hipótese.

POSSIBILIDADES

O vice-chefe do Governo salienta que o Egito não perderia as suas possibilidades de negociação se «decidisse abrandar a tensão militar e dirigisse o grosso do seu potencial e da capacidade nacional para o desenvolvimento do país» e nota: «Mesmo que aceitássemos a teoria de que o êxodo russo do Egito reduziu praticamente o poderio militar desse país «O Egito não deve temer uma iniciativa militar israelita porque Israel não deseja vitórias militares, mas sim uma paz verdadeira».

O ministro conclui o seu artigo afirmando que tudo quanto diz a propósito do Egito se aplica à Jordânia.

NO REINO UNIDO

COMEÇA A FALTAR A CARNE

LONDRES, 4 — (ANI e FP)

— A proclamação do estado de emergência motivado pela greve dos estivadores tem já garantido uma ampla maioria, declarou ontem à noite numa reunião privada dos parlamentares trabalhistas que o gabinete fantasma apoiaria a decisão do Governo conservador dadas as circunstâncias em que foi tomada.

Esta posição demonstra o desejo dos meios políticos de não afectarem os esforços de conciliação dos autores do relatório sobre a reforma das docas, o secretário-geral dos sindicatos dos transportes, Jack Jones e Lorde Aldington presidente da Comissão das Indústrias Portuárias.

Sabe-se igualmente que para não despertar a susceptibilidade dos estivadores, o Governo tenciona usar da máxima discrição no recurso às medidas que lhe permite adoptar o estado de emergência.

A acompanhar o estado de emergência provocado pela greve portuária em Inglaterra, o Governo pediu ao público para

não armazenar alimentos, ao mesmo tempo que os comerciantes de carnes comunicavam ser muito possível que, nos restaurantes e hotéis, os bifes venham a faltar.

Entretanto, informadores do Governo afirmaram que não se esperam nestes tempos mais próximas faltas de víveres essenciais como farinha, carne, óleos vegetais, gorduras e açúcar.

O ministro da agricultura, James Prior, advertiu, contudo, as donas de casa de que uma «corrida às lojas daria origem a faltas desnecessárias e à subida do preço».

Os fabricantes de ração para animais anunciaram que vão reduzir o teor de proteínas nos seus produtos para assim puderem prolongar a existência das suas reservas em diminuição.

Os lavradores da ilha de Guernsey, no canal da Mancha, assinaram um acordo para o transporte aéreo do tomate para a Inglaterra para obstemem aos prejuízos resultantes da deterioração do produto.

Por toda a ilha há pilhas de tomate que apodrece.

MUSKIE PROVÁVEL SUCESSOR DE EAGLETON

WASHINGTON, 4 (ANI e FP) — É muito possível que o senador George McGovern escolha para candidato à vice-presidência o senador Edmund Muskie — afirmaram colaboradores do candidato democrático à presidência que acrescentaram ser provável que o senador do Dakota do Sul faça uma comunicação neste sentido muito em breve.

Ontem McGovern deu a en-

tender que a sua escolha recaia sobre Muskie.

«Não será tomada qualquer decisão enquanto eu não tiver uma longa conversa com Ed Muskie» — afirmou McGovern, acrescentando que já tinha consultado funcionários do Partido acerca da candidatura de Muskie.

McGovern revelou ainda que três outros senadores — Hubert Humphrey, Edward Kennedy e

Abraham Ribicoff — lhe tinham voltado a dizer que não estavam interessados na candi-

datura à vice-presidência.

Não disse, porém, se lhes tinha feito a oferta.

AINDA SKIRAT

MADRID, 4 (F. P.) — Um dos oficiais marroquinos que tomou parte no motim de Skirat contra o rei Hassan II, em Julho de 1971, foi preso pela polícia espanhola e encontra-se actualmente detido em Madrid — soube-se nesta cidade.

Trata-se do capitão Mohamed Raj, condenado à morte à revelia, que conseguiu alcançar a Espanha e que foi preso em circunstâncias que se ignoram, na Corunha, em 17 de Maio último, e depois transferido pa-

ra a prisão de Carabanchel em Madrid.

A LÍBIA DESAPARECE

A Líbia é o país africano com maior rendimento «per capita». O que não quer dizer que os libios sejam sequer os que vivem melhor em África e, menos ainda, que vivam bem. Os dois milhões de libios ocupam um território imenso, desértico, mas com um subsolo riquíssimo em petróleo. Mas a Líbia, ao que parece, vai acabar. Os dois milhões de libios, que nunca chegaram a usufruir os benefícios que lhes poderiam vir do «ouro negro» vão ter que o partilhar com 34 milhões de egípcios. Partilhar é uma maneira de dizer. Os rendimentos do petróleo serão, é certo imediatamente partilhados nas estatísticas. Resta, porém, saber se os egípcios, o povo egípcio, se dará conta disso.

A nova união árabe veio trazer alguma luz sobre as razões que teriam levado os governantes egípcios a exigir o repatriamento dos conselheiros soviéticos. É sabido quanto o coronel Muammar Gadafi abomina o comunismo, na defesa do «socialismo» mao-metano. Sadat cobiça os pingues rendimentos dos areais libios.

É natural que assim seja. Nem o sucessor de Gamal Nasser está só no mundo. Há muito quem olhe com pupilas reluzentes o petróleozinho do coronel de Trípoli. Sadat trocou o acesso às riquezas do deserto vizinho pela partida dos soviéticos.

De qualquer forma, esta nova união parece destinada a ter maior viabilidade

que as anteriores junções do Egito com a Síria. A Líbia é, em primeiro lugar, vizinha do Egito. A sua eventual e provável instabilidade pode com relativa facilidade ser dominada pela estabilidade (agora



A. VILLVERDE CABRAL

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

um pouco periclitante) do Egito.

Ao contrário da Síria, a Líbia não tem uma longa tradição de Governo republicano, a classe política é pequena como pequena é a população. Tudo indica que, dentro de um prazo mais ou menos curto, o Egito absorverá completamente, como aliás foi tentado no tempo de Nasser em relação à Síria.

As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos últimos modelos.

GRANDE OURISSERIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

A C. P. INFORMA:

LINHAS DO MINHO E DOURO

A fim de dar satisfação aos pedidos que nos têm sido dirigidos, a partir de 5 de Agosto e a título experimental, os comboios abaixo indicados efectuarão paragem nas estações e apeadeiros que se mencionam para cada caso.

Comboios	Estações	Horas de partida
5011	Barroselas	9-25
5012	Moledo do Minho (1/7 a 30/9)	9-34
5017	Moledo do Minho (1/7 a 30/9)	20-58
5018	Barroselas	22-23
6010	Paredes	12-40
6011	Recarei	12-57
6012	Caíde	10-43
6013	Caíde	16-54
	Paredes	17-11
	Recarei	15-07
	Paredes	15-26

ATENÇÃO:—Estas paragens serão suprimidas se se verificar que o movimento de passageiros as não justifica.

Fica autorizado o serviço de passageiros nas seguintes paragens técnicas:

5011	Trofa	8-34
	Famalicão	8-44
	Carreço	9-47
5012	Carreço	9-47
	Barroselas	10-09

ESTREIA
ÀS 21.45 H.

ROMA
GRUPO D - 18 ANOS

ALMA PERVERSA E SEM ESCRÚPULOS,
CONHECEDORA DAS FRAQUEZAS HUMANAS
E DE TODOS OS PECADOS DA CARNE...



Memórias de uma Alcoviteira

(THE PROCURESS)

JULIAN MATEOS ELISA RAMIREZ
AMELIA DE LA TORRE

Realização de CESAR ARDAVIN

EASTMANCOLOR

Doperfilme

JULGAMENTO DE "TUPAMAROS" GREGOS



Oito gregos «tupamaros» (movimento da oposição recentemente constituído) começaram a ser julgados em Atenas por actividades contra a segurança do actual regime.

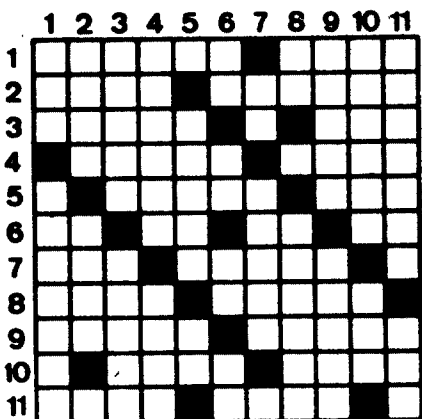


palavras cruzadas

COM PROVÉRBO
PROBLEMA N.º 10156

HORIZONTAIS

- 1 Destruía. Planta acerácea
- 2 Tempo do verbo ir. Rumine.
- 3 Cidade de Portugal. Troncos.
- 4 Áridos. Decoro.
- 5 Arquipélago dos Navegadores. Ave da família dos láridas.
- 6 Prefixo que designa afastamento. Batráquio. Confira (abrev). Aragem.
- 7 Pedras de amolar. Cumpre.
- 8 Parte do lombo dos bovinos entre a pá e o cachaço. Egua (Bras).
- 9 Esmagar. Pequena cidade da antiga Beócia.
- 10 Rei da Baviera que atacado de loucura foi enclausurado no castelo de Fustenberg. Desordem (fig).
- 11 Empreendo. Apertas molhos



VERTICAIS

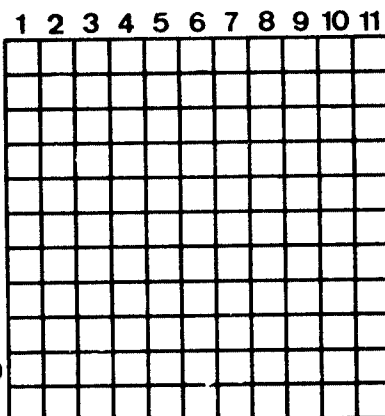
- 1 Mitologia. Cor avermelhada.
- 2 Argolas. Lábios.
- 3 Receias. Estampilhas.
- 4 Dar massagens a. Tojo.
- 5 Romântico (estilo). Rádio (s.q.).
- 6 Alteza Real. Isolado. Deus dos pastores. Alternativa.
- 7 Pronome pessoal. Provoca.
- 8 Actínio de coco seca e preparada para se lhe extrair o óleo.
- 9 Indígenas que habitam nas margens do rio Maracá no estado de Amazonas. (Bras).
- 10 Resumo. Anel.
- 11 Nivel (fig). Empunhei.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 6314

HORIZONTAIS

- 1 Cidade da Jónia. Veneno vegetal preparado pelos índios da América, para com ele envenenarem as flechas (Bras).
- 2 Troças. Marquem o peso da lã a em.
- 3 Artigo definido. Corda de reboque Solitário.
- 4 Guarda das várzeas e dos palmares (T de Goa) Transpira.
- 5 Gostar muito de. Rio de Portugal.
- 6 Planta têxtil Restos mortais.
- 7 Ecoa Tenso.
- 8 Saudável. Riqueza, haveres.
- 9 Tempo do verbo ir. Rente. Doutor.
- 10 Um dos pontos cardiais. Título do soberano da Tunísia.
- 11 Freguesia do concelho de Vinhais. Filtrar.



VERTICAIS

- 1 Substituições. Cidade de França.
- 2 Aqui está. Rio de Portugal. O sono das crianças.
- 3 Ósmio (s.q.). Bigorna de aço sem hastes. Entoneça.
- 4 Possuirás. Ave da família dos láridas.
- 5 Tempo do verbo ir. Rio de França. Érbio (s.q.).
- 6 Fileira. Prefixo que designa ar.
- 7 Nome antigo da nota musical dó. Princípio. Coisa (ant).
- 8 Chefe etíope. Pronome demonstrativo (pl).
- 9 Anéis. Catedrais. Boro (s.q.).
- 10 Nota musical. Bois selvagens. A mais velha de determinadas mulheres.
- 11 Eviditha. Aprazer.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10156

HORIZONTAIS

- 1 Vasta. Assar.
- 2 Abara. Porta.
- 3 Ganir. Ocas.
- 4 Ano. Rãs.
- 5 Passa. Marat.
- 6 Os. Fie. Se.
- 7 Abarcam.
- 8 Pena. Rami.
- 9 Arole. Daria.
- 10 Sósia. Emito.

VERTICAIS

- 1 Vaga. Polpes.
- 2 Aba. Cás. Eró.
- 3 Sana. Anos.
- 4 6. Irn.
- 5 Aaro. Ata. Ma.
- 7 Apor. Mec. De.
- 8 Socara. Aram.
- 9 Sars. Mari.
- 10 Ali. Nas. Mit.
- 11 Raso. Talião.

PROVÉRBO Pena de Talião.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6313

HORIZONTAIS

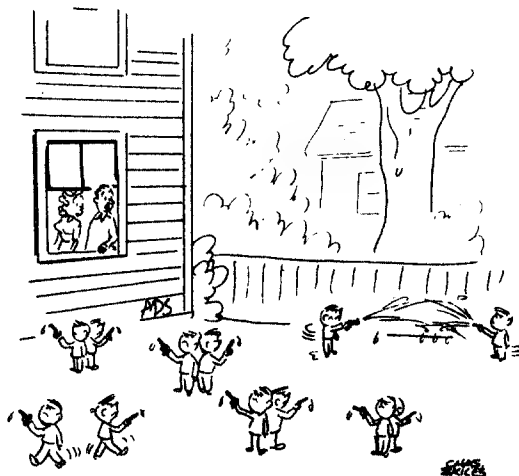
- 1 Banialuca.
- 2 Maira.
- 3 Ab. Sa. Mo. AT.
- 4 Taa. Rua. Omo.
- 5 Orla. Irosos.
- 6 Levar.
- 7 Recama.
- 8 Elo. Ara. Aaz.
- 9 Ga. Ul. Ri. Ru.
- 10 Trabuto.
- 11 Muar. Momo.

VERTICAIS

- 1 Bato. Rego.
- 2 Barrela.
- 3 Am. Al. Co. Tu.
- 4 Nas. Ala. Ura.
- 5 Içar. Emalar.
- 6 Aa. Uivar.
- 7 Limara. Arum.
- 8 Uro. Oro. Lio.
- 9 Ca. Os. La. Om.
- 10 Amolgar.
- 11 Elos. Azuá.



Por favor, querida, eu não quero que a minha secretária nos veja assim!



Achas que isto será por causa daquela miúda Cristina que veio agora morar cá para o bairro?

HOQUEI EM PATINS

DESPORTOS

SORTE EVITA SURPRESA

Confirmado.

Portugal não sabe jogar contra equipas fracas. O que já havia acontecido, por exemplo, contra os Estados Unidos, voltou ontem a acontecer contra a Bélgica, quando o cinco «luso» experimentou sérias dificuldades para triunfar (por 4-1) ante um adversário de inferior nível técnico, como é a Bélgica.

Muitos portugueses presentes na Corunna sentiram calafrios ao ver como se desenrolavam as operações no ringue e, mormen-

outro modo, o nervosismo dos jogadores e a progressiva confiança dos belgas nas próprias possibilidades poderia deitar tu-

constantes gritavam «Bélgica, Bélgica, Bélgica», como se da Espanha se tratasse.

Táctica belga: não se incomodar com o que se passava no nosso meio ringue. Recolhendo todos os jogadores para junto da banha de Leidenedorff trocavam a bola nas calmas, atraíam os portugueses e, quando viam Reis e Rendeiro fora das suas posições, partiam rapidamente para o contra-ataque e para o golo. Marcaram apenas um.



Contra a Holanda, a mais sensacional exibição do cinco luso. Até Reis, o defesa, vai lá frente atirar com a gana que a imagem demonstra

te, a partir da altura em que a Bélgica marcou o seu golo, próximo do intervalo, colocando a marca em 2-1. Valeu-nos a circunstância de, entretanto, ter chegado a pausa, pois, de

do a perder. O público apoiou os adversários de Portugal de princípio a fim e quando o intervalo se aproximava o clima era quase de loucura e histerismo. Em bloco, os milhares de cir-

mas valha a verdade que mereciam mais. A sorte de Portugal evitou em certos momentos o que seria a maior surpresa do «mundial».

Portugal abriu (praticamente) com dois golos: de Rendeiro e Livramento. A Bélgica reduziu a desvantagem aos 11 minutos. Na segunda parte, a Bélgica intensificou as cautelas, marcando ferozmente os mais perigosos jogadores portugueses e apenas uma grande jogada de Livramento, concluída superiormente por Barros, pôde trazer algum descanso às nossas hostes. O golo definitivo foi marcado por Livramento, de grande penalidade, a punir uma rasteira ao próprio número quatro.

A selecção portuguesa não jogou mal, como em alguns encontros deste campeonato (em que desilidiu até os mais optimistas). Mas, o que sucedeu foi a tática inteligente da Bélgica reduzir possibilidades e o facto de os golos pouco contarem e, por via disso afrouxar o entusiasmo dos hóqueístas lusos.

Árbitro: O suíço Thiler. Equipas:

PORTUGAL: Vítor Domingos, Reis, Júlio Rendeiro (1), Livramento (2), Chana, Salema, Luis Barros (1).

BÉLGICA: Leidenedorff, Depuys, Rabau, De Blecker, Meulemans (1), Wuyts e Van Camp.

Hoje disputam-se os jogos seguintes: Alemanha-E. U. A. (17 horas), Austrália-Nova Zelândia (18), Itália-Holanda (19).

OS OUTROS JOGOS DE ONTEM

ESPAÑA, 3-
-ALEMANHA, 0

Árbitro: Santos Cardoso (Portugal).

ESPAÑA: Garcia Villalonga, Villa (1), Sabater (1), Nogué (1), Fido e Chereols.

ALEMANHA: Strucksberg, Gortner, Jex, Ehrhardt.

ORLANDO
DIAS AGUDO
no «Mundial»
da Corunha



ESTADOS UNIDOS — Dave Stinson, Trussel (3), Dicki, Davies e Hickaby.

Ao intervalo: 3-1.

HOLANDA, 11-
-NOVA ZELÂNDIA, 2

Árbitro: Martínez (Espanha).

HOLANDA — Zuidgeest, Gemmerk (1), Tamens (2), Olthoff (5), Habraken (1), Waterschoot (2) e Ek.

NOVA ZELÂNDIA — Mudgway, Dufty, Farham.

Mackie, Money (2) e Over.

Ao intervalo: 7-1.

CHILE, 3-
-AUSTRÁLIA, 1

Árbitro: Meyer (R. F. Alemã).

CHILE — Sanchez, Sotto, Gonzalo, Madariaga (2), Erazo (1) e Rifferi.

AUSTRÁLIA — Gordon, Shaperd, Viney, Turner (1) e Carrail.

Ao intervalo: 1-0.

JACTO ÀS 3.ªS FEIRAS

Sairam os números 38, 39 e 40
que iniciaram o concurso.

Não percas uma oportunidade para adquirires a colecção do «JACTO», princípio da tua biblioteca e para te habilitares aos magníficos prémios que estão para sortear.

Visita a Feira Popular de Lisboa onde os poderás admirar e, em breve, noutras localidades do País onde será exposto o 1.º prémio.

O «JACTO» nasceu para te recrear e iniciar nos mais jovens o gosto pela boa leitura. Experimenta ler as sugestivas histórias que o «JACTO» insere e ficarás leitor assíduo.

Ele custa-te apenas \$500 por semana e se o assinares poupas uns cobres que podes investir noutra utilidade.



APRESENTA: concurso

PROTECÇÃO
DE NATUREZA

PRÉMIOS:

- 1 — UMA MOTORETA - MOTOGRAZIELA
- 2 — UM GRAVADOR COM CURSO DE LÍNGUAS - PHILIPS
- 3 — UM BARCO DE BORRACHA - CAPARICA
- 4 — UMA TELEFONIA - SIERA
- 5 — UM ELECTROFONE - PHILIPS
- 6 — UMA BICICLETA
- 7 — UMA BICICLETA
- 8 — CHEQUES - DISCO NO VALOR DE 900\$00
- 9 — CHEQUES - DISCO NO VALOR DE 700\$00
- 10 — DUAS BOLAS (UMA DE BASQUETEBOL E UMA DE VOLEIBOL)
- 11 — UM BARCO DE BORRACHA - CASCAIS
- 12 — UMA BOLA DE BASQUETEBOL E UMA MÁQUINA FOTOGRAFICA
- 13 — UMA BOLA DE VOLEIBOL E UMA MÁQUINA FOTOGRAFICA
- 14 — CHEQUES - DISCO, NO VALOR DE 445\$00
- 15 — UM COLCHÃO DE PRAIA
- 16 — UM COLCHÃO DE PRAIA
- 17 — CHEQUES - DISCO, NO VALOR DE 300\$00
- 18 — UMA BOLA DE BASQUETEBOL E UM JOGO DE PINGUE-PONGUE
- 19 — UMA BOLA DE VOLEIBOL E UM JOGO DE «BADMINGTON»
- 20 — UMA MÁQUINA FOTOGRAFICA - CERTINA
- 21 — 21 AO 100 ASSINATURAS SEMESTRAIS DE «JACTO»

As condições do CONCURSO são simplesmente estas:

Primeiro — «JACTO» publicará, em separado e durante 12 números, 24 cromos e 24 vinhetas, em números de 2 de cada, por publicação;

Segundo — Cada duas vinhetas devem ser coladas num postal que nos deve ser enviado através dos C. T. T. de modo que venha carimbado das estações dos Correios;

Essas duas vinhetas devem ser coladas num postal e enviadas para CONCURSO PROTECÇÃO A NATUREZA, «JACTO», Apartado 2116, Lisboa.

Os postais deverão indicar, bem legíveis, o nome e a morada do remetente e NÃO nos devem ser enviados dentro de qualquer sobrescrito, pois só serão válidos os que trouxerem o carimbo dos C. T. T.

Terceiro — Se todos os leitores nos enviarem as 24 vinhetas, duas em cada postal, ficarão automaticamente com 12 possibilidades de ser premiado. No entanto podem enviar o número de postais que quiserem, sem qualquer limite.

Quarto — Os postais serão numerados por ordem de recepção na nossa redacção, sendo esse o número que irá habilitar os leitores aos prémios.

Quinto — Serão considerados para o sorteio todos os postais que nos sejam enviados, a partir do começo da publicação dos cromos, até 2 de Dezembro de 1972; Sexto — O sorteio final será efectuado na nossa sede, na Rua de «O Século», número 63, em Lisboa, na presença de representantes da autoridade, pelas 18 horas, do dia 6 de Dezembro de 1972.

NÃO SERÃO ADMITIDOS AO SORTEIO FINAL:

Primeiro — As vinhetas que nos sejam enviadas dentro de envelopes, mesmo que venham coladas num postal;

Segundo — Todos os postais que não tragam o carimbo dos Correios.

No «JACTO» número 38 foi incluído, sem qualquer aumento de preço, o mapa-«poster» onde deverão colar os vossos cromos. Repetimos esse mapa-«poster» fica em vosso poder. Não o enviem para o Concurso, pois não é necessário... e não será devolvido!

O MUNDIAL EM APONTAMENTOS

Portugal pode perder hoje contra a Argentina e ganhar de igual modo o Mundial de Hóquei em Patins. O goal-average geral assim o diz, desde que, no último dia se vença a Espanha. Ficariamos com o resultado entre os dois, nessa circunstância empatados em pontos, favorável. Daí que os hóqueístas portugueses tenham, fundamentalmente, jogado «para ganhar» à Bélgica, desinteressando-se do resultado.

Contra a Alemanha, a Espanha fez excelente jogo, mostrando as mesmas características que vem evidenciando ao longo do XX Campeonato do Mundo. Três-zero foi o resultado justo e o árbitro português (Cardoso) expulsou um alemão (Kipp) e advertiu um espanhol (Nogué). Só que este último não esteve com cerimónias e voltou-lhe pura e simplesmente as costas...

Na tarde de hoje efectua-se a Assembleia Geral do Comité Internacional de Rínque Hoquei. Competições a confirmar: Campeonatos da Europa-1973 em Zelóni (Alemanha) e 1975 em Milão; Campeonatos do Mundo-1974 na Colômbia; Europeu de Juniores-1973 em Lisboa. O membro português do Comité Internacional vai tentar a votação e tem votos suficientes já garantidos. Em relação ao «Mundial» de 74 conta-se com Luanda como cidade suplente.

Calcula-se que cerca de 3000 portugueses assistam ao jogo de amanhã com a Espanha. Para isso estão a chegar excursões do Norte do País em número impressionante.

Hoje, à noite, a Argentina discute contra nós o direito ao terceiro lugar que é, precisamente, da Alemanha. Os nossos jogadores prevêem uma partida ajustada às suas características. Isto é: um adversário aberto e a procurar o golo.

Vaticínios dos hóqueístas portugueses para o seu jogo de hoje com a Argentina: Elias: 5-1; Garrancho: 4-0; Chana: 3-0; Livramento: 4-1; José Carlos: 5-1; Cristiano: 6-2; Salema: 4-1; Ramalheira: 3-1; Barros: 5-0; Relvas: 7-0.

DL/DESPORTOS

Sorteios do futebol PORTO-SPORTING LOGO NO 1.º DIA

Os sorteios do futebol estão feitos. Começam, agora, as contas e os sonhos dos adeptos de cada emblema. Entretanto, vejamos como ficou ordenado o calendário da jornada inicial do «Nacional» da primeira divisão a disputar no dia 10 de Setembro, nos campos dos clubes indicados inicialmente: Atlético-Montijo, Benfica-Leixões, Guimarães-Boavista, Farense-Beira-Mar, U. Tomar-U. Coimbra, F. C. Porto-Sporting, V. Setúbal-Barreirense e C.U.F.-Belenenses.

A segunda divisão, também para esse dia, ficou assim escalonada:

ZONA NORTE: U. Lamas-Covilhã, Oliveirense-Gil Vicente, Académica-Penafiel, Vila-Novense-Fafe, Tirsense-Sp Braga, Salgueiros-Saioanense, Varzim-Riopele e Famalicão-Sp. Espinho.

ZONA SUL: Peniche-Marinhense, C. Piedade-T. Novas, Sesimbra-Oriental, Tramagal-Olhansen, Sacavenense-Portimonense, Sintrense-Almada, U. Leiria-Seixal e Nazarenos-Caldas.

Por seu lado, o Campeonato Nacional da terceira divisão, espalhado por quatro zonas, começará a 8 de Outubro. Eis os jogos previstos para esse dia:

ZONA A Alves-São Pedro da Cova, Chaves-Vianense, V. Real-Avintes, Lamego-Vizela, Moncorvo-Régua, Leça-Valpaços, Esporçense-Freamunde e Limianos-Lourosa.

ZONA B Naval-Febres, Mangualde-Vale-Cambrense, Feirense-Gouveia, Mortágua-Alba da Gouveia, Mortágua-Alba, P. Brandão-Académico, Marialvas-Ala-Arriba e Ovarense-C. Branco.

ZONA C: Vila-Franquense-Marrazes, Amiense-Casa Pia, Cartaxo-Elvas, U. Almeirim-U. Santarém, Campo-Maiorense-Odivelas, Bombarralense-Alcobaça, Portalegre-Torres e Alverca-Alhandra.

ZONA D: Paio Pires-Juventude, Luso-Vasco da Gama, Esperança-União Sport., Moncarapachense-Estrela, Silves-Beja, Vila Real, Aljustrel-C. Caparica, Lusitano-Beja e Amora-Estrela.

Realizado, igualmente, o aca-salamento dos jogos da primeira eliminatória da «Taça de Portugal», de que são intérpretes exclusivamente clubes das divisões secundárias: já que os maiores foram poupados a esse desbaste... Os encontros vão desenrolar-se a 24 de Setembro, nos terrenos das colectividades indicadas inicialmente:

GRUPO A Vianense-Sp. Braga, Lamego-Tirsense, Varzim-Vizela, Penafiel-Lourosa, Avintes-Chaves, Leça-Riopele, Aves-Régua, Valpaços-Limianos, Gil Vicente-Vila Real, Fafe-Esporçense, Moncorvo-Famalicão e S. Pedro Cova-Freamunde.

GRUPO B Alba-Gouveia, Académico-Ovarense, Fe-

bres-Anadia, Lamas-Naval, Sp. Espinho-Mangualde, Ala Arriba-Castelo Branco, Covilhã-Saioanense, Paços Brandão-Marialvas, Salgueiros-Oliveirense, Feirense-Mortágua, Vila-Novense-Vale-Cambrense e Académica-Vilar Formoso.

GRUPO C Nazarenos-Almeirim, Alverca-Alhandra, U. Leiria-Torriense, Marinhense-Amiense, Peniche-Vila-Franquense, Alcobaça-Campo-Maiorense, Casa Pia-Bombarralense, Portalegre-Elvas, U. Santarém-Marrazes, Sintrense-Tramagal, Caldas-Odivelas e Torres Novas-Cartaxo.

GRUPO D Moncarapachense-Amora, Estrela F.C.-Sacavenense, Costa da Caparica-Paio Pires, Olhanense-U. Montemor, Seixal-Lusitano Vila Real, Lusitano G.C.-Aljustrelense, Juventude-Esperança, Silves-Beja Portimonense-Sesimbra, V. da Gama-C. da Piedade, Almada-Luso e Estoril-Oriental.

Em relação ao bloco principal, algumas curiosidades: sempre que o Benfica é visitado o Sporting joga fora, o mesmo sucedendo em relação ao par Belenenses-Atlético. Deste modo, em cada jornada haverá dois encontros na capital.

Datas dos clássicos: Benfica-Sporting a 8 de Outubro e Sporting-Benfica a 28 de Janeiro. Na primeira «volta», o Benfica recebe o Sporting, Belenenses, Atlético e Futebol Clube do Porto (este, à nona jornada). Na primeira ronda de jogos, o Sporting vai às Antas (1.º dia), Faro (3.º), Luz (5.º), Montijo (7.º), Bessa (9.º), Coimbra (11.º), e Restelo (14.º). O Porto recebe, na primeira «volta», o Sporting, Belenenses, Tomar, Guimarães, Atlético, Leixões e Beira-Mar.

O Belenenses abre as suas portas, na primeira «volta», ao Vitória de Setúbal (2.º domingo), União de Tomar, Guimarães, Atlético, Leixões, Beira-Mar e Sporting.

Mais transferências entradas na Federação: de Calado (do Tomar para o Belenenses); de Sebastião (Sesimbra) e Fernandes (Olivais) ambos para o Oriental; de Frias (Mirantense), Mora (Algés) e Martinho (Sacavenense) todos para o Operário e, como já se esperava, segundo documento referente a Fraguito, desta feita por intermédio do Belenenses, que junta a documentação militar do «axadrezado», à base da qual a sua transferência para o Restelo é solicitada...

Mais um jogador de África para o Continente: Camilo (do Caála para o Sporting).

Declaração de Romeu Branco, dirigente do Sporting, em Luanda: «Yazalde ainda não teve, em Alvalade, técnicos à altura».

Caló sai ou fica? De Alvalade, claro. Ronnie Allen diz que não teve interferência na sua dispensa. Os dirigentes, por meu lado, garantem que o parecer para a saída foi do técnico.

OLIMPIADAS: O ÚLTIMO APRONTO

Todo o Mundo tem já os olhos colocados em Munique. E, batem-se os derradeiros «records», na tarefa de apurar as várias representações. Em Chicago, por exemplo o americano Mark Spitz bateu o «record» mundial dos 200 metros mariposa com 2m 01,54/10s na primeira jornada das provas de selecção olímpica americana. O anterior «record» pertencia ao alemão federal Hans Fassnacht com 2m 03s 3/10. Spitz (1.85m e 76 kg), um californiano de 22 anos que estuda cirurgia dentária na Universidade de Indiana, começou por fazer nas eliminatórias 2m 01s 9/10, baixando em 1.4/10 o melhor tempo mundial alcançado pelo alemão ocidental Hans Fassnacht. Na final conseguiu 2.01.5/10, melhorando o seu próprio «record».

Spitz conquistou duas medalhas de ouro nas Olimpíadas do México.

Nas provas femininas, uma estudante de 17 anos por pouco não averbou também um «record» mundial. Jennifer Kemp venceu os 100 metros livres, com o tempo de 58,63 segundos, apenas mais 13 centésimos de segundo do que o máximo mundial, de 58,5 segundos, estabelecido em Janeiro do ano passado, por Shane Gould, da Austrália.

Resultados das provas: 100 metros costas: 1.º, Mike Ivey, 58,61 segundos; 2.º, Michael Stamm, 59,15.

100 metros livres femininos: 1.º, Jennifer Kemp, 58,63; 2.º, Shirley Babashoff, 59,23 e 3.º, Sandra Nielson, 59,38.

200 metros mariposa: 1.º, Mark Spitz, 2.01.53; 2.º, Robin Backhaus, 2.03.39; 3.º, Gary Hall, 2.04.09.

200 metros femininos: 1.º, Lynn Vidali, 2.24.45; 2.º, Carolyn Woods, 2.24.51; 3.º, Jennifer Bartz, 2.25.11.

100 metros bruços: 1.º, John Hencken, 1.05.99 e 2.º, Thomas Bruce, 1.06.27.

FUTEBOL RUSSO

O Comité Olímpico Russo designou os seguintes jogadores para a equipa de futebol que vai disputar os Jogos Olímpicos:

Guarda-redes: Yevgeni Rudakov, Viktor Bannikov, Vladimir Pilguy.

Defesas: Revaz Dzodzhuashvili, Murtaz Khurtsilava, Yuri Istomin, Vladimir Kaplichny, Yevgeni Lovchev, Viktor Matvienko e Mikhail Fomenko.

Meio-campo: Alexei Yesskov, Oleg Dolmatov, Arkady Andriasyan, Vladimir Muntyan, Viktor Kolotov, Vyacheslav Semenov e Vladimir Troshkin.

Avançados: Anatoly Baidachny, Vladimir Gutsayev, Givi Nodia, Yuri Smirnov, Vladimir Onishchenko, Oleg Blokhin e Viktor Romanyuk.

BRASIL EM FORÇA

Por seu turno o Comité Olímpico Brasileiro nomeou a delegação do Brasil para Munique: 125 elementos, que partem dia 18 do corrente, sendo 91 atletas — 87 homens e quatro mulheres. Viajam ainda 4 dirigentes, 8 chefes de equipa, 13 técnicos, 2 médicos, um jornalista oficial, três massagistas e um encarregado de transportes.

Entretanto, algumas equipas seguirão para Munique antes da partida oficial. A do ciclismo segue no dia 10 e a da vela no dia 12.

A do hipismo já está na Europa, a do judo vai directamente do Japão, onde se encontra pre-

sentemente e a do remo já está em Munique.

O GALOPANTE ATLETISMO

George Woods (dos Estados Unidos) e Pekka Vasala (da Finlândia) foram as principais figuras das provas de atletismo internacional disputadas esta semana em Oslo.

Woods lançou o peso a 21,01 metros, marca que constitui novo «record» do torneio. Vasala (que recentemente bateu o «record» da Escandinávia) ganhou os 1500 metros em 3 minutos e 38,2 segundos. Em segundo lugar classificou-se Steve Prefontaine (norte-americano) considerado um dos grandes favoritos dos 5000 metros nos próximos jogos de Munique. Atrousou-se dois segundos em relação ao vencedor.

Em contrapartida o campeão olímpico dos 400 metros, Lee Evans, venceu essa prova em 45 segundos, a dois décimos de segundo do seu melhor tempo da presente temporada. Apesar disso, Evans em Munique, participará apenas na estafeta dos 4x400 metros, pois nas provas eliminatórias classificou-se em quarto lugar.

Tom Hills, o militar vencedor na prova de selecção, demonstrou que a sua vitória não havia



Mark Spitz: outro «record» no papo

recadar seis medalhas.

Desta vez, seis atletas têm boas perspectivas de ganhar medalhas, e deles apenas um ou dois parecem ter possibilidades de obter medalhas de ouro.

Oficialmente, os responsáveis desportivos não estão a fazer as contas às medalhas — «não faz parte do espírito olímpico». Mas, a título particular, reconhecem que a Itália poderá não conseguir, este ano, as 16 medalhas que obteve no México, em 1968.

A equipa deste ano foi renovada e vários antigos favoritos

norte-americana nas provas de «sprint».

Também com possibilidades de ganhar uma medalha de ouro, cita-se Klaus Bibiasi: que em 1968, se tornou o primeiro europeu, desde 1912, a ganhar uma prova de mergulho. Obteve-a da prancha de dez metros, tendo na de cinco, metros arrebatado uma medalha de prata.

A equipa é composta por 166 homens e 18 mulheres: 32 elementos compõem a representação de atletismo, 18 a de ciclismo, 19 a de esgrima, 14 a de ginástica, 14 a de halterofilismo, 16 a de natação e saltos, 14 a de vela, 13 a de remo, 12 a de basquetebol, 7 a de pugilismo, 11 a de equitação, 9 a de tiro, 4 a de pentatlo moderno e um a de tiro ao arco.

As três medalhas de ouro, em 1968, vieram de vitórias nas provas de ciclismo em estrada, de remo e na de salto dos dez metros, para homens. E a verdade é que a vitória no remo não surpreendeu menos os italianos do que todos os outros... No atletismo, que é a grande atracção dos jogos, os italianos conseguiram apenas duas medalhas de bronze. Esta equipa italiana não é desprovida de talentosos atletas, mas a força, a resistência, a velocidade e a precisão dos norte-americanos, dos alemães e dos russos abafarão, certamente as esperanças italianas.

Na natação, a Itália tem uma «estrela»: Novella Galligaris, uma jovem de 17 anos que estabelece um novo «record» nacional e europeu quase de cada vez que salta para uma piscina. O problema é que os seus tempos não fazem sombra aos das poderosas nadadoras norte-americanas e australianas.

Em algumas modalidades, os próprios italianos consideram que não têm nenhuma possibilidade. E o caso, por exemplo, do halterofilismo e da ginástica.

No entanto, na equitação há certas possibilidades para os irmãos Raimondo e Piero D'Inzeo, que desde 1960 averbaram já cinco medalhas olímpicas.

A equipa de esgrima inclui o especialista de sabre Michel Maffei, (o primeiro italiano a ganhar um título mundial desde há 14 anos) e Gian Luigi Saccareo, que logrou uma medalha de bronze em 1968, na de espada.



Em Sacramento, na Califórnia, Eduard Pereverzev (à direita) consegue 14,1 segundos nos 110 barreiras: e bate Randy Light-foot (centro) e Alekssandro Bondarenko (esquerda).

sido obra do acaso, pois classificou-se agora em primeiro lugar nos 110 metros barreiras, com 13,4 segundos, e bateu Tom White, outro norte-americano, por um décimo de segundo.

Nos 100 metros, Robert Taylor (que foi o terceiro nas provas de selecção) venceu a mesma prova em Oslo, com 10,1 segundos. Outro norte-americano, Ray Robinson, não conseguiu melhor do que o quinto lugar, com 10,3 segundos. Nas eliminatórias, havia igualado o «record» mundial.

No salto em altura ganhou o russo Yuri Tarmak, um dos favoritos para Munique, com 2,21 metros. O norte-americano Ron Jourdon classificou-se em segundo lugar, com 2,18 metros.

Dwight Stones vencedor desta prova nas eliminatórias de Eugene, desapontou toda a gente, classificando-se em 10.º lugar com 2,05 metros.

CEPTICISMO EM ITALIA

A Itália vai enviar 184 concorrentes a Munique, esperando-se a pior actuação italiana desde os jogos de Estocolmo (em 1912) em que a equipa transalpina conseguiu apenas ar-



Os primeiros jornalistas, enviados especiais dos seus países, já tomaram contacto com o Centro de Imprensa. Quatro mil homens da informação vão ter acesso a este baluarte.

SUPERMANOS

A CASA SIMPÁTICA

Televisão	2.990\$00
Frigoríficos	1.900\$00
Trituradores	260\$00
Secadores de cabelo	140\$00
Cassetes	35\$00
Relógios de cozinha	300\$00

VENDAS

A

PRAZO

LARGO DO MASTRO, 5 — TEL.: 561555

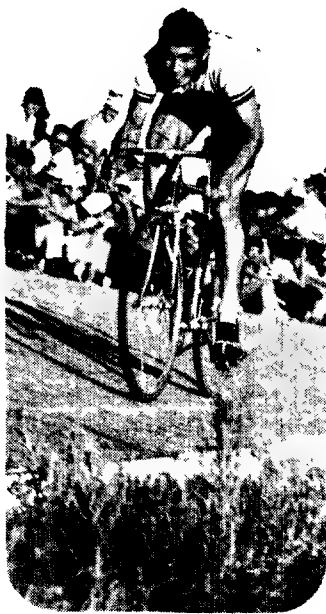
A "VOLTA A PORTUGAL" ESTÁ À PORTA (1)

Franceses na estrada pelo Brandy Macieira

Mais uma grande organização comercial adere ao ciclismo: na próxima «Volta a Portugal» estará presente a equipa de «Brandy Macieira», que prolonga a intervenção da «Macieira» na corrida do ano transacto. Machado Leite, director desportivo de «Brandy Macieira», diz-nos a propósito:

Estamos com muitas aspirações de conseguir triunfos em etapas: o que, fisicamente, nos interessa, pois não é propósito da minha equipa competir pelos melhores lugares da tabela por formações. Bem vê: isso seria, sob o ponto de vista comercial, destituído de senso, pois o público associaria a nossa organização a eventuais desaires das suas cores, e vai-te ganhar que me dá perca. Em lugar de firmarmos os nossos produtos através desse esplêndido veículo de propaganda que é a «Volta», acarretávamos um mau ambiente para eles. Portanto (e fundamentalmente) o que de momento nos interessa é obter triunfos em tiradas, é surgir em «fugas» que dêem nas vistas, é aparecer à frente do pelotão nas cidades e perante as massas de público mais compactas.

Continua:
Creio que a nossa equipa tem



L'argeau, nome de esperança para a «Volta a Portugal»

condições para tal. O ano passado apresentámos Claude L'argeau, Millard, Rochart, Belouis, Serge Guillaume, Gerard Brien, Christian Blain e Paul Ravel. Muitos destes ciclistas, então praticamente desconhecidos, acabaram por já fazer nome internacional. Agora, além de L'argeau e Millard, estamos em negociações com Pierre Rinaud e Mariano Martinez (que ficou à frente de Agostinho no «Tour de France»), com Rochart e com outros bons valores da velocipédia europeia. Continuamos a entregar a direcção técnica do grupo ao francês Leblanc, passando Joseph Jacquet (o massagista de Agostinho nas «Voltas a França») a ser também nosso contratado: queremos proporcionar à equipa de «Brandy Macieira» o melhor apoio. Daí que venham dois carros de França, com material, e mecânicos especializados, também franceses. Vamos, realmente, com pretensões a atingir toda a notoriedade!

Machado Leite adianta:

Futuramente (e pela marcha dos acontecimentos isso está mais perto do que nunca) o ciclismo mundial será todo feito por marcas comerciais, desaparecendo as representações clu-

bistas. Então, tentaremos contratar os melhores portugueses, para jogar até aos «podiums» mais apetecidos. Entretanto, e se tal for possível, formaremos a equipa de «Brandy Macieira» com franceses, belgas, italianos ou alemães, desde que sejam bons profissionais e nos ofereçam condições de boa actualização. Gastámos, no ano passado, 500 contos na «Volta»: pois o rendimento comercial-publicitário foi de tal ordem que só até Dezembro as vendas no mercado interno já tinham aumentado 20 por cento, o que reflecte, insofismavelmente, o «lucro» de uma representação comercial na «Volta a Portugal».

O director desportivo da «Brandy Macieira» declara, depois:

Esta ideia da publicidade aplicada no Desporto já está a ser feita por nós, também no hóquei em patins (equipa de Campo de Ourique) e no automobilismo (com Carlos Santos e Ernesto Neves). Mas, no Ciclismo, resulta cem por cento: só quem acompanha uma «Volta a Portugal» pode aferir da mole imensa de espectadores que se aglomera ao longo das estradas para vitoriar os Agosti-



Machado Leite, director desportivo de «Brandy Macieira»

nhos, os Mendes, os Andrades, todos os seus ídolos. Daí que eu, como administrador de empresas, concorde perfeitamente com outras entidades comerciais que fazem na «Volta» a sua propaganda: desde a Ambar à Coelima, passando pelas Caves Messias e por outras equipas

que dão ao ciclismo o melhor contributo.

E, conclui:

Lá vamos, com fé e muita esperança. Será um grande investimento de capital: mas que, no nosso caso específico, pode já considerar-se dinheiro em caixa...

REGISTO

C.I.F.: Esta colectividade procedeu a eleições e passa a ter os seguintes corpos Gerentes: **Assembleia Geral**, gen. Alexandre de Lemos Correia Leal, José Manuel de Melo, eng.º Pedro de Vasconcelos, dr. Pedro Croft de Moura; **Direcção**, dr. António Ferreira Pinto Basto, Duarte Rui Câmara Jara de Orey, Mário Henrique Castelo dos Reis, Mário Cascais Xavier, Fernando da Cunha Marques, dr. Mário Macias Fernandes, dr. Júlio Fernando Cunha Batista Coelho, Alexandre Melo Correia Leal, dr. Norberto Felix Pilar; **Conselho Fiscal**, prof. José Nobre Guedes, Francisco Maria Carvalho, Abílio Brandão, Manuel Cunha Pereira, Joaquim José Barata. Na reunião da assembleia geral foi exarado um voto de agradecimento ao nosso jornal. Registamos a deferência.

ANDEBOL: Na secretaria da Associação Lisboaeta podem os clubes fazer as suas inscrições até ao dia 15 de Setembro. O Atlético Clube de Portugal aceita inscrições para todas as categorias, que podem ser feitas às 2.ªs, 4.ªs e 6.ªs-feiras durante este mês, das 18 e 30 às 20 horas.

TIRO: No Clube Português de Tiro a Chumbo realiza-se amanhã o Campeonato de Lisboa de Skeet Olímpico que começa pelas 14 horas. Em seguida realiza-se uma prova de tiro ao voo.

TOTOBOLA: Após o 47.º concurso, a classificação final dos órgãos de Informação indica o «Diário de Lisboa» na 69.ª posição, com 261 pontos, cabendo ao «Correio de Coimbra», com 332 pontos, o primeiro lugar. Esta iniciativa vai já na 11.ª edição.

TÊNIS: A Câmara de Setúbal

mandou construir três «courts» junto ao estádio do Bonfim, substituindo os dois que se encontravam no Parque. Já estão de pé os balneários, vestiários e as instalações para o bar. Muito brevemente serão abertas as caixas destinadas aos recintos de jogo.

HÓQUEI JUVENIL: O Grupo Sportivo de Cascais desistiu do Campeonato Distrital. Para o «Torneio Internacional», que o clube organizou, a sua equipa perdeu (por 6-7) com a Parede e o Basel da Suíça foi derrotado pelo Oeiras (por 14-2).

VELA: José Manuel Quina venceu a quinta regata da classe de «Finn» da competição pré-olímpica que está a realizar-se na Alemanha Ocidental.

CICLISMO: Com um festival em que participam corredores do Benfica, Sporting, Coelima, Ginásio de Távora, o Louletano inaugura no próximo domingo, pelas 17 horas, a sua pista.

F.C. PORTO: Em continuação do programa comemorativo dos 66 anos da sua existência, celebra-se no próximo domingo missa de sufrágio e visita ao túmulo de Monteiro da Costa, grande nome na vida da colectividade nortenha.

PUGILISMO: Realiza-se hoje, pelas 21 e 45, no Teatro Arco Iris da Feira Popular, uma sessão de propaganda com combates entre pugilistas amadores. O programa é o seguinte: Moscas: Jorge Soares (Sporting)- Vitor Fonseca (Aguia). Galos: João Paquito (Ginásio do Sul)- Vitor Caseiro (Aguia). Plumas: Daniel Silva (Ginásio do Sul)- Vitor Neto (Aguia); e Josué Ramos (Amadora)- José Rosa (Aguia). Meio-Médio: Santos Pina (Ginásio do Sul)- Luis

Gouveia (Sporting). Ligeiros: João Salgueiro (Alvalade)- Piedade Rodrigues (Aguia). Meio-médio ligeiro: Janorra Velez (Sala Pous)-João Nunes (Sporting).

BASQUETEBOL: Sporting e Benfica preparam-se para a próxima época. O primeiro clube tem já na sua agenda Rui Ferreira (do Carnide), Aniceto (do Vasco da Gama) e Mário Silva (do C.I.F.) esperando ainda a chegada de Paulo Carvalho (ex-Malhangelene) e de um jogador americano. Entretanto, no Sporting há modificações: Kit Jones passa a ser apenas jogador e Ernesto deixa de jogar para assumir as funções de treinador. Quanto a possíveis aquisições, o clube «leonino» está também interessado no concurso dos acima citados Aniceto e Mário Silva. A corrida começou...

OEIRAS EM FESTA: Para o «Torneio de Aniversário» do clube local, jogaram Sporting-Campo de Ourique e Oeiras-Belenenses. Os resultados foram, respectivamente, 4-2 e 7-6. As equipas alinharam e marcaram: Sporting — Carmelino, Adriano (1), Américo (2), Lourenço, Paulo (1), e Manuel da Ponte. Campo de Ourique — Alves, Neves, Rui, Quim (1), Pires e Catarino (1). A. D. Oeiras — José Pereira (Abel), Cristóvão (3), Rosado, Dionísio (1), Carvalho (3) e Rocha. Belenenses — Borges, Nunes (1), Alcântara, Carlos Gomes (3), e Tozé. Os dois vencedores disputam, hoje à noite a final, jogando antes disso os vencidos para atribuição dos terceiro e quarto lugares.

HIPISMO: De 19 a 27 deste mês realiza-se o «XXXVI Concurso de Saltos Nacional de Cascais».

ARTE E SPORT: Foram eleitos e tomaram posse os elementos que passam a constituir os novos corpos gerentes desta agremiação. **Assembleia Geral**, dr. Joaquim Espírito Santo Ribeiro da Cunha; eng.º Henrique Urbano de Sousa Gomes, Amílcar da Silva Madeira, António da Silva Réquio, João Simões, Mário Fortes Pereira Duarte e Luis Gonçalves Dias. Conselho Fiscal: Rui Vasconcelos Pimentel, Ivo Pinto Mayer, Artur Pereira Barbosa, Alberto Pereira e Manuel de Soutello Gomes Veríssimo. Direcção: Manuel Lema Pires dos Santos, Rogério Freitas Sampaio, José Raimundo Seara, Carlos Alberto dos Santos Miranda, José Rebocho Lopes Castilho, Elisabete Campos Castilho, Diamantino da Cruz Tomé e José Lema Pires dos Santos.

ANIVERSÁRIO: O Clube Desportivo Pinal-Novense completa amanhã 25 anos de existência e, para comemorar a efeméride, realiza uma festa de confraternização entre os seus associados.

ESCÂNDALO EM LUANDA: O dr. Augusto Andrade, Walter Viegas Correia e Alfredo Pacheco Lopes, dirigentes do F. C. Luanda, foram irradiados por despacho do presidente do Conselho Provincial de Educação Física. As penas têm origem no «caso Fragata» e resultam do pagamento de determinada verba para garantir o concurso do jogador. Apesar de este haver devolvido os 35 contos recebidos, foi punido também em 15 meses de suspensão, sendo consideradas atenuantes a sua pouca idade e o comportamento anterior.

CIMEIRA DE XADREZ: O 10.º jogo da série do Campeona-

to Mundial, que ontem se iniciou e hoje continuará, é considerado um dos mais interessantes até agora disputados por Boris Spassky e Bobby Fischer. Ao fim dos 40 lances, Spassky deixou poucas peças importantes. E hoje, o início da sessão está marcada para mais cedo, (às 14 horas TMG) para que Fischer, que é judeu, possa guardar o seu dia religioso. Ao 40.º lance, Spassky recuara com o seu rei uma casa, na coluna de bispo de rei. Fischer manteve-se 16 minutos a pensar, olhando o tabuleiro, e quando o «gong» soou escreveu e meteu num sobrito selado o seu próximo lance, com que reabre hoje o jogo. Na opinião da maioria dos grandes mestres que assistiram à partida, Fischer está em boa posição para mais uma vitória, ao passo que Spassky só pode aspirar a um empate. Foi divulgado que Fischer, na altura de escrever o 41.º lance encarregou os seus «segundos» de revistarem a sala, para detectarem qualquer câmara de televisão que o pudesse focar na altura de escrever o lance. O árbitro

Lothar dirigiu-se a Fischer, para lhe dar o pedaço de papel, mas o norte-americano voltou-se completamente na sua cadeira e chamou o árbitro-chefe, Gudmundur Arnlaugsson, da Islândia. Disse: «Há câmaras de filmar na sala? Estão-me a filmar?» Antes de começar o jogo, Fischer já enviara um dos seus segundos, para inspeccionar a sala, de modo a certificar-se que a sua exigência de não haver câmaras de televisão estava a ser rigorosamente observada.

MUNDIAL DE CICLISMO: Em Gap, primeiro treino dos portugueses. Agostinho e os companheiros percorreram 50 quilómetros na zona de Siste-

COLUNA: Embora o «grande capitão» não pretenda voltar, em caso algum, a jogar futebol, apareceu-lhe um convite do Beira-Mar. Mas o prestigioso benfiquista não tem como objectivo regressar aos terrenos de futebol e não ser como técnico.

Na Escola de Enfermagem Psiquiátrica de Lisboa, Rua José Carlos dos Santos, n.º 7-3.º, em Lisboa, Telefone 77 50 74, vão estar abertas as inscrições para o Curso de Auxiliares de Enfermagem Psiquiátrica de 15 de Agosto a 15 de Setembro próximo.

Para a frequência do referido Curso são exigidas como habilitações literárias o 1.º Ciclo dos Liceus ou equivalente.

Lisboa, 31 de Julho de 1972.

O PRESIDENTE
DA COMISSÃO INSTALADORA
Roberto Pegado

bolsa de LISBOA

FUNDOS DE ESTADO

	Efect.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4	443\$	443\$	—
Cons. 3	481\$	481\$	—
Cons. 3 1/2	—	562\$	—
Centenários	1 274\$	—	1 274\$
Tes. 5 % 57	—	1 000\$	—
Tes. 5 % 59	—	1 000\$	—
Extern. 1.ª s.	619\$	619\$	650\$
Extern. 3.ª s.	—	—	800\$
Extern. 3.ª s.	—	—	820\$
Caut. 3.ª s.	—	—	—

FUNDOS PÚBLICOS

A. Lx. 6 %	—	950\$	—
C. M. L. 5 1/2	—	990\$	1 000\$
C. P. 5.5 %	—	950\$	—
C. P. 5.5 %	—	950\$	—
C. P. 5.5 %	—	950\$	—
Corr. 5 3/4 %	900\$	895\$	910\$
Metr. 5 3/4 %	—	985\$	1 000\$
Tur. 5 3/4 %	—	—	—
C. P. 6 3/4 %	1 010\$	1 008\$	—

ELECTRICAS

G. 5 %	58	830\$	850\$
G. 5 %	59	830\$	840\$
G. 5 %	62	—	—
G. 5 %	63	—	—
G. 5 %	64	—	—
G. 5 %	65	—	970\$
G. 6 %	67	920\$	—
G. 6 %	69	—	945\$
G. 7 %	—	1 022\$	—
H. E. C. 5 %	—	800\$	—
H. E. C. 6 %	—	750\$	—
H. E. D. 6 %	—	—	750\$
H. E. N. P. 5 %	—	900\$	—
H. E. S. E. 5 %	—	790\$	—
H. E. S. E. 6 %	—	940\$	—
H. E. Z. 5 %	—	920\$	930\$
H. E. Z. 6 %	—	820\$	—
N. Elc. 5 %	—	920\$	—
N. Elc. 6 %	—	760\$	765\$
Termoele. 5 %	—	—	960\$
U. E. P. 5 %	—	—	—
U. E. P. 6 %	—	—	—
U. E. P. 6 %	—	—	—

DIVERSAS

A. P. T. 5 %	56	—	905\$
A. P. T. 5 %	58	—	905\$
Lisnave 6 %	—	955\$	—
Nitratos	60	—	—
Pet. 2.ª s.	—	880\$	—
Sacor 7 %	—	019\$	1 025\$
Sacor 5 %	—	940\$	—
Sacor 5 %	54	830\$	—
Sid 5 %	2.ª	—	—
Sid 5 %	3.ª	—	—
Sid 5 %	4.ª	—	—
Socel 5 %	—	—	—
U. Fabril 67	—	—	925\$
U. Fabril 68	—	—	—

ULTRAMARINAS

Carbonil. 5 %	—	—	—
Rev. 5 %	57	—	—
Rev. 5 %	59/60	—	—
Mocamb. 5 %	—	795\$	800\$
Sonete 5 %	—	—	—

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	5 400\$	5 400\$	5 450\$
Alentejo	1 700\$	1 700\$	1 710\$
Angola	3 740\$	3 720\$	3 750\$
Cred. Predial	6 530\$	6 500\$	6 530\$
Esp. Santo	10 350\$	10 350\$	10 400\$
Formento	4 920\$	4 900\$	4 920\$
F. & Burnay	—	42 000\$	45 000\$
N. Ultr. m.	5 550\$	5 520\$	—
N. Ultr. c.	6 500\$	6 500\$	6 550\$
Portugal n.	—	4 400\$	4 600\$
Portugal p.	6 000\$	5 980\$	6 000\$
P. Atlântico	—	11 200\$	11 450\$
Totta & Açores	6 380\$	6 370\$	6 400\$
Algarve	2 190\$	2 170\$	2 200\$
Borges & Irmão	8 850\$	8 800\$	8 850\$

J. BURNAY, LD^ª

Notas estrangeiras
Papéis de crédito

RUA DO OURO, 72 TEL. 321273



Banco Borges e Irmão

Índice de cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

	28-7-72	3-8-72	4-8-72
GERAL	189,4	191,0	191,7
METROPOL	193,3	195,5	196,3
ULTRAM	160,6	157,8	158,0

De Seguros

Alentejo	144\$	143\$	144\$5
Bonança	—	16 000\$	—
Imperio	—	16 000\$	—
Mundial	1 342\$	1 342\$	1 345\$
Soberana	—	1 720\$	1 800\$
Tranquilidade	—	90 000\$	—

Electricas

C. P. E. p.	1 101\$	1 101\$	1 102\$
C. P. E. n.	—	—	1 085\$
E. Beiras	—	1 730\$	1 780\$
G. Elec. c.	335\$	334\$	335\$
H. E. A. A.	161\$5	161\$	162\$
H. E. N. P.	—	225\$	240\$
H. E. S. E.	—	—	1 680\$
U. E. P.	193\$	193\$	194\$

Ultramarinas

Ag. Cassequei	1 090\$	1 090\$	—
Ag. Incomati	2 400\$2	3 300\$	—
Ag. S. T. e P.	—	—	—
Ag. Angola	850\$	845\$	860\$
Ang. Agric.	—	175\$	—
Boror	—	—	—
Boror Com	—	—	—
Buzi	78\$	77\$	79\$
Cabinda	—	—	—
Com. Lobito	690\$	680\$	690\$
D. A. - T. 100	—	1 810\$	1 850\$
H. E. Revue	—	—	—
I. do Princ.	—	—	—
Mocambique	—	—	160\$
Sonete n.	—	—	—
Sonete p.	400\$	397\$	400\$
Zambezia	—	59\$	62\$

Diversas

Ag. Lx. ant.	—	—	440\$
Ag. Lx. - 34	—	415\$	440\$
Ag. Lx. - 36	—	—	5 250\$
Cel. Guadiana	6 200\$	6 150\$	—
C. Leiria p.	14 300\$	14 250\$	14 400\$
C. Tejo p.	1 270\$	1 265\$	1 270\$
F. Ramada	—	138\$	139\$
Fornos Elct.	—	—	—
P. Celulose	4 080\$	4 060\$	4 090\$
Siderurgia p.	4 400\$	4 380\$	4 430\$
Siderurgia n.	2 970\$	2 970\$	2 980\$
Socel	3 600\$	3 600\$	3 620\$
Cidra	7 550\$	7 500\$	7 550\$
C. U. F.	—	2 800\$	2 900\$
Intar	625\$	622\$	630\$
Nitratos	—	980\$	995\$
Petroquímica	990\$	985\$	995\$
Sacor	—	3 600\$	3 700\$
Tab. Portugal	—	2 800\$	—
Tabaqueira	7 800\$	7 750\$	7 850\$
U. F. Azoto	755\$	755\$	—
Empor	—	205\$	—
Ind. Aliança	—	—	900\$
I. P. Colón	—	—	3 500\$
Nac. Naveg.	—	—	1 900\$
Naveg. (Col.)	1 890\$	1 890\$	—
P. Pesca	975\$	—	—
Matur	—	1 000\$	1 200\$
R. Marconi	—	2 000\$	2 100\$
TAP	1 285\$	1 285\$	1 290\$
Compai	—	—	750\$
Salvor	—	—	—
Penina	—	—	1 500\$
Grão-Pará	—	—	900\$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico
FIDES

COTAÇÕES

PAÍSES

	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul Rand	—	33\$00
Alemanha Marco	8\$35	8\$65
América	—	—
Dollars de 1 a 2	26\$20	26\$90
Dollars de 5 a 20	26\$50	27\$30
Dollars de 50 a 1000	26\$60	27\$40
Argentina Peso Novo	—	—
Austria Schilling	1\$16	1\$21
Belgica Franco	\$60	\$63
Brasil Cruzeiro	35\$0	45\$0
Canada Dólar	27\$00	27\$70
Dinamarca Coroa	3\$70	4\$00
Espanha Peseta	\$41,5	\$43,5
França Franco	5\$45	5\$75
Holanda Florim	8\$25	8\$55
Inglaterra Libra	65\$00	68\$00
Italia Lira	\$043,5	\$047
Marrocos Dhran	5\$10	5\$80
Noruega Coroa	3\$95	4\$25
Suécia Coroa	5\$55	5\$85
Suiza Franco	7\$05	7\$30

Ouro

Inglaterra - Libra Isabel	470\$00	500\$00
Inglaterra - 1/2 Libra	380\$00	400\$00
Ouro fino Barra	57\$00	62\$00

BANCO DO ALENTEJO



GESTÃO DE CARTEIRAS DE TÍTULOS
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Praca D. João da Câmara 18 Telef. 328045
Rua do Ouro 52 Telef. 30309

televisão

HOJE

1.º Programa (22.00)
«O JOGO DA VIDA»

2.º Programa (22.30)
«OS BONS VELHOS TEMPOS»

SIEMENS ESTORIL

O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa
1.º Período
12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 «Nanny e o Professor»
13.45 Telejornal - 1.ª edição
14.00 Conheça o Portugal desconhecido
14.15 Logo à noite
2.º Período
19.30 Telejornal - 2.ª edição
19.45 Ponto de vista - Turismo
20.15 Auditório musical
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Jogo da Vida
22.30 Lancer
23.30 Actualidade Desportiva
23.40 Telejornal - últimas notícias
23.45 Meditação e Fecho
2.º Programa
20.30 Desenhos Animados
20.45 Vária
21.00 Nanny e o Professor
21.30 Telejornal
22.00 Os Vingadores
22.30 Os Bons Velhos Tempos
23.40 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período
12.45 Abertura e Desenhos Animados
13.00 O Caso da Semana
13.15 Viver no Campo
13.45 Telejornal - 1.ª edição
14.00 Dó lá si
14.25 Hoje pode ver
14.40 Universidade na TV
15.00 Torneio Internacional de T...
16.00 Daniel Boone
16.50 Barreira de Sombra
17.20 Teledesporto
17.50 Torneio Internacional de T...
18.20 Programa feminino
18.45 E A Vida Continua
19.00 Presença do Brasil
19.30 Telejornal - Telejornal - 2.ª EDIÇÃO
19.40 TV Mundo
21.00 Se Bem Me Lembro
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Os Caminhos de Noéle
22.30 Variedades
23.30 Eurovisão
0.20 Telejornal - últimas notícias
0.25 Meditação e Fecho
2.º Programa
20.30 Abertura e «Viver no Campo»
20.55 Desenhos animados
21.10 O Caso da Semana
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Século XXI
22.30 Dr. Marcus Welby
23.30 Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. A. guas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Comboios	32 622

tempo

HOJE

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava limpo e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09 00 H

PORTO	20°
P. DOURADAS	18°
COIMBRA	18°
PORTALEGRE	25°
LISBOA	20°
FARO	25°
FUNCHAL	—

TEMPERATURAS EXTREMAS

ALVALADE Máxima 33°

ALVALADE E ANADIA Mínima 8,5°

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	18,4°
Atmosfera	19,5°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
11.36 3,3 m	4.53 1,4 m
	17.40 1,4 m

Dia 5

0.18 3,3 m	6.09 1,4 m
12.51 3,5 m	18.53 1,2 m

Dia 6

1.29 3,4 m	7.14 1,2 m
13.54 3,7 m	19.53 1,0 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo; vento fraco ou moderado a Norte soprando em regime de nordeste durante a tarde e manhã na faixa costeira ocidental.

AMANHÃ	Nascer às	6.41
	Ocaso às	20.44

Dia 9	Dia 17	Dia 24	Dia 31

radio

EMISSION 1.º Programa

16.00 Noticiário
16.05 Melodias do cinema
16.30 Convívio - programa da juventude
18.05 Ao encontro da melodia
18.30 Forças armadas, programa produzido e realizado pelo Serviço de Informação Pública da Defesa Nacional
19.10 Passatempo musical
19.30 Recordar e viver, por Maria Natália Bispo
20.00 Diário sonoro
20.20 O guitarrista Glen Campbell
20.30 4.º episódio do folhetim «Uma Família Inglesa»
20.50 Solos de órgão
21.00 Momento 72
21.30 Língua portuguesa, pelo dr. António Dias Miguel
21.40 Fados de Coimbra
22.00 Música da Europa
23.05 De um dia para o outro, por Fernando Correia
00.00 Sinal horário - XX campeonato do mundo de hóquei em patins: Transmissão do Pavilhão dos Desportos, da Corunha, do Corunha, do relato do desfecho «Portugal-Argentina». No final: Diário sonoro Escala na madrugada, por Pedro Moutinho.

2.º Programa

16.00 Ciclo do Barroco italiano
16.45 Música de vanguarda 3.ª Bienal de Música Belga
17.21 Variações em Si Bemol Maior, op. 12, de Chopin, com Barbara Hesse-Bukowska (piano).
17.30 O compositor do mês. Prokofiev

19.00 Música portuguesa

Obras de Claudio Monteverdi
Diário sonoro
20.30 Suíte para violino de Paganini-Couture
20.30 Concerto pelo coro auditiva Nova de Lisboa, dir. por Fernando Cardoso, pelo soprano Elisette Bayan
20.48 Prelúdios de Debussy
21.00 Concerto sinfónico
21.50 Concerto sinfónico Intervalo
22.00 Concerto sinfónico II Parte
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

PROGRAMA ESTEREOFÓNICO

MF 2
21.00 Música ligeira variada
22.00 Música coral
22.45 Bagatelas, op. 6, de Bartok, pelo pianista Kornel Zemlinski

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA:
Lopes, Rua do Cruzeiro, 117
(Tel. 633288); **Boa Noite**,
Rua dos Quarteis, 25 (Tel.
637777)

ALFAMA:
Arnall, Rua das Escolas Ge-
rais, 88-A (Tel. 863940)

ALTO DO PINA:
Zional, Rua Morais Soares,
56-C (Tel. 847708)

ALTO DE S. JOÃO:
Nova Luz, Rua Domingos
Jardo, 28-A (à Av. Afonso
III) (Tel. 843439)

ALVALADE:
Alvalade, Avenida da Igreja,
18-A (Tel. 712070); **Neotér-
apia**, Campo Grande, 138
(Tel. 774882); **Paris**, Rua Rei-
naldo Ferreira, 5-A (ao Pote
de Água) (Tel. 71031); **Cas-
parinho**, Rua dr. Gama ar-
ros, 5-A (Tel. 710485); **Ideal**,
Avenida Gago Coutinho, 49-
A (Tel. 712803); **Onida**, Ave-
nida João XXI, 13-A (Tel.
728488)

ANJOS:
S. José, Rua dos Anjos, 41-
A (Tel. 50730)

AREIRO:
Vera Cruz, Praça Afrânio
Peixoto 2-B (Tel. 724941)

ARROIOS:
Oriental de Lisboa, Rua de
Arroios, 215 (Tel. 45079)

AVENIDAS NOVAS:
Cosmos, Avenida João Cri-
stóvão, 44-C (Tel. 40592); **Miranda**, Campo Pe-
queno 36-C (à esquina da
Avenida da República) (Tel.
43495); **Universal**, Rua
Actor Tabora, 5 (Tel. 44158)

BAIRRO ACTORES:
Nobel, Rua Actor Vale, 53 (à
Fonte Monumental) (Tel.
842152)

BAIRRO AMÉRICA:
Martins, Rua Fernão Maga-
lhães, 33 (Tel. 849448)

BAIRRO DAS COLÓNIAS:
Colonial, Rua Forno do Tijoi-
lo, 40 (Tel. 841122)

BAIRRO DA ENCARNACÃO:
Zira, Praça das Casas No-
vas, lote 66 (Tel. 310172)

BAIXA:
Centro Farmacêutico, Rua
das Portas de Santo Antão,
86 (Tel. 321211); **União**,
Rua da Vitória, 21 (Tel.
323780)

BENFICA:
Benfica, Estrada de Benfica,
678-E (Tel. 702532); **Sou-
sa**, Estrada de Benfica, 429
(Tel. 780027)

CAMPOLIDE:
Central, Rua General Tabor-
da, 17 (Tel. 680304)

CAMPO PEQUENO:
Miranda, Campo Pequeno,
36-B (à Av. Sacadura Ca-
bral) (Tel. 770776)

CAMPO DE OURIQUE:
Ivone, Rua Silva Carvalho,
232-C (Tel. 650760); **Por-
fírio**, Rua Francisco Mo-
trass, 59 (Tel. 663349)

CARNIDE:
Leal de Matos, Rua Neves
Costa, 33 (Tel. 780181); **Ben-
fica**, Estrada de Benfica,
678 (Tel. 702532)

OLIVEIRA

S. Paulo, Rua José Campos,
lote 823 (à Estrada de Mos-
cavide) Oliveira Sul (Tel.
310711); **Higiene**, Rua Cida-
de de Vila Cabral, lote 43 (Oli-
veira Sul) (Tel. 310026)

PICHELEIRA:
Marluz, Calçada da Pichelei-
ra, 140-B (Tel. 720703-
728395)

POÇO DO BISPO:
Marvila, Rua Direita de Mar-
vila, 25 (Tel. 381612)

PONTINHA:
Pontinha, Estrada de Santo
Eldi, lote SE 4 (Tel. 990220)

QUELUZ:
André, Avenida Elias Gar-
cia, 151 (Tel. 950043); **Que-
luz**, Avenida Miguel
Bombarda, 123-A (Tel.
951841)

SACAVÉM:
Soares, (Tel. 2518025)

PALHAVÁ:
Laranjeiras, Rua Filipe da
Mata, 180 (Tel. 761035)

PAMPALHA:
Pinheiro, Rua Presidente Ar-
riaga, 16 (Tel. 691054)

PICHELEIRA:
Luzmar, Rua João Nascimen-
to Costa, 18-A (Tel. 728395-720703)

RESTELO:
Belém, Rua Tristão Vaz, 10-
A (à encosta do Restelo) (Tel.
612248)

SANTO AMARO:
Dilema, Rua Aliança Ope-
rária, 49-A (Tel. 636620); **Costa**,
Rua dos Lusíadas, 30
(Tel. 636704)

REGO:
Prates Mota, Rua da Benefi-
cência, 91 (Tel. 773728)

RESTELO:
Occidental, Rua Jerónimo
Osório, 18-D (Tel. 610256); **Ta-
nara**, Rua Rodrigues Rei-
nel, 3-A (Tel. 611814)

SANTO AMARO:
Lisbonense, Rua Leão de
Oliveira, 2-B (Tel. 637020)

S. BENTO:
S. Bento, Rua dos Poiais de
S. Bento, 73 (Tel. 679673)

S. MANEDE:
S. Manede, Rua da Escola
Politécnica, 82-B (Tel.
660280)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA:
Sagres, Avenida Luís Bvar,
69 (Tel. 47213)

BOCORRO:
Tavares, Rua da Palma, 194
(Tel. 863350)

XABREGAS:
Romana, Rua Actor Augusto
de Melo, 7-A (Tel. 383800)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE:
Gamelro, L. António dos
Santos Jorge, 15 (Tel.
234100)

ALHOS VEDROS:
Gusmão, R. Cândido dos
Reis, 30 (Tel. 224020)

ALMADA:
Castro Rodrigues, R. Capi-
tão Leitão, 21-A (Tel.
270076)

BAIXA DA BANHEIRA:
Aliança, Est. Nacional, 174
(Tel. 224302)

BARREIRO

Avenida, Av. Alfredo da Sil-
va, 88 (Tel. 2273212)

COVA DA PIEDADE:
Atlântico, R. Padre Manuel
Bernardes, 1 (Tel.
2764466)

MOITA:
Silva Rocha, P. da Repúbli-
ca, 16 (Tel. 239029)

MONTIJO:
Giraldes, R. Almirante reis,
45 (Tel. 230008)

SESIMBRA:
Leão, Av. Salazar (Tel.
229471)

SETÚBAL:
Costa, L. da Misericórdia
(Tel. 22780); **Brasil**, P. do
Brasil (Tel. 24788)

SEIXAL:
Soromenho, R. Paiva Coe-
lho, 38 (Tel. 2218560)

LINHA DE SINTRA

AMADORA:
Cavaca, R. Elias Garcia, 209
(Tel. 930019); **Flama**, R.
Elias Garcia, 78-B (Tel.
932485); **Confiança**, Av. D.
Nuno Álvares Pereira, 15-A
(Tel. 938149)

DAMAIA:
Confiança, Estr. Militar, Lo-
te D (Tel. 971121)

QUELUZ:
André, Av. Elias Garcia, 151
(Tel. 950043); **Que-
luz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A
(Tel. 951841)

CACÉM:
Central, R. Elias Garcia, 55
(Tel. 2940034)

MEM MARTINS:
Química, Est. de Mem Mar-
tins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA:
Simões, R. Heliodoro Salga-
do, 26 (Tel. 980832)

COLARES:
Colares, Abreja (Tel.
299088)

ALGÉS:
Miraflores, R. António Gran-
jo, 2 (Tel. 213161)

CAXIAS:
Nova, Rua Bernardim Ribe-
iro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS:
Godinho da Silva, Av. Pa-
trão Lopes, 4 (Tel.
242039)

OEIRAS:
Central, R. João Teixeira Si-
mões, 18 (Tel. 2430058)

PAREDE:
Brandão, Av. da República,
77-C (Tel. 2471054)

S. PEDRO DO ESTÓRIL:
S. Pedro, (Tel. 263052)

ESTÓRIL:
Parque, Arcadas do Parque,
3 (Tel. 260191)

PORTO

SUB-TURNO A
Alirio de Barros, Suc. R. de Costa
Cabral, 240; **Central**, Rua
Santo António, 203; **Gomes**,
Carmo, Rua Cedofeita,
348; **Magalhães**, Rua Serrai-
ves, 566; **Nova de Monsan-
to**, Rua Monsanto, 148; **Ri-
beiro Júnior**, Suca, Rua Fir-
meza, 99-A

SUB-TURNO B
Correia, P. M. de Albuquerque, 50;
Correia (da), R. S. Roque
Lameira, 1473; **Couto**, L. S.
Domingos, 108; **Lapa** (da),
Rua Antero Quintal, 211; **Lu-
so-Francisco**, Rua Sá da Ban-
deira, 140

COIMBRA
Cruz Viegas, Rua do Bra-
sil, 154 (tel. 22961); **Donato**,
Rua Ferreira Borges, 2 e 6
(tel. 22603); **Rainha Santa**,
Rua Figueira da Foz, 11-B
(tel. 24737)

cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)

As 21.30
Grupo B (10 anos)
Novamente A REVOLTA NA
BOUNTY com Marion Brando
e Trevor Howard
No écran gigante em 70 m/m.

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.00 - 17.00 - 19.00 - 21.45
(Grupo D (18 anos) 3.ª Semana
AS MIL E UMA NOITES PA-
RA ADULTOS. Uma realiza-
ção de Elych Yammamoto.

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 e 21.00
Grupo B (10 anos)
A MANTA VERMELHA Scope-
color com Oleg Vidov e Gille
H-AENNING E COMO MATEI
RASPUTINE
(Metropolitano: Intendente)

EDEN (Tel. 320768)
21.45 ESTREIA
(Grupo B 10 anos)
"FÓRMULA 1" com Brad Har-
ris, Olmka Berova e Graham
Hill. As 15.15 e 18.30 últimas
(Grupo D 18 anos) "EU MONS-
TRO"

ODEON (Tel. 326283)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
2.ª Semana de êxito
NÃO DESEJARÁS O DELICA-
DINHO DO 5.ª, com Alfredo
Landa, Jean Sorel, Ira de
Fustemberg e Isabel Garcés.

BERNA (Tel. 776098)
Hoje às 15.15 e 18.30
Grupo A (6 anos)
Um filme dedicado às crian-
ças O LADRÃO DE BAGDAD
de Alexander Korda com Sabu,
June Duprez e Conrad Vodi
(Technicolor)
21.45
Colorido
Grupo C (14 anos) 2.ª Semana
O amor e a vida no ponto de
separação de duas épocas A
GRANDE FUGA, com Lyndmila
Savelyeva e Mikhail Batalon
Technicolor (ar condicionado)

POLITEAMA
15.15-18.15 e 21.45
(Grupo D (18 anos))
Uma irracional vingança com fe-
rocidade CHAMAVAM-LHE REI
col. com Klaus Kinski
ciclo terror à meia-noite. As
0.30 (Grupo D 18 anos) "O
MUNDO DAS TREVAS"

S. JORGE (Tel. 54152/4)
15.15-18.15-21.30
(Grupo D 18 anos)
Claude Lelouch triunfa com
"SMIC SMAC SMOC". Uma
obra-prima de malícia e bom
humor com Catherine Alle-
gret, Charles Gerard e Fran-
cis Loi. Em complemento
"IRAÓ"

AVIZ (Tel. 47183)

15.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
Color-Scope
28.ª Semana. O filme do ano
TRINITY (COW-BOY INSOLEN-
TE, com Buel Spencer e Ter-
rence Hill.

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
6.ª Semana
O MUNDO A SEUS PÉS.
O melhor filme de todos os
tempos de Orson Welles.
Metro Alameda

MUNDIAL (Tel. 538743)
21.45 HOJE ESTREIA
(Grupo D-18 anos)
Technicolor. Uma surpreen-
dente história de suspense
"A MORTE CHEGA DO PAS-
SADO" com David McCallum e
Susan Strasberg. Hoje às 15.15
e 18.30. Últimas exhibições do
filme "FOGO NA PRADARIA"
com Charles Bronson (Grupo
B 10 anos)

TIVOLI (Tel. 717480)
15.15 - 21.30
Grupo A (6 anos) 72.ª Semana
O maior êxito de sempre "MÚ-
SICA NO CORAÇÃO" com Julie
Andrews e Christopher Plumer
70 m/m Technicolor

ALVALADE (Tel. 717480)
21.45 ESTREIA HOJE
(Grupo D 18 anos)
Rolf Valone e Simone Si-
gnorel "TERESA RAQUIM"
(Metro-Alvalade)

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo C (14 anos))
2.ª Semana
Uma sátira dirigida aos com-
putadores "MILHÕES ESCAL-
DANTES" com Peter Ustinov,
Maggie Smith e Kar Malden
Metrocolor

VOX (Tel. 720808)
15.15-18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana
Eastmancolor
O Reino do terror alarga-se
AS CICATRIZES DE DRACULA
com Christopher Lee

LYS (Tel. 48560)
15.00-21.00
(Grupo B 10 anos)
Yul Brynner em "ADEUS SA-
BATA" em continuação de es-
treia em complemento "O PE-
QUENO BANHISTA"

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
Anthony Quinn e Virna Lisi em
A 25.ª HORA
Metropolitano: Alameda

CONDES (Tel. 322523-326710)

15.15-21.15
3.ª Semana
Agora para maiores de 14
anos "E TUDO O VENTO
LEVOU" com Clark Gable
Vivien Leigh, Leslie Howard
e Olivia de Havilland
O filme começa a ser pro-
jectado 10 minutos depois
do início das sessões.

ROYAL (Tel. 855037)
15.00-21.00
(Grupo D-8 anos)
Atravida comédia: Vamos rir e
esquecer... "BASTA OLHAR"
color com Maria Fraga Bucel-
la. Em complemento "JOIAS
DE SANGUE"

EUROPA (Tel. 661016)
21.30 (Grupo D 18 anos)
Em continuação Hayley Mills
e John Mills em "ESTE DIFI-
CIL AMOR"

CASINO ESTORIL
17 e 21.30
(Grupo D 18 anos)
"A Década prodigiosa"

APOLLO 70 (Tel. 763319)
15.15 - 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana
Eastmancolor
Um filme de Orson Welles
HISTÓRIA IMORTAL, com Or-
son Welles e Jeanne Moreau

Hoje (24.00 (Grupo D 18 anos) o ri-
so da meia-noite "AS AVEN-
TURAS DE GERARD" de Sko-
limovsky com Claudia Cardi-
nale. (Ar condicionado)

ROMA (Tel. 727778)
21.45 ESTREIA
(Grupo D 18 anos)
Audiocolor, brejeiro, e dramá-
tico! "MEMÓRIAS DE UMA
ALCOVITEIRA" com Julian Ma-
teus, Elisa Ramirez, Amélia de
La Torre. Eastmancolor

LONDRES (Tel. 731313)
14.15-16.30-18.45 e 21.45
(Grupo C (14 anos))
14.ª Semana
MELODY.
Venha ver como começamos
a amar com Mark Foster,
Jack Wild e Tracy Hyde
Cinema
Snack Bar-Pub
The Flag-o melhor encontro
gastronómico
gastro-nómico. Hoje à mi-
dia e quinze (Grupo D 18
anos) Retrospectiva "Bergman-
SORRISOS DE UMA NOITE
VERAO" (Sommaarnallus Leand)
C/ Ulla Jacobsson, Eva Dahl-
beck e Harrie Andersson

outros espectáculos

LISBOA Teatros

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
"Pra frente Lisboa"

LAURA ALVES
As 21.45 (18 anos)
"Uma cama para toda a gente 2"

LISBOA/Cinemas

RESTELO
21.00 (18 anos)
"A Organização"

CINEARTE
21.00 (14 anos)
"O maior roubo do Oeste"

PARIS
21.00 (14 anos)
"A última granada"

MAYER
21.00 (17 anos)
"Aquele dia frio no Parque"

OLÍMPIA
21.00 (17 anos)
atblue2 e "Diabolik"

JARDIM
21.00 (10 anos)
"Os dois magos da bola"

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
"Nunca ao domingo"

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
"Droga, loucura, morte"

ESTORIL
Casino
17 e 21.30 (18 anos)
"A Década prodigiosa"

Palácio
21.30 (14 anos)
"O Barão vermelho"

Espanada
21.30 (10 anos)
"Duelo no Pacífico"

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
"A Severa"

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (14 anos)
"As 4 penas brancas"

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
"Vejo tudo nù"

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
"A Mulher mais bela"

PORTO Cinemas

ÁGUA DE OURO
21.30 (10 anos)
"Trinity, cow-boy insolente"

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
"A Nave dos loucos"

PASSOS MANUEL
21.45 (18 anos)
"O Regresso"

JÚLIO DINIZ
21.30 (18 anos)
"Mundo cão"

S. JOÃO
21.30 (14 anos)
"Romeu e Julieta"

OLÍMPIA
21.30 (14 anos)
"Sartana desafia Sabata"

RIVOLI
21.30 (14 anos)
"Black Jack"

BATLHA
21.30 (18 anos)
"O Altar do diabo"

TRINDADE
21.30 (18 anos)
"Lameli"

COLISEU
21.30 (18 anos)
"Doutor Jivago"

VALE FORMOSO
21.30 (10 anos)
"Céu aberto"

CINEMA TERÇO
21.30 (18 anos)
"Ora bolas, eu amo-te"

CARLOS ALBERTO
21.00 (14 anos)
"A Fúria do Ouro" e "O Caixaõ
de Hong-Kong"

BARS
BOITES

ADEGA MACHADO Cantam Ivete
Pessoa, Esmeralda Amado, Tina
Ferreira, Fernando Maurício. Fa-
do de Coimbra por Loubel Bravo
Os Arazais Tocam Liberto Conde
Rafael Marques e José Vilela. Fan-
gagos pelo Grupo Tipico de Vila
Franca de Xira

LUSO Grande elenco de folclore,
fado de Lisboa por Augusta Ermi-
da e José Luis Tomar; fado de
Coimbra por Américo Silva. Os
ARAUJOS em canções portu-
guesas e internacionais.
Travessa da Queimada, 10. Tel.
362889.

Aberto todos os dias.
ADEGA MESQUITA
Cantam Fernanda Pinto, Nata-
lina Bizarro, Ana Hortense e
Alcino de Carvalho. Tocam
António Luis Gomes e An-
tónio Proença Danças Regio-
nais por conjunto privativo
Consumo mínimo 60\$00 Encerra
ao domingo Rua Diário de No-
tícias, 107. Tel. 32930

DL / ÚLTIMAS

DL

RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETARIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1 2.º, 4.º
TELEF. 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

Um morto e três feridos em Leiria

Despistou-se e foi embater numa árvore, na estrada da Marinha Grande próximo do lugar de Moinhos da Barosa, do concelho de Leiria, um automóvel conduzido por Diamantino Rodrigues, de 38 anos, casado, pedreiro, que ficou gravemente ferido, tendo sido internado no Hospital de Leiria. Seguiam também no veículo os operários Adriano da Silva Gaspar, de 32 anos, casado, que morreu instantaneamente; e Francisco Vieira Lourenço, de 30 anos, casado, ambos emigrantes em França e no gozo de férias na companhia dos familiares, em Regueira de Pontes; e ainda Augusto José Gouveia Estrela, de 28 anos, casado industrial, residente naquela localidade, os quais sofreram apenas ligeiros ferimentos, pelo que regressaram a casa, após terem sido socorridos.

O fogo tirou a casa a um operário

A família de Mário João Soares, empregado fabril, residente em Serrazola, perto de Aveiro, ficou ondem sem a habitação, que ardeu quase totalmente em consequência dum incêndio que se manifestou cerca das 17 horas. O ataque ao fogo foi inicialmente feito por populares, e em seguida pelos bombeiros da Companhia Portuguesa de Celulose, e duas corporações de Aveiro.

O proprietário foi acometido de ataque, motivo por que foi transportado ao hospital de

ORDEM DOS ENGENHEIROS

Na Ordem dos Engenheiros, no Porto, reúne-se esta noite a assembleia regional para eleição dos novos corpos gerentes para o triénio de 1972-1974.

O BALÃO "ALGARVE" NOS CÉUS DE LISBOA

O balão subiu, finalmente. Eram as 8 e 45 da manhã de hoje, quando a grande tela esférica se levantou, vermelha e amarela, sobre o espaço da Feira das Indústrias, aplaudida pela pequena multidão que assistia à experiência. Mas não aconteceu só subida de balão. E que o primeiro português a sentir as sensações duma viagem do género a bordo do «Algarve» de Tom e Yarry, foi o nosso repórter, Josué da Silva. Claro que foi uma viagem pequenina, pois os argonautas Yarry e Tom, acharam que, apesar das excelentes condições atmosféricas, confirmadas pelos Serviços de Meteorologia, o local não era propício para uma ascensão com largada.

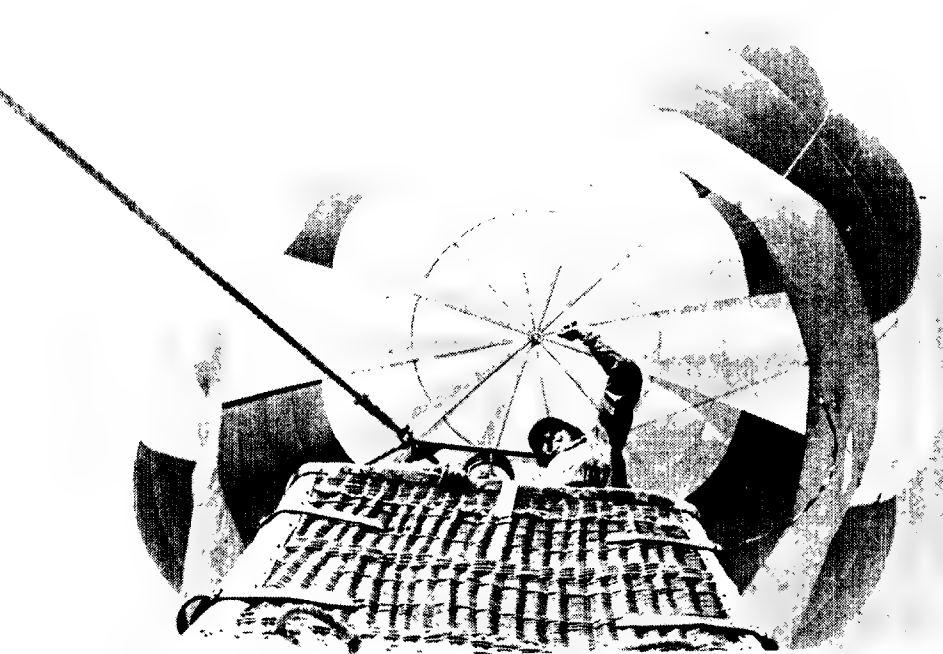
De qualquer modo, o nosso exemplo frutificou. Porque, daí a nada, os medos desapareciam, as desconfianças davam lugar ao optimismo e, ao verem que nenhum mal acontecera ao nosso repórter, muitos dos que assistiam às primeiras manobras do aerostato, quiseram embarcar nele. O professor Varela Cid, que estava presente, foi um dos voluntários. Experiência interessante na vida de um homem de ciência, certamente, porque ele exclamaria ao desembarcar:

— Magnífico!
Alguém diria quando o professor tocou terra:

A partir daqui, os Montgolfier do recinto da Feira das Indústrias, multiplicaram-se. Todos queriam embarcar, sob o comando faccioso do «captain» Tom. Dizia Yarry (em inglês, naturalmente):

— Vão ao Porto, no domingo. Lá é que vai ser a sério. Faremos uma volta de cem quilómetros, com partida do aeroporto das Pedras Rubras e chegada ao mesmo ponto.

Mas além desta volta de cem quilómetros que Tom e Yarry levarão a cabo, integrada num festival aeronáutico que se realizará em Pedras Rubras no domingo, há outras façanhas em perspectiva. No próximo dia 14,



Tom e Yarry, o inglês e o americano que decidiram trazer esta «novidade» ao nosso País, atravessarão os Alpes. A nota singular da travessia dá-la-á, porém, a presença entre os argonautas, durante a viagem (que então, sim, terá os seus riscos sérios), do repórter da revista «Life», que comprou o exclusivo da descrição da travessia.

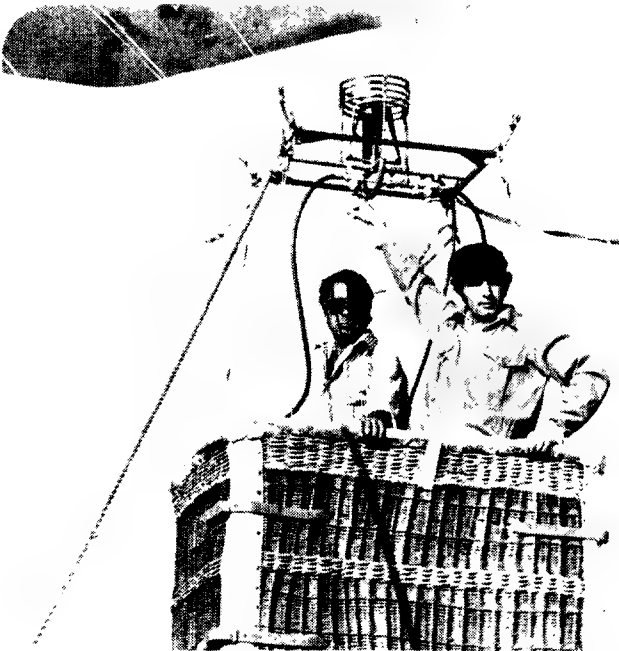
Quando à outra travessia que Tom e Yarry projectam, desde o Algarve ap Rio de Janeiro, ainda não há datas fixadas. O principal problema reside na escolha dessas datas, para que coincidam com correntes aéreas favoráveis. Mantém-se uma certa celeuma em torno da projectada viagem transatlântica, pois enquanto algumas autoridades em navegação aérea a acham viável, outras recusam-se a aceitar tal viabilidade. No entanto, o assunto continua a ser estudado cuidadosamente e Tom e Yarry, afirmam:

— Havemos de fazer a travessia, porque não?

Amanhã, a partir das oito horas, o balão «Algarve» estará de novo no ar e desta vez numa demonstração para todo o públi-

co que ali queira acorrer. Decerto, o balão é acontecimento, porque ele recorda o início duma época: a época das viagens aéreas. E foi bonito ver, nesta manhã de sol a rodos e brisa suave, o «Algarve» lá no alto, erguendo-se, altaneiro, «ao la-

do» do reactor que passou bem perto e baixo, a caminho do aeroporto uma imagem que não foi colhida pelos fotógrafos e que diria bem da distância que o homem soube percorrer nos espaços, desde o primeiro aerostato até aos foguetões lunares.



NOVAS

PROFISSÕES

Secretariado — (especialmente indicado para os alunos que concluíram o 2.º ou 3.º ciclo dos liceus) — cursos diurnos e nocturnos, com especialização em Secretarias de Direcção, Recepcionistas e Documentalistas.

Turismo — com Guias-Interpretes (oficialmente aprovado pelo Centro Nacional de Formação Turística e Moteleira).

Cinema — o único até agora criado em Portugal.

Superior de Organização e Gestão de Empresas — especialmente indicado para os alunos que, tendo como habilitação o 3.º ciclo liceal ou equivalente, pretendem dedicar-se, a nível médio ou superior, a uma acção profissional fundamentada nas ciências e técnicas de comunicação.

Superior de Relações Públicas e de Publicidade — para os alunos que, tendo como habilitação o 3.º ciclo liceal ou equivalente, pretendem dedicar-se, a nível médio ou superior, a uma acção profissional fundamentada nas ciências e técnicas de comunicação.

Todos estes cursos foram oportunamente aprovados pelo Ministério da Educação Nacional.

INFORMAÇÕES
INSTITUTO
DE

NOVAS

PROFISSÕES

av. duque de loulé 17 1.º tel 555319-556011-lisboa

A TRANSPIRAÇÃO DOS PÉS
DESAPARECERÁ COM O USO
DAS
PALMILHAS DEZODORISANTES

Fresh SOX

odasorb com um novo e poderoso
deodorizante seco que absorve
todos os odores dos pés e do
calçado, dispensando o uso de
pós e de outros produtos para
o efeito.



Made in England

À venda nas farmácias
em 3 tamanhos - 7 - 8 - 9

Representantes por Portugal
REFAR, Representações, Lda. LISBOA
BARBOT COSTA — PORTO

Um copo de boa disposição...



...para todo o dia!

Más disposições, azia,
náuseas e enfiamentos
provocados por excesso de comidas
e bebidas são eliminados por um
agradável e refrescante
copo de «Samarin»

caixas com 36 cartelas individuais



À venda nas Farmácias

«DL» bem lá no alto. O «capitão» Tom comanda e o nosso repórter, pelo sim, pelo não, segura a barquinha

VOCABULÁRIO ESSENCIAL DA PSICOLOGIA DA CRIANÇA

DE
JACQUES MANTOY

Uma visão de conjunto
da psicologia infantil
para uso dos pais,
dos professores e dos
educadores

MORÆS

EDITORES

NOVA DIRECÇÃO TOMA POSSE

Tomam posse, no dia 8, às 19 e 30, os novos corpos gerentes do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa, recentemente eleitos. São presidentes da direcção e da assembleia geral, respectivamente José Brás Rodrigues e Alvaro de Campos Marçal.

CONSULADO GERAL EM FRANCFORTE

Considerando a necessidade de prestar assistência consular mais efectiva aos portugueses residentes nas regiões de Hesse, Renânia-Palatinado e Sarre, cujo número tem aumentado nos últimos anos de modo a tornar insuficiente a acção do Consulado de Francforte, até aqui meramente honorário, o Consulado de Portugal naquela cidade germânica passa a ter a categoria de consulado-geral, de acordo com o determinado pelo Decreto n.º 274/72, do Ministério dos Negócios Estrangeiros, hoje publicado no «Diário do Governo».



O FUTURO DAS COOPERATIVAS DE CONSUMO

Qual é o futuro das cooperativas de consumo?

No passado havia o merceiro. Hoje há as cadeias tentaculares dos supermercados. Daí, para defesa do consumidor e para contrariar a subida especulativa dos preços, as cooperativas de consumo procuram a sua sobrevivência no meio da crise que enfrentam. Estão a unir-se e a abrir supermercados cooperativos.

Dois dirigentes do movimento cooperativo falam-nos da actual crise das cooperativas de consumo e das suas perspectivas futuras.

NA PÁGINA 3

DOENÇAS VENÉREAS

«A resistência do gonococo aos antibióticos disponíveis não deixa de crescer, e os malogros terapêuticos atingem perto de 50 por cento nos diversos países da Europa ou da América». Num relatório sobre as doenças venéreas publicado há alguns dias, o dr. Willcox, perito britânico da Organização Mundial de Saúde (O.M.S.) dá números inquietantes, que provêm de todas as partes do mundo, sobre um fenómeno cujo desenvolvimento, especialmente no Próximo Oriente, poderia ter graves consequências.

Sublinha ele que a quase totalidade das linhagens de gonococos conhecidas são já resistentes à estreptomycina; que as tetraciclina já não têm qualquer interesse; que as penicilinas-atraso deveriam ser abandonadas, e que os outros antibióticos ensaiados revelam-se decepcionantes. É urgente a investigação farmacológica, sublinha ele, sob pena de se caminhar directamente para uma catástrofe terapêutica mundial.

O termo não é excessivo quando se sabe que «não somente a blenorragia escapou totalmente ao controlo das autoridades, mas que, num núme-

ro cada vez maior de países, se tornou epidémica». Assiste-se no momento, actual a uma «falência total, das medidas tomadas no pleno epidemiológico, embora se dispunha ainda, de momento, e atendendo a que a resistência aos antibióticos utilizados se generaliza, de meios de tratamento eficazes no plano individual (Professor Guthe, médico-chefe do serviço de doenças venéreas da O.M.S.).

Em 1971, dois milhões de pessoas foram vítimas deste «epidemia» nos Estados Unidos, ou seja, mais do que todas as outras doenças infecciosas reunidas. Um em cada cinco indivíduos com menos de vinte anos; cinco mil entre os dez e os catorze anos, mais de dois mil com menos de nove anos! A direcção sanitária da Califórnia calcula que, actualmente, so jovens americanos têm uma probabilidade em cada duas de ter uma doença venérea antes de atingirem os vinte e cinco anos. E, para os estudantes, uma probabilidade em cada cinco antes de obterem, aos dezassete anos, o seu diploma de estudos secundários.

Continua na pág. dez

mesa
redonda

Continuação
da polémica
sobre
as rendas
de casa

PÁGINAS CENTRAIS



assim vai o mundo



EAGLETON

O «caso Eagleton» que levou à renúncia do companheiro de lista do senador McGovern, constituiu um golpe grave nas esperanças eleitorais do «candidato da paz». A renúncia foi a escolha de um mal menor, mas o incidente marcou a campanha. Segundo as sondagens, McGovern leva um atraso de 17 por cento em relação ao presidente. Para recuperar, precisa de aproveitar ao máximo todas as possibilidades do sistema eleitoral americano. As doenças de Thomas Eagleton fizeram-no, pelo menos, perder aquilo a que os americanos chamam «momentum», o balanço.

DEPURAÇÃO

«No interesse de um bom Governo», o primeiro-ministro sul-africano John Vorster, procedeu a uma larga remodelação ministerial que abrangia a substituição de cinco ministros. A medida, prevista há várias semanas em círculos governamentais, não causou qualquer surpresa.

Vorster declarou: «É no interesse de um bom Governo que deve haver modificações de tempos a tempos e de o gabinete ser formado tanto por membros mais velhos e experientes como por outros jovens e enérgicos. Deste modo, a continuidade mantém-se e surgem novas ideias que podem ser apuradas pela experiência».

Esta remodelação é a primeira de certa importância que se regista desde que Vorster assumiu a chefia do Governo sul-africano em 1967. A anterior, em 1967, envolveu alterações insignificantes.

O «Rand Daily Mail» — órgão da «Oposição Progressista» em Johannesburg classifica-a em grandes títulos de «depuração».

Entretanto, o secretário-geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim, apresentava ao Conselho de Segurança da ONU a sua proposta para a nomeação de um representante especial para efectuar conversações com a África do Sul sobre o futuro do Sudoeste Africano (ou Namíbia).

Se o Conselho de Segurança concordar com a nomeação — declarou Waldheim — aquele representante continuará o mandato que lhe foi conferido para procurar a auto-determinação e a independência da Namíbia.

O delegado da China Popular, Huang Hua, fez uma série de perguntas relativas ao relatório do secretário-geral sobre as suas negociações com o Governo sul-africano, iniciadas

com uma visita à Cidade do Cabo, em Março, seguindo-se uma visita à Namíbia para conversações com os dirigentes nativos.

«Que acções da África do Sul encorajaram o secretário-geral a continuar o diálogo com esse país? — perguntou o delegado chinês — quais os acontecimentos que provam que a África do Sul alterou a sua persistente atitude? qual será o efeito da continuação do diálogo com a África do Sul?».

A Argentina patrocinou uma resolução convidando Waldheim, em estreita cooperação com a comissão consultiva do Conselho de Segurança «a continuar os seus contactos com todas as partes interessadas, visando o estabelecimento das condições necessárias que permitam ao povo da Namíbia livremente e com estrita observação dos princípios da igualdade humana, exercer o seu direito à autodeterminação e à independência de acordo com a Carta da ONU.

AUXÍLIO

O Malawi anunciou planos para duplicar os efectivos do seu exército pela constituição de um segundo batalhão do regimento de atiradores.

Na sua comunicação, o Governo declarou que o recrutamento para o efeito ia começar imediatamente.

A medida, segundo se diz, está na sequência de um acordo com a Inglaterra, nos termos do qual o Malawi receberá volta de um milhão de libras (65.000 contos) para a construção de um aqueduto militar em Lilongwe, sua nova capital ainda a ser erguida, em troca da compra de equipa-

mento militar de valor equivalente.

INVESTIMENTOS

Os investimentos estrangeiros em Espanha subiram para 7.492,5 milhões de pesetas durante os primeiros seis meses deste ano. Aquele número representa um aumento de 40 por cento sobre o montante de investimentos estrangeiros no país vizinho durante o mesmo período do ano passado. A Suíça e os Estados Unidos estão à cabeça entre os países que mais dinheiros investiram na economia espanhola, com 3.402,5 e 2.426,6 milhões respectivamente. Os dois representam 78 por cento do total dos investimentos. Nos lugares seguintes, com um montante de investimentos muito menor, situaram-se a Alemanha Ocidental, a França, o Reino Unido a Bélgica e (surpresa) o Liechtenstein. As indústrias relacionadas com os transportes absorveram 47,15 por cento destes investimentos. Em segundo lugar ficou a indústria de produtos químicos. A grande distância situaram-se os sectores de alimentação e dos têxteis.

AS MULHERES

A França é um país muito industrializado. Precisa, portanto, de muitos engenheiros. O que não quer dizer que precise de engenheiras. Há dois anos — números ainda provisórios — formaram-se 8738 engenheiros.

Alguns franceses sa-

berão se o número é suficiente para as necessidades do país. Entre esses engenheiros todos, figuravam 358 mulheres. A percentagem é de 4,1 por cento. De notar ainda que em especialidades como os têxteis e a defesa não se diplomou nenhuma em 1970. Contudo não se fique a pensar que as mulheres francesas não gostam de trabalhar. Não senhor. Na agricultura trabalham 3.519.920 mulheres. É certo que também aí os homens são mais que as mulheres (3.731.480), mas deve notar-se que só no grupo etário dos 25-44 anos se vêem mais homens que mulheres na agricultura. Nas idades mais jovens (dos 15 aos 24) e nas mais avançadas (de 44 para cima) a percentagem de mulheres é superior à de homens. A população francesa (1968) é constituída por 22.506.780 homens e 24.249.000 mulheres.

PROVAS

Ronald Ziegler, o informador da Casa Branca, desmentiu recentemente que a aviação americana bombardeasse escolas, casas, diques, do Vietname do Norte, afirmando que não tinha visto qualquer prova de que isso acontecesse. Um leitor do «International Herald Tribune» achou muito natural a afirmação do informador do presidente Nixon. Pois se ele nunca lá esteve...

NIGÉRIA

Um projecto-piloto da OIT para a promoção do emprego rural no Estado ocidental chegou ao fim da primeira fase. O governo nigeriano pediu ao Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, o prolongamento por um novo período de três anos da sua assistência. As actividades do projecto continuam a ser financiadas a título provisório.



Duas imagens de uma mesma realidade. Um blindado britânico estaciona dentro de um reduto católico de Londonderry, depois de ter forçado a entrada através das barricadas. No muro está escrito: «Acaba de entrar na Derry (o nome católico de Londonderry Livre)». Mais tarde, os habitantes do bairro são revistados pelos soldados ingleses



SUICÍDIOS

De acordo com uma comunicação do dr. João Fragoso, no hospital Miguel Bombarda, a taxa de suicídios é muito mais elevada em Lisboa (17,7 por cem mil habitantes) do que no resto do País (8,6).

Segundo o conferencista, os suicídios são mais frequentes entre os homens, representando nas classes trabalhadoras gestos mais sinceros, que procuram atingir a sua finalidade e motivados em razões válidas: doenças depressivas graves ou situações psicológicas difíceis de suportar. Nas motivações do suicídio avultam a importância do isolamento afectivo, a dificuldade de comunicação, e situações de rotina com um meio sentido como agressivo e frustrante.

EMIGRAÇÃO

Durante o ano de 1971, radicaram-se em França 125 000 trabalhadores estrangeiros. Desses, pouco mais de oito mil

vieram de países da comunidade europeia e cerca de 40 mil eram argelinos, com carta de trabalho. Apesar do decréscimo na emigração para França — fenómeno que está intimamente ligado à redução do número de empregos postos à disposição dos imigrantes — Portugal continua à frente. Em 1971 chegaram a França (são estatísticas, não são certezas) 64 328 portugueses. Seguem-se os argelinos e os marroquinos (20 681). A Espanha forneceu 12 911 trabalhadores ao mercado francês. Os tunisinos e os jugoslavos não chegaram à dezena de milhas. Só nos têxteis e nas indústrias de vestuário não diminuiu o número de empregos preenchidos por imigrantes. Na construção civil, onde se empregam tantos milhares de compatriotas nossos, a redução foi de 43 por cento. Dos 136 mil empregos ocupados por trabalhadores estrangeiros que entraram em 1971, cem mil não requeriam qualquer especialização ou queriam-na em muito pequeno grau.

AUTOMÓVEIS

Escreve-se no órgão da Associação Industrial Portuguesa, num estudo elaborado pelo respectivo gabinete técnico, a propósito do novo regime jurídico da montagem de automóveis:

«A revisão do regime jurídico da montagem de automóveis em Portugal, de há muito ansiosamente esperada e agora concretizada pelo Decreto-Lei n.º 157/72, veio provocar na generalidade dos respon-

sáveis pelas indústrias nacionais de componentes — que o diploma, a nosso ver, imprópriamente denomina de *subsidiárias* em vez de *complementares* — um sentimento de justificada mágoa e desânimo. Mágoa pela quase completa tábua-rasa que se fez dos aprofundados estudos e argumentos da secção de Fabricantes de Peças e Acessórios para Veículos a Motor, da Associação Industrial Portuguesa, uns e outros alicerçados em dados concretos, e nunca desmentidos, baseados, quer na realidade e perspectivas da actual indústria automóvel portuguesa, quer na experiência alheia de países de similares mercados e situação conjuntural; desânimo pelo como que «congelamento» de quaisquer possibilidades de expansão das actuais indústrias nacionais de componentes e manifesta falta de encorajamento para a criação de muitas outras, mormente em momento tão decisivo para o futuro do País, o que lhe custará, até ao fim da década, algumas dezenas de milhões de contos em importações que se podiam e deviam evitar em apreciável medida.»

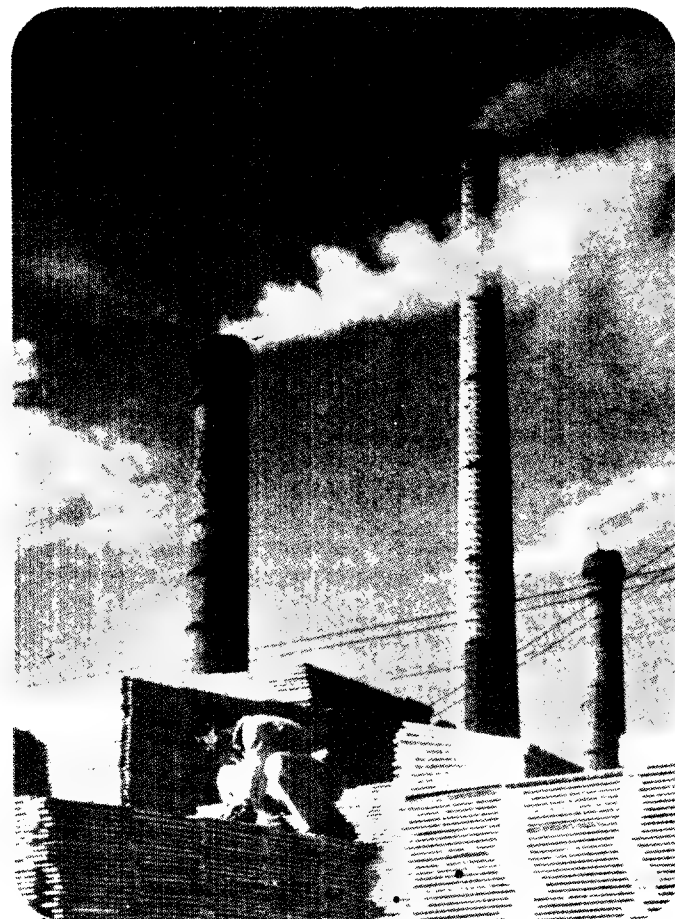
PRODUÇÃO

Na «Síntese da Situação e Perspectivas da Indústria em Março de 1972», publicada pelo Gabinete de Conjuntura e Análise Económica, dizem a certa altura os autores, B. Costa Pereira e Teresa Ricou:

«Para poderem responder a novas solicitações da procura de produtos fabricados, as em-

presas terão de possuir capacidade técnica não utilizada e de dispor das matérias primas, energia, pessoal e meios financeiros necessários. No XVII Inquérito de Conjuntura, realizado em Março de 1972, um grupo de empresas, constante da amostra estudada, que representava 34 por cento do total, encontrava-se impossibilitado

de aumentar a sua produção, por já estar a trabalhar em pleno. Observou-se ainda que, relativamente a Setembro de 1971, o grau de utilização da capacidade produtiva aumentou ligeiramente, resultante de um pequeno acréscimo nas indústrias de bens de consumo e na de bens intermédios».



O FUTURO DAS COOPERATIVAS

SUPERMERCADOS COOPERATIVOS EM DEFESA DO CONSUMIDOR

O risco de «desagregação» do movimento cooperativo de consumo na região de Lisboa e «as dificuldades que atravessam as cooperativas da margem sul em face das dificuldades levantadas pela concorrência privada», levaram quatro sociedades cooperativas daquela área a pedir a sua integração na UNICOOPE — União Cooperativa Abastecedora, S.A.R.L.. O pedido, aprovado em assembleia geral das cooperativas em questão, foi aceite, conforme recente publicação no «Diário de Governo», pela assembleia geral da UNICOOPE.

O texto da proposta de resolução, aprovada pela UNICOOPE e que permite a integração da Sociedade Cooperativa Popular Barreirense, da Sociedade Cooperativa Operária Barreirense, da Sociedade Cooperativa de Consumo Progresso Banheirense, e da Sulcoope —

«no interesse em não se perderem para a cooperação tantas centenas de pessoas actualmente associadas e outras que poderão vir a inscrever-se.»

A linguagem seca da resolução, transcrita na aridez da terceira série do «Diário de Governo», deixa antever uma situação grave, angustiante. É o dia-a-dia da vida de «centenas de pessoas», alguns milhares mesmo, que está em causa. Perdas para a cooperação, elas terão de recorrer à «concorrência» privada — aos «galifões», como nos viriam a dizer — para se abastecerem. Mais tarde, os «falcões», como também lhes chamaram, pairarão calmos e sós sobre a presa inerme — o consumidor, o povo.

A Cooperativa Popular Barreirense, uma das que agora decidiu integrar-se na UNICOOPE, tem três postos no Barreiro e entre 1.300 e 1.400 sócios. Tal como as outras três sociedades, a Popular já era sócia da UNICOOPE. Para quê então a integração na UNICOOPE.

DIRIGENTES

Porque temos esperança de melhoria com os bons dirigentes que a integração nos trará — explica o sr. Adolfo José da Silva, primeiro secretário da Popular — «é a única «chance», gostaríamos de manter a nossa independência. Mas os tempos não estão já para esses sentimentalismos. Temos de nos defender dos «falcões».

O sr. Adolfo José da Silva tem esperança de que, inclusivamente, os preços praticados nas lojas da sua cooperativa venham a ser baixados, passando a poder competir com as grandes cadeias de supermercados.

Para o sr. Eugénio Mota, presidente da UNICOOPE, a questão da sobrevivência das coo-

perativas do tipo de consumo reside sobretudo na dimensão e na eficiência dos serviços.

Em linhas gerais — diz-nos ele — as cooperativas, sobretudo as do sul do País não acompanharam a evolução técnica, nem mesmo do ponto de vista cooperativo. Não capitalizaram, não pensaram no futuro. Esqueceram-se de que, pelo facto de serem cooperativas, não deixavam de estar integradas numa economia de mercado.

No Norte, as coisas não correram tão mal. Havia mais profissionalismo na gestão, actuou-se com mais ponderação. Além disso, a concorrência era menos no norte que no sul. O nosso supermercado da Boavista (Porto), por exemplo, não sofreu com a inauguração de um supermercado privado nas imediações. Pelo contrário, tem continuado a aumentar as vendas e o número de clientes.

Também para o sr. Eugénio Mota a capacidade de gerir é uma das contribuições mais importantes da UNICOOPE às suas associadas ou integradas. Por enquanto, ainda não está completado qualquer processo de integração. Estas quatro cooperativas a que nos vimos referindo são aquelas que vão mais adiantadas nesse caminho, faltando apenas terminar certas questões burocráticas.

A grande vantagem da integração está em que a UNICOOPE acompanhará muito mais de perto a administração. Pela sua dimensão (cerca de 90 associadas), a UNICOOPE pode

fornecer um «know how» superior àquele de que dispõem as pequenas cooperativas. Por outro lado, afirma o sr. Eugénio Mota, a própria dimensão permite um constante melhoramento da qualidade da técnica.

RETORNO

Os supermercados da UNICOOPE, que se chamam «Domus» — é uma forma de identificar uma cadeia, é a utilização de uma sigla contra outras siglas —, vendem a sócios e não sócios. Porém, o retorno (desconto) que ao fim do ano se faz aos sócios não inclui a percentagem de lucro obtida pela venda aos não-sócios, os quais, evidentemente, não recebem qualquer retorno. Em vez disso, esse dinheiro é utilizado na «educação cooperativista e no desenvolvimento e divulgação do cooperativismo». Para quem não saiba o que é uma cooperativa de consumo, esta informação pode dar facilmente a entender o espírito não lucrativo daquelas organizações. Os cooperadores, que se unem para fazer face à carestia da vida, não se tornam em pequenos capitalistas, tirando vantagem da venda ao público não cooperador.

RETALHISTA

Desde 1955 até 1970, a UNICOOPE foi apenas armazenista. Porém, o sistema revelou-se insuficiente para fazer face aos tempos e à concorrência. Segundo o sr. Eugénio Mota, hou-

ve grandes dificuldades em vencer os «que se agarram mais à casa do que à causa». Em 1970, passou-se a poder admitir sócios individuais directamente e não apenas sócios colectivos. De armazenista, a UNICOOPE passou a poder ser também retalhista.

Mas porque será tudo isto necessário? Continua a ser o presidente da direcção da UNICOOPE quem nos diz que as cooperativas têm de se organizar de forma a poderem competir com grandes grupos económicos. E preciso comprar

falta de profissionalismo, de técnica, de capitalização, o abuso da concessão de crédito, o excessivo retorno.»

O sr. Eugénio Mota compreende em parte as razões porque as cooperativas de consumo não começaram mais cedo a juntar-se no sentido de adquirirem a necessária dimensão. É que as pessoas se agarram ao que é uso, aos idealismos exagerados. Na verdade, o método antiquado serviu durante muito tempo e com ele se fizeram grandes colectividades. Mas, nessa altura, o concorrente era apenas o pequeno merceiro, de quem os trabalhadores se tinham de defender.

O sr. Eugénio Mota está optimista: «A situação só é difícil a curto prazo. A médio prazo há boas perspectivas.»

Nos últimos 18 meses a UNICOOPE abriu, só na Zona Norte do País, cinco supermercados e um «auto-serviço médio». No sul abriu três lojas novas. «Há a esperança (certeza) de poder sobreviver em defesa do consumidor.»

Muitas outras questões podem ser erguidas em redor das cooperativas e do movimento cooperativo em geral. Contudo parece-nos importante destacar o papel de primeiro plano que as cooperativas de consumo podem desempenhar contra a alta de preços especulativa. Fortalecer as cooperativas é, de certo modo, impedir que as empresas privadas, cujo lucro é o primeiro objectivo a atingir, façam o seu jogo livremente.

ce estes trabalhadores estrangeiros e não os acolhe. Considere-se tolerante e generoso pelo simples facto de ter sido concedida a esses «estrangeiros» a possibilidade de estarem em França. No balanço privado das dificuldades económicas e sociais, não é raro ser o estrangeiro olhado como uma das suas causas. Aliás, uma certa forma de racismo não está completamente ausente das relações correntes do francês médio com o operário dos países menos desenvolvidos.

O francês acha-se digno da gratidão desses estrangeiros. Não tem consciência de lhes dever o que quer que seja. Não se apercebe de que a sua sociedade industrial necessita dessa mão-de-obra suplementar e subalterna. Desconhece que o seu bem-estar e o aumento do seu nível de vida assentam em boa parte nessa forma actual de «exportação do trabalho» e em condições de existência que para ele seriam desumanas.



EUGÉNIO MOTA

Cooperativa dos Consumidores de Pão, fala na «necessidade de evitar a desagregação do movimento cooperativo de consumo na região de Lisboa», «nas dificuldades que atravessam as cooperativas da margem sul em face das dificuldades criadas pela concorrência privada» e



ADOLFO JOSÉ DA SILVA

muito por grosso para se obter preços competitivos.

Hoje, as cooperativas chegaram a uma situação «difícil», (o sr. Eugénio Mota faz questão de não lhe chamar «desesperada») porque «não se deram os passos necessários para evitar a crise. As razões fundamentais dessa crise são a

Vivem actualmente em França para cima de dois milhões e meio de trabalhadores estrangeiros. No ano de 1965 entraram em França, segundo os registos, por via legal, 90 000 portugueses. Porém, com o acréscimo da corrente migratória e com a alude dos clandestinos está largamente excedido este número, havendo quem avalie já em mais de 500 000 a totalidade dos operários lusitanos só na cidade de Paris e arredores. Em toda a França são 730 000, quase um décimo da população de Portugal.

O problema da promoção e recuperação social destes trabalhadores não qualificados, de entre os quais os portugueses, todos como honrados e cumpridores (cumpridores significa, por vezes, submissão até à servidão), são, não obstante, dos menos instruídos, vivendo em círculo fechados, mesmo quando fora dos bidonvilles, como o de Champigny, em vias de transformação e o de Massy já

A IGREJA DEBRUÇA-SE SOBRE O PROBLEMA DOS TRABALHADORES ESTRANGEIROS EM FRANÇA

tristemente famoso — tem interessado agudamente o clero francês, que envia sérios esforços no sentido de favorecer a educação, quando não a autêntica «humanização» destes pobres seres frustres, sem capacidade nem hábito de escolha, sem iniciativa, por vezes tímidos e desconfiados como bichos em terra estranha. Muitos padres franceses empreenderam uma verdadeira campanha de alfabetização in loco e aconselham os operários a sindicalizar-se ou no sindicato de origem católica, o socialista C.F.D.T. ou mesmo na C.G.T., dando assim provas dessa clarividência e generosa isenção que hoje caracteriza boa parte do jovem clero francês. Há inclusivamente sacerdotes que, lado a lado com

esses operários — italianos, jugoslavos, espanhóis, argelinos ou portugueses — teimam em viver as suas agruras e dificuldades, para melhor poderem ser por eles aceites e consequentemente aconselhá-los.

trangeiros, não sendo embora minimizada, cede o passo à necessidade da luta pela sua dignificação social.

O p.º Moreau apresenta a situação da mão-de-obra estran-

Por URBANO TAVARES RODRIGUES

A «Mission de France» publicou um estudo estatístico sobre os trabalhadores estrangeiros, assinado pelo p.º Pierre Moreau e incluído num número da «Lettre aux communautés de la Mission de France». Nesse trabalho muito documentado e minucioso, focam-se aspectos sociológicos, económicos, jurídicos e psicológicos. A questão do apostado entre os trabalhadores es-

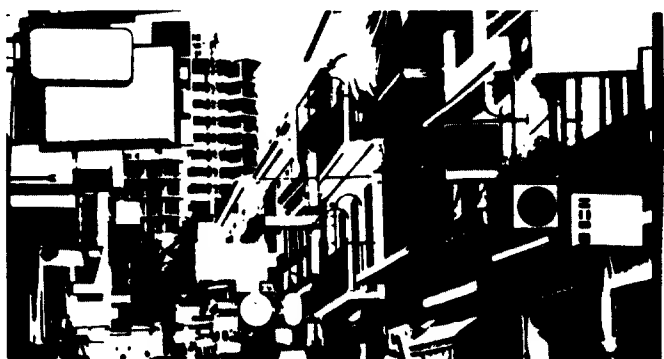
geira em França como «uma nova colonização». Embora nos seus próprios países os operários em questão sofressem em geral condições económicas muito inferiores às que se lhes deparam em França, pelo que têm a ilusão de ascender a um universo mais justo, a verdade é que em relação ao trabalhador francês a sua situação é francamente desfavorável, estando-lhes, de

resto, reservadas muitas vezes as tarefas de que aquele já se arrenda com vezes as tarefas de que aquele já se arrenda da com desgosto, como as de calceteiro, varredor de ruas, limpa-chaminés, servente, etc.

O p.º Moreau, no seu consciencioso exame dos factos, analisa separadamente os problemas específicos de adaptação dos operários estrangeiros, especialmente dos mais rudes e menos cultos, muitas vezes mesmo analfabéticos: espanhóis, portugueses, argelinos, narroquinos, tunisianos, africanos negros.

Por sua vez o p.º Emmanuel Desschamps escreve palavras realistas, duras e honestas, que merecem ser aqui transcritas:

«O francês médio não conhe-



PROBLEMAS DO TURISMO

UMA EXPOSIÇÃO DO DIRECTOR-GERAL

Do director-geral do Turismo, sr. eng. Álvaro Roquette, recebemos a seguinte carta e a exposição anexa:

O Jornal que V.Exa. mui dignamente dirige, inseriu respectivamente em 14 de Junho, 7 e 14 de Julho, depoimentos sobre aspectos da problemática do Turismo Nacional, da autoria dos Srs. Almeida Araújo e Arq.º Conceição e Silva, que suscitaram por parte dos Serviços do Turismo da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, uma análise tendente a esclarecer e orientar o público interessado relativamente às acções que prossegue o departamento responsável pela execução da política de Turismo em Portugal.

Acresce que os referidos Senhores haviam sido anteriormente convidados pelo Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira para um colóquio com arquitectos e outros técnicos deste organismo o que deu lugar a um amplo e livre diálogo, podendo entretanto inferir-se dos depoimentos publicados que nem todas as questões apresentadas ficaram devidamente esclarecidas e daí o julgar-se oportuno solicitar a V.Exa. a publicação da exposição que se junta em anexo, cuja divulgação nos parece necessária e sem que desejemos com estas informações e esclarecimentos abrir uma polémica que não cabe nos nossos propósitos e não está no âmbito das nossas funções.

Apresento a V.Exa. os meus cumprimentos, A Bem da Nação, O Director-Geral, (a) Álvaro Roquette).

ASPECTOS DE PLANEAMENTO TURÍSTICO

A exposição é do seguinte teor:

Quando o Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira promoveu um colóquio subordinado ao tema «Arquitectura e Turismo» pretendeu-se um encontro dos vários sectores da Direcção-Geral do Turismo, nomeadamente os arquitectos dos Serviços de Património, Serviços de Inspeção, Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira, Repartição de Actividades Turísticas, com alguns especialistas da actividade privada trabalhando para a indústria turística.

Quiseram alguns dos participantes convidados neste Colóquio, nomeadamente os Srs. Almeida Araújo e Arquitecto Conceição e Silva alargar o diálogo frutuosamente encetado, trazendo às colunas do «Diário de Lisboa» um prolongamento do debate dos problemas que aí foram tratados.

Atendendo ao excepcional interesse de alguns dos temas abordados para o desenvolvimento da indústria turística no nosso país e porque se afigura da maior importância trazê-los ao conhecimento de todos os leitores, julgou-se oportuno acrescentar também algumas considerações às aduzidas pelos técnicos acima apontados, reformulando, para esclarecimento, alguns pontos de vista na medida em que entendem que a sua importância exige uma mais detalhada análise para a melhor compreensão dos mesmos e para o entendimento do que seja uma política global de turismo adequada à actual fase de desenvolvimento económico do nosso país.

A intenção do referido Colóquio seria a de procurar uma plataforma comum, se possível, entre aquilo que se aponta geralmente como critérios oficiais de política ou de urbanização turística e aqueles outros prosseguidos pelos investidores privados.

Pretendia-se no fundo avaliar da possível coexistência de coordenadas e princípios básicos de entendimento do que será a vocação turística de um país. E isto porque, sempre se repete o desfazamento entre o «comboio» oficial e o «expresso» do sector privado.

2 — Para se situar e analisar a resposta do sector público do turismo ao «boom» inicial re-

cordemos que de 1960/65, o número de turistas passou de 350 000 para 1 500 000.

As estruturas dos serviços, a nível de Repartição, não dispunham de quadros para fazer face a um completo jogo de carências que o fenómeno turístico punha em relevo. E se ainda hoje, a todos os níveis, não existe um entendimento uniforme e bem dimensionado da importância desta actividade, é fácil compreender qual foi o esforço, o grau de missão de que se revestiram os quadros do sector para resolver situações que até aí se localizavam na esfera de competências de outros órgãos de actuação.

Executou-se a reorganização indispensável para dotar o sector publicidade maior flexibilidade e eficiência em ordem a dar uma resposta às situações criadas: Repare-se que essa orgânica, em cerca de sete anos evoluiu de uma Repartição para uma Direcção-Geral, criando-se paralelamente, por via legislativa, uma série de outros órgãos intermédios, actantes e dirigidos ao crescimento de necessidades que o dinamismo do fenómeno turístico esboçava constantemente.

Simultaneamente, a acção de sensibilização ao fenómeno foi atingindo os diversos sectores públicos e o sector privado a ponto da actividade turística ganhar relevância e obter os seus direitos de cidadania.

Quando o turismo aconteceu em Portugal, como estávamos a recordar, ensaiavam-se os primeiros passos para a integração do turismo nos Planos de Fomento.

E justamente, recordando estas datas que se podem compreender os objectivos e as medidas de política formulados nos Planos de Fomento e a importância e hierarquia que, no tempo, foi sendo atribuída ao sector turístico.

3 — Com efeito o Plano Intercalar de Fomento para o período 1965-67 já marca a abertura de nova fase no processo de planeamento nacional, isto é, como grande quadro orientador da evolução da economia e da vida social do País, tanto no que respeita ao sector público como no tocante às actividades privadas, embora, quanto a estas, mantivesse uma natureza essencialmente indicativa.

Aí se consagrou um capítulo

ao sector do Turismo. Inicia-se uma nova fase do turismo português aceitando-se como autêntica realidade a sua importância no desenvolvimento económico-social do território português.

Logo se evidenciaram os efeitos favoráveis do turismo sobre a balança de pagamentos e define-se como objectivo fundamental da política de fomento turístico, a realização das condições necessárias para satisfazer a procura externa e interna condições essas que se colocaram tanto no plano de alargamento da capacidade de alojamento, como no domínio das infra-estruturas com interesse para o turismo.

Nesta conformidade, preconizam-se as medidas de política turística consideradas necessárias para a realização dos investimentos conducentes à criação da capacidade hoteleira e das infra-estruturas complementares.

Antes, porém, criara-se o Fundo de Turismo e promulgaram-se as disposições legais que concederam a mais rasgada isenção fiscal prevista até então para uma actividade económica. A «utilidade turística» foi verdadeiramente o incentivo que mais decisivamente deveria contribuir para a expansão que o turismo português iria apresentar nos anos seguintes.

Posteriormente, no campo do crédito turístico reforçaram-se as dotações do Fundo de Turismo para permitir responder às necessidades da expansão programada da capacidade de alojamento; possibilitou-se o indispensável aumento das disponibilidades financeiras do Fundo de Turismo e alargou-se a possibilidade do financiamento a quaisquer empreendimentos que mereçam ser considerados de interesse para o turismo (por exemplo: piscinas, campos de golf ou instalações desportivas ou culturais).

Permitiu-se também que o Fundo de Turismo possa custear essa totalidade de despesas com a construção e instalação de empreendimentos de interesse turístico em imóveis próprios ou de Património do Estado.

Esta faculdade permite ter-se uma acção directa no fomento de empreendimentos em zonas suficientemente interessadas.

Permitiu-se também dar assistência financeira em acumulação com o Fundo de Desemprego o que possibilita intervir na resolução dos problemas das infra-estruturas das zonas.

Do mesmo modo foram estudados os problemas do abastecimento de produtos alimentares frescos (produtos hortícolas, frutas, produtos de pesca, etc.) às regiões de mais intenso movimento turístico, as medidas de política turística no sector da publicidade, política de transportes aéreos, política de núcleos turísticos e formação profissional.

Também coincidente com esta época foi a criação do Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira, organismo encarregado de promover, realizar e coordenar todas as acções de formação profissional turística e hoteleira e que tem desenvolvido a acção de apoio às várias zonas e regiões turísticas, conseguindo a atracção das camadas jovens às profissões turísticas e hoteleiras, dando-lhes uma

maior autonomia funcional e prestigiando-as no mercado de trabalho nacional.

4 — Ora, se é verdade que o Plano Intercalar de Fomento, dadas as suas características específicas (apresentou não uma planificação económica e social a longo prazo, mas uma fixação de prioridades nos investimentos e nas medidas de intervenção programadas), serviu de «balão de ensaio» para avaliar, com um risco não demasiado, o comportamento do sector turístico ainda numa fase de arranque, não é menos verdade que a inclusão do turismo no II Plano de Fomento, que tem vindo a orientar o desenvolvimento económico e social português, pode considerar-se como uma aceitação definitiva da actividade motora do desenvolvimento económico e social.

Efectivamente, no texto do III Plano de Fomento pode ler-se que se consideram «como principais núcleos motores da aceleração do crescimento do produto nacional as indústrias transformadoras e da construção e o turismo, pelas suas elevadas taxas de crescimento e pela influência determinante nas transformações estruturais da nossa economia».

O turismo e as indústrias complementares são no entanto sectores em que predomina largamente a acção da iniciativa privada, sob a orientação e o estímulo do Estado. Assim, a concretização do investimento turístico previsto dependerá sempre do dinamismo e da colaboração activa das entidades empresariais bem como da sua consciente adesão aos objectivos do Plano.

Mas, para tal, o sector privado tem de ser estimulado com a perspectiva duma justa margem de lucro, através de visíveis possibilidades de rentabilidade económica para os investimentos turísticos. E porque com o planeamento se pretende orientar e incentivar o investimento privado, ao mesmo tempo que se maximiza o esforço por parte do sector público, é que se atribuiu aos serviços oficiais responsáveis pelo turismo certas obrigações que não poderão ser sub-avaliadas, sob pena de se desinteressar os investigadores a comprometer qualquer planeamento turístico.

Por isso, através dum intenso esforço promocional se tem garantido uma procura crescente e cada vez mais diversificada.

— Pode assim dizer-se que desde logo houve uma política; que houve opções, que houve escolha de caminhos. E tanto que no período de tempo que corresponde ao segundo triénio do III Plano de Fomento, ao proceder-se à revisão do mesmo, novas orientações foram tomadas e isto sempre dentro do espírito de «souplesse» e de adaptação às realidades, não querendo assim transformar-se em texto compulsivo o que deverá representar uma adesão das actividades privadas a tipos de equipamentos e soluções que, em certo momento, se mostraram os mais aconselháveis.

Assim o reconhecimento das sensíveis disparidades regionais, e a existência de regiões atrasadas com taxas de crescimento muito baixas ou mesmo negativas, levaram a que se aceitasse a necessidade de substituir uma

política que se limite a acompanhar na sua actuação o grau de dinamismo variável apresentado pelas diversas regiões, por uma política de desenvolvimento regional, que vise orientar a expansão económica em função de objectivos definidos quanto ao crescimento harmónico do conjunto de territórios de cada país.

Factor desta fase foi a inserção dos planos de desenvolvimento turístico no contexto mais amplo do planeamento regional e a reestruturação dos órgãos locais do turismo para responder a tarefas mais amplas e exigentes.

Exemplo disso foi a extensão da política de reestruturação dos órgãos locais do turismo, explicita na Lei N.º 2 082, ao Algarve com a criação da respectiva Comissão Regional de Turismo para responder a tarefas mais amplas e exigentes e que o turismo conseguiu trazer ao plano de actualidade embora esses problemas apresentassem características intersectoriais.

Pretendeu-se assim atribuir à Comissão Regional competências especiais para a realização de um plano de infra-estruturas, estimular a regionalização das áreas turísticas, política seguida pelo sector e por outro lado acompanhar o movimento de regionalização dos outros sectores, constituindo instrumentos próprios para a correcção de desequilíbrios.

Do mesmo modo o aproveitamento turístico da Serra da Estrela com a criação de uma empresa de economia mista foi o reconhecimento da conveniência dessa integração global dos problemas.

Passou-se neste caso de o arranjo de uma simples estação de neve para o aproveitamento total de uma região articulando assim as várias actividades económico-sociais, ao mesmo tempo que se adquiria experiência numa solução que poderá vir a utilizar-se em outras regiões e iniciativas.

Acentuava-se cada vez mais a necessidade de apoiar a política turística em respostas previamente dadas a determinadas questões básicas, tais como:

— Qual a importância que o fenómeno turístico tem para a economia da região?

— Qual a tendência revelada pelo fenómeno turístico? Para estagnar? Para retroceder?

— Quais as medidas que deverão ser tomadas para proteger, ordenar e desenvolver o impacto turístico que nesse país ou nessa região, pelos recursos turísticos potenciais, tem nos mercados internacionais?

— Como deverão ser intensificados os meios promocionais para atrair novos turistas?

— Como será possível con-

servar o equilíbrio entre as necessidades industriais e urbanísticas e a promoção dos recursos turísticos potenciais?

As respostas a estes quesitos, como se poderá calcular, não podem ser formuladas pelo sentimentalismo bairstista, mas antes, aproveitando-o para iniciar um minucioso estudo e cuidadoso planeamento.

Ainda no II Plano de Fomento, ao enunciar-se uma política de desenvolvimento turístico, para além da enumeração das regiões prioritárias, formula-se a necessidade de execução de estudos sobre outras regiões que revelem potencialidades de grande interesse para a procura turística.

E uma perspectiva que se fundamentou na política de desenvolvimento socio-económica do País, na qual se procuram analisar todas as áreas nacionais para que se possam efectivar uma política de coordenação sectorial de promoção dessas áreas.

Baseada neste enunciado e sentindo que poderia contribuir de modo decisivo para a concretização desses objectivos, resolveu a Secretaria de Estado da Informação e Turismo proceder à execução das Cartas de Ordenamento Turístico do território.

Com estes trabalhos procurou obter não só o inventário da universidade turística do território como também ordená-lo, hierarquizá-lo nos seus valores para lhe definir as aptidões e preservar o seu aproveitamento consoante as potencialidades apresentadas. Este ordenamento é posteriormente traduzido em linhas de acção que permitem à Administração estabelecer com oportunidade uma política de desenvolvimento sectorial.

Com esta orientação pretende-se obter um quadro geral das regiões e dos elementos que as definem como turísticas dado que:

— Ficaremos a saber quais as medidas a adoptar para oferecer ao turista uma imagem autêntica da região ou do país que ele elegeu entre os que lhe forem propostos.

— Poderemos apetrechar-nos tecnicamente para delinear uma política de equipamento.

— Permitir-nos-á o conhecimento das reacções e comportamento de certos sectores da população e a escolha dos métodos mais convenientes ao fomento turístico de determinadas regiões.

— Ficam diagnosticadas as tendências dos operadores económicos locais e ainda os perigos para o turismo que essas tendências podem representar se não forem orientadas, bem como tomaremos conhecimento das carencias e aspectos negativos que caracterizam a conjuntura da região.

Este um trabalho de base que



EM PORTUGAL DO TURISMO

tem vindo a ser feito e que se espera em breve poder apresentar devidamente equacionado e que tem permitido entretanto fornecer aos serviços esclarecedoras orientações.

6 Antes de passar a outro ponto convirá tipificar algumas das acções que integram a política turística dos nossos dias para fixar duas ou três ideias base sobre o turismo moderno, para que não se percam de vista as grandes linhas.

Assim, se o turismo depende do tempo livre, do «loisir» terá de se recordar que, o turismo actual é antes de mais uma deslocação do poder de compra, que caminha essencialmente dos povos situados a Norte deste hemisfério para Sul. Isto é, os habitantes da América do Norte e Canadá e dos países do Norte da Europa, procurando a Europa do Mediterrâneo, ou melhor a Europa do Sol e das praias quentes.

Por coincidência e aqui está a deslocação do poder de compra, são os grupos originários das regiões onde se alcançam entre 4000 e 2000 dólares per capita, a caminhar para as regiões onde as belezas naturais existem e as quais se compensam da situação de não atingir sequer o milhar, «per capita».

E desta realidade básica que devemos partir, coincidindo com Dumazedier, ao lembrar que o «loisir» é a consequência da relação óptima entre a necessidade do tempo livre e a necessidade de dinheiro, em cada etapa do desenvolvimento em determinada sociedade.

É assim, conscientes destas realidades, que se rejeita uma atitude passiva perante o mercado que trabalhamos. E, ao mesmo tempo, que se exige do sector privado uma gestão cada vez mais actualizada, se considera também que essa atitude será automaticamente a renúncia e a negação do alto valor económico do turismo em Portugal.

Com efeito quem se debruçar sobre o turismo internacional, sabe que o turismo significa competição e concorrência desmedida e por isso mesmo só uma técnica e esclarecida actuação dos poderes públicos e do sector privado podem partilhar com devida lucro deste sector de actividade.

Quer dizer a oferta portuguesa tem que escolher a sua procura, deve escolher os seus segmentos específicos.

Em marketing turístico não se pode ter ilusões que seja possível ter uma oferta óptima, para todos os mercados, sejam eles actuais ou potenciais. Mais uma vez se obriga aqui a escolher e a tomar opções. Como, porque e quanto?

Dentro das linhas gerais de actuação queremos para o nosso País uma

— estrutura óptima e uma utilização óptima dos equipamentos criados com

— consequente integração regional e respectiva quota no desenvolvimento económico.

E pretende-se, como objectivos finais:

— Contribuir para o desenvolvimento das aptidões e capacidades da população portuguesa

— Participar no esforço nacional de desenvolvimento económico e social pela obtenção de um maior rendimento nacional

— Incluir na sua melhor distribuição

— Alcançar para o País o maior volume de divisas com o menor custo social e económico.

E evidente que não podemos, mas esse é outro aspecto da nossa actividade, descurar as soluções que devem dar aos portugueses a possibilidade de ocuparem, nas melhores condições, os seus tempos livres. Para o efeito realizaram-se estudos do mercado e opinião pública e promoveram-se várias campanhas sobre o título genérico de «Conheça o Portugal Desconhecido», em que se ensaiaram as possibilidades de oferecer em acção coordenada de hotelaria e agentes de viagem, soluções condizentes com os interesses e motivações do mercado interno português.

7 — Outro aspecto muito importante em toda esta problemática será a de averiguar quais as vantagens oferecidas ao investidor provado nesta ordem de ideias descobrir se os empreendimentos turísticos estarão espartilhados por esquemas predeterminados.

Julgamos que não deverá, haver receios sobre este ponto, pois que a não haver orientação nenhuma correríamos o risco de ter uma oferta indisciplinada e oportunista que acamparia, episódicamente, para partir ao menor sinal de desequilíbrios conjuntais.

Assim, **regulamenta-se a oferta** para que ela corresponda ao interesse geral caracterizado em objectivos básicos e finais, de acordo com os recursos existentes e com as tendências da procura.

Essa regulamentação, sem que constitua um espartilho, é mais do que a harmonização dos diversos interesses em jogo para a conjuntura, e está porém em permanente actualização pela recolha oportuna dos seus desdobramentos e muitas vezes até tem um período de vida determinada.

Por outro lado, não será de recear pela estagnação do poder criador provocado pelas regulamentações. Aqui parece que o receio só pode resultar da não existência dessa criatividade tanto para conceber as novas formas de adaptação dos equipamentos às solicitações da procura como para fazer novo regulamento que as consagrem e estimulem. Parece pessimismo em excesso pensar que pode faltar o espírito criador só a uma das partes!

A regulamentação, sobretudo em turismo, justifica-se pela própria natureza da actividade: — actividade nova, onde todos são tentados a fazer a sua experiência pelo tipo sugestivo de actividades que desencadeia e promove. E não raro surge o oportunismo e especulação que cumpre evitar.

E também proporcional à necessidade de maturidade e experiência de empresários profissionais e investidores e à formação de uma consciência perfeita de objectivos relativamente a todos os interesses em jogo. Quer dizer que o Estado deve assumir a responsabilidade das medidas, estudos e intervenções traduzíveis em estímulo, orientação e complementaridade das actividades do sector privado para que este possa cumprir a política de turismo de maior interesse para o País.

8 — Dentro destas preocupações de estudo e selecção da procura, elemento fundamental de toda a política turística, será também a definição da **qualidade dos serviços** a prestar.

Ainda há pouco, em Zurique, realizou-se um seminário sobre o futuro do turismo, onde ficou bem acentuado que cada vez mais, o produto do mercado turístico não é já o hotel mas antes o **serviço** que o caracteriza.

Não esqueçamos também o aviso recente de um estudo sobre o «**Colapso da indústria de serviços**», considerando-a em todos os países o sector da actividade económica mais desorganizada de todas e com maiores problemas a enfrentar.

E evidente que a mão-de-obra neste sector, é sem dúvida o difícil objecto da controvérsia. Como vem, porque vem, como se forma, como desempenha as suas funções. Normalmente serviços de pessoas para pessoas a uma escala tão larga que a coloca nesta faceta à frente de todas as indústrias.

O público deseja cada vez mais um serviço directo e personalizado, nos transportes, nos supermercados, nas agências de viagens, nos hotéis, nos aeroportos e por esta lista se avalia já os problemas que os serviços turísticos têm que enfrentar.

Em Portugal, se alguma coisa tem caracterizado a nossa recepção é o apoio da tradicional afabilidade do povo português para com o estrangeiro, o sentido de dignidade que caracteriza o nosso receber, possibilitando assim um estilo de relação e contacto que suprimam muitas vezes a impreparação profissional.

Sociedades mais industrializadas, procuram agora profissionais motivados e sentindo cada vez mais as exigências das profissões de contacto com o público, valendo a pena citar aqui uma fórmula de uma grande companhia para o seu pessoal: «be friendly, be interested, be helpful, be proud, be thankful», que julgamos conter exactamente as qualidades que caracterizam o estilo da grande maioria dos profissionais de turismo em Portugal.

E por isso que sempre choca quando ouvimos falar de servilismo, alienação, subproletariado, etc., trazendo para este sector considerações sociológicas que julgamos deslocadas.

«Será melhor atentar, como se diz num estudo sobre o Algarve, publicado na revista «Seara Nova», de Maio, no «impacto sociológico» — na mentalidade nova contemporânea do surto turístico», surgida nas populações e que a leva a conduzir, embora com reservas para as fontes estatísticas utilizadas, por «um melhor nível de vida da população do Algarve».

Aqui sim, sem dúvida, haverá uma palavra a dizer dos nossos sociólogos e economistas.

9 — E para terminar, conscientes de que temos de enfrentar dificuldades para o desenvolvimento desta indústria de serviços, mesmo que baptizada com a aparente frivolidade do nome turismo, estamos também a adquirir certezas quanto à contribuição que ela pode dar à valorização económica do nosso País. Para além disso, não esqueçamos que a tarefa mais apaixonante do nosso tempo será a de definir, em termos de realização da dignidade da pessoa humana, a utilização do tempo livre, encarando o turismo um instrumento de cultura individual e de fomento de paz entre todos os povos e nações.

Sem entrarmos em previsões muito longínquas, há que repensar e solucionar sem dúvida uma utilização mais racional do tempo e do espaço visando essencialmente uma política do homem.

Até que ponto o turismo, os tempos livres vão ser elementos decisivos dessa política é o encargo que muitos de nós e da próxima geração têm que resolver.



ACHA CARO O PREÇO DOS LIVROS?

É facto óbvio a existência entre nós de um público leitor extremamente reduzido. Confirmam-no as baixas tiragens — de livros, jornais e até revistas —. Poderão explicá-lo outros fenómenos amplamente decisivos — o nível de vida ou de progresso do país...

«MR» inquiriu junto de alguns editores dos objectivos e possibilidades do livro de bolso como veículo de cultura popular, como arma de criação de um público leitor mais vasto e, logicamente, como meio de rentabilidade económica das respectivas empresas editoras. Por esta última razão foi

o preço do livro (de bolso e não só) o tema mais largamente debatido. Concluiu-se genericamente não ser o preço o factor determinante da não-existência de um grande público leitor.

Hoje, o nosso inquérito, abordando basicamente o preço do livro, refere a opinião de quem compra: o leitor. Corremos algumas livrarias e, embora a altura não seja de grande frequência para estas, falámos com cerca de vinte habituais compradores de livros. Aí ficam algumas das respostas mais significativas.

PRIVILÉGIO

— Não me parece que sejam muito exagerados os preços dos livros. Creio que já quase toda a gente pode adquirir um bom livro embora uns tenham possibilidade de o fazer com mais frequência do que outros.

Palavras do primeiro inquirido, Daniel Guedes Fonseca, gerente comercial, que gasta cerca de quinhentos escudos por mês em livros. Conclui:

— Os mais difíceis de comprar são certamente os livros especializados, científicos ou técnicos. Mas também são poucos os interessados em tais leituras e esses têm, na generalidade, dinheiro para os comprar.

DIOGO QUINTELA, estudante de engenharia, consultava algumas novas edições no Centro do Livro Brasileiro. Foi claro e preciso:

— Penso que o preço do livro em Portugal é, efectivamente, exagerado. Mas, atendendo a que apenas uma determinada camada social os compra, considero-o perfeitamente adaptado ou de acordo com as possibilidades dessa camada.

Recordamos-lhe a existência actual do livro de bolso, indubitavelmente menos oneroso que os restantes. O futuro engenheiro não demora a resposta, novamente objectiva:

— Será mais barato, será, mas não me parece que isso vá resolver a ausência de um grande público leitor e, consequentemente, determinar outras edições também baratas. Acho que o fundamental para que as pessoas comecem a ler não será o livro ou a edição barata, pois a generalidade das pessoas não tem bases para compreender ou entender esses livros. Ora essas bases são indiscutivelmente o

grande estímulo para a aquisição regular de livros.

A terminar:

— Embora não negue a importância, sobretudo comercial, do livro de bolso, mantenho a opinião de que é uma camada social muito restrita que o lê. Do ponto de vista social, as pessoas que querem comprar livros e não têm dinheiro constituem um número bastante reduzido.

CONTRADIÇÕES

LUÍS FERNANDO SARAI-VA, empregado bancário, compra livros desde há muitos anos e, para além de tudo, sabe como inserir a problemática do seu custo nos vastos circuitos do processo sócio-económico. Diz-nos:

— A noção de «caro» ou «barato» é subjectiva. Está de acordo com o poder de compra das pessoas. Se tivermos em conta o poder de compra da generalidade do povo português, os livros são caros, tal como o são os sapatos, as casas, os transportes.

Justifica:

— Na sociedade do lucro, o livro é uma mercadoria como qualquer outra e portanto, do ponto de vista do editor e do comerciante de livros, o problema é o de aumentar as vendas e arrecadar maiores lucros. Ora parece-me que nada disto tem a ver com «promoção cultural» ou qualquer coisa do género. O tocante ao conteúdo dos livros é já um problema diferente. Aliás, falar em abstracto de «difusão do livro», «promoção de leitura», etc, pode não significar nada. Tudo depende daquilo que se lê e como se lê.

Vieio mais uma vez à baila o livro de bolso. Sem quaisquer hesitações, o nosso interlocutor afirmou:

— A edição em grande escala do livro de bolso, a um preço

mais reduzido é, na nossa sociedade, um fenómeno exclusivamente comercial e só desse ponto de vista deve ser encarado.

Acerca do valor cultural do livro:

— O que determina o valor cultural de um livro não é o formato, nem o preço, mas as ideias que vincula, os interesses que serve e a atitude de quem o lê.

Concretamente:

— Nesta medida um livro caro pode ser «bom» e um livro barato pode ser «mau». Convém não misturar o livro e confundir aspectos distintos como são, por um lado, os aspectos comerciais do livro, enquanto mercadoria; por outro, os aspectos subjectivos «culturais» do livro, enquanto veículo de ideias.

EDIÇÕES

Um outro estudante — 50 por cento dos inquiridos são estudantes — JOSÉ MANUEL PEDROSA, futuro psicólogo, foi mais conciso.

— Na qualidade de estudante ando quase sempre «arruinado» e, por isso, não são poucas as vezes que pretendo comprar um livro e não há nada a fazer, não tenho dinheiro.

E conclui, aparentemente confuso:

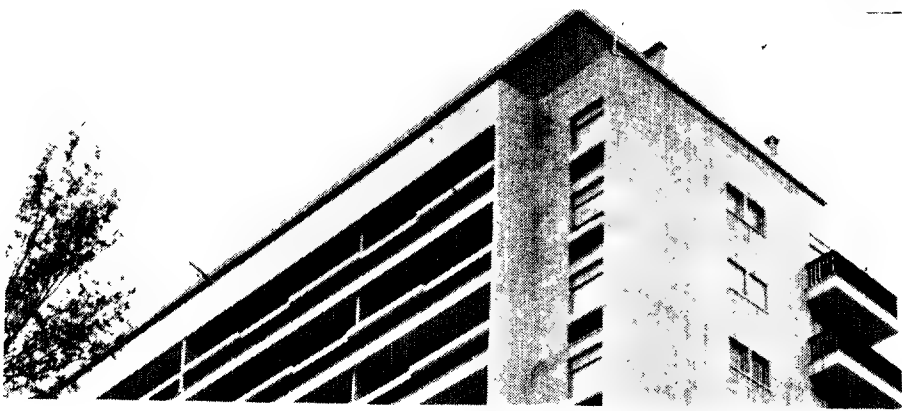
— Para a minha bolsa são todos caros, sejam ou não livros de bolso. Para outros, não haverá certamente problemas. Quem pode, pode! Segundo se diz é tudo uma questão de tiragem: quanto maior for a edição mais baratos serão os livros. Enfim será como dizem um círculo vicioso, mas que no meu caso «não aquece nem arrefece».

MARGARETA PALMA e RAFAEL ABREU, estudantes de História, procuravam numa das livrarias da Baixa edições francesas de consulta obrigatória para o respectivo curso. Diz-nos Margarida:

— Para nós os livros são sempre caros. Mas o que é efectivamente mais grave é termos de adquirir livros estrangeiros de estudos obrigatórios a preços verdadeiramente exorbitantes. Se ainda houvesse a possibilidade de os consultarmos nas bibliotecas, a situação não seria tão grave. Ora o que acontece é que as nossas bibliotecas raramente os possuem ou então adquirem-nos quando já não temos necessidade de os utilizar.

RAFAEL MOREIRA, de nacionalidade brasileira, limita-se a apontar o exemplo do seu país:

— Até há pouco tempo, os livros no Brasil eram extremamente caros. Agora a existência do Instituto Nacional do Livro, cujo objectivo é a promoção e expansão do mesmo, tem permitido as grandes edições, com largas tiragens, que determinam preços muito mais reduzidos dos livros, de mais diversa índole. Creio que poderia ser um caminho a seguir-se aqui.



polémica

Intervenção de e Júlio de

O debate sobre o problema das rendas de casa e a pretendida actualização das rendas nas cidades de Lisboa e Porto, que se está a fazer nas páginas de «Mesa Redonda», não só despertou grande interesse entre os leitores como — tal como prevíamos e era desejável — perdeu a agressividade e a dose emocional iniciais, para assumir um tom mais sereno e verdadeiramente esclarecedor das respectivas posições. Além da continuação da resposta do dr. M. Roque Laia ao sr. José Poiares, inserimos ainda o ponto de vista do sr. Emídio Santana, presi-

dente da Associação dos Inquilinos de Lisboa, a uma carta do leitor, sr. Júlio de Almeida Albuquerque

Na medida do possível, procuraremos evitar que, no debate, se caia em excessos de linguagem e que certos leitores repitam, até à exaustão, os seus próprios argumentos, servindo-se de vários nomes. A polémica, em debate sereno, é utilíssima, mas a chicana e o insulto só serviriam para azedar um problema já de si tão grave e melindroso como é este do direito à habitação e do preço das rendas

Resposta aberta à carta aberta do sr. José Poiares

Posto isto, vejamos todos os restantes erros contidos na carta que me dirigiu.

a) Certo é que tenho de repetir aqui o tema que — como V.Ex.^a diz — «estafadamente» venho reproduzindo.

Mas, a culpa, é de V. Ex.^a e dos seus colegas.

Na verdade como poderá deixar de assim ser, se V. Ex.^a — e os restantes senhores — «estafadamente» repetem, sempre, os mesmos e errados argumentos, estafadamente repetem — sem variante — as mesmas infundadas reclamações?

Claro que eu não posso deixar de considerar os vencimentos de 1500\$00 e 2000\$00 mensais que, infelizmente, nem sequer são os da totalidade dos trabalhadores, dos doentes e reformados, pois, há assalariados, doentes, e reformados, que nem isso — ainda — recebem por mês, e eles, também, necessitam de casa para habitar. Não há dúvida que o senhorio está do outro lado, e que, também tem direito à vida.

Mas, são duas coisas diferentes: o viver-se do produto do trabalho próprio e viver-se do produto do trabalho alheio. Se ele é velho, inválido — e mesmo são, jovem — tem direito à vida. Quem lho nega?

Mas, quem o mandou contar para a sua velhice e invalidez, com o produto do trabalho dos outros? E não pensa V. Ex.^a, senhor José Poiares, nos milhares de «velhos» e «inválidos» que não têm rendimento algum, — quando muito miseráveis pensões — e têm de pagar renda da habitação cujo preço é — não raramente — mais do que a totalidade da pensão que recebem?

Para que lado se deveria inclinar a justiça do Estado que se classifica a si próprio de «Social»? Para o dos que possuem alguma coisa, ou para o dos que nada possuem? Para o dos que possuem «mais», ou para o dos que possuem menos?

A resposta afigura-se-me óbvia.

O mais curioso é que V. Ex.^a e os seus outros colegas senhores — aparentemente ignorando os actuais conceitos e expressões económicas, aceitam com o argumento do

prédio velho e não rentável. Mas quem tem culpa de que o velho prédio deixe de ser rentável, como, face aos supermercados, deixaram de ser as merceariaszinhas, as drogariaszinhas de bairro?

Sem as reparações devidas, as casas decaem nas suas condições de habitabilidade; por essa circunstância, e por razões resultantes da espécie de construção própria da época (falta de casa de banho, divisões sem luz directa e outras semelhantes) a maioria das casas antigas não proporcionam, já, ocupação que valha, sequer, as rendas inicialmente fixadas. Mas, o problema de rentabilidade de tais casas, como o problema de não rentabilidade dum prédio, — propriedade individual — não são problemas a resolver à custa dos arrendatários.

São problemas que os proprietários tem de pôr ao Estado — o único com obrigação de fornecer ao cidadão e há

família a habitação que eles necessitam — São problemas que o Estado tem de resolver, quer pela concessão de subsídios de «habitação» para o arrendatário, ou de «compensação» para o senhorio, quer tomando, para si, a casa, a troca de títulos de dívida pública através de planos a estabelecer. As necessidades públicas, colectivas, têm de ser satisfeitas pelo Estado, ou este responsabilizar-se por essa satisfação.

Já se prova que o Ensino tem de estar «todo» a cargo do Estado, uma vez que o professor — comerciante acabou por verificar que o «seu» «estabelecimento» de ensino já não é rentável. Quer o comerciante-senhorio, também, regras e normas «especiais» da evolução económica? Que a economia na fase actual da evolução capitalista crie condições «especiais» para os prestadores de habitação?

b) Acusa-me V.Ex.^a de empregar só «dialéctica». Ora a dialéctica é o movimento de transformação que existe em tudo, (consequentemente também na própria sociedade) e esse movimento só pode ser estudado cientificamente segundo leis próprias.

Daqui, duas conclusões a tirar: a de que a transformação dialéctica opera-se irreversivelmente, quer o sr. Poiares e todos os outros senhores queiram ou não queiram, porque tudo é dialéctica, a dialéctica é incompatível com o idealismo imobilista, conservantista, estático. Mas saberá o sr. Poiares analisar dialécticamente uma questão, qualquer que ela seja, ou meteu-se somente em terrenos apertados empregando ex-

pressões de que desconhece o rigoroso significado? Sabe que só por esse método de análise científica se toma conhecimento científico da desconformidade das velhas formas em relação a um novo conteúdo e que a única atitude actuante é «forçar» as velhas formas existentes? Parece-me no entanto, que não o preocupava a dialéctica do problema da habitação, creio que se referia, somente, à dialéctica oratória que existe na argumentação e contra-argumentação antagónica de certos oradores e signatários de cartas mais ou menos abertas.

c) Volta V.Ex.^a a reincidir no crónico erro colocando o binómio renda-vencimento do arrendatário.

O senhorio não tem de contar com o vencimento do arrendatário, para lhe extorquir a maior parte dele.

O único binómio a estabelecer é — casa renda.

A estabelecer a relação produto-vencimento ou lucro do utente — como pretendem os senhores — então estes deveriam pagar pelos géneros de alimentação, de vestuário que consomem, pelos transportes colectivos que utilizam, pelos bilhetes de cinema, pela utilização dos serviços públicos, etc, etc, maior preço do que aqueles que não têm rendimentos alguns e dos que vivem com salários e vencimentos baixos.

Diga-me, senhor José Poiares:

Os senhores repartem com os seus inquilinos os seus rendimentos?

Diminuem o preço das rendas, ou prescindem dela, quando o arrendatário está doente, desempregado? Não!

Então o que tem o arrendatário com o facto da moeda se desvalorizar? Que interessa para a fixação do preço das rendas (valor da ocupação da habitação), que os vencimentos tenham aumentado, o custo de vida subido, que os arrendatários tenham morrido, os filhos herdado as casas, melhorado o seu nível de vida, ganhado, hoje, dez vezes o que ganhavam os pais, como V. Ex.^a diz? Afirma que eles pagam a renda que pagavam há 20 ou 30 anos. Porque não hão-de pagar tal renda, se a casa é a mesma? Porque haviam de pagar renda maior? Diz que há hoje indivíduos que ganham 5,6 e 10 contos e pagam rendas escandalosamente baixas em referência ao vencimento. Então? E os que ganham só 40\$00 diários, os velhos, os doentes e os reformados?

Se pela teoria de V. Ex.^a é imoral ganhar-se muito e pagar pouca renda, mais imoral será que os que ganham pouquíssimo paguem alguma renda. E não será mais imoral querer «maior renda» por uma casa antiga? Não será mais imoral ainda, o querer aumentar as rendas antigas?

Falava V. Ex.^a em Direito! Que Direito? O Direito «formal», mero aglomerado de acções arbitrarias, coercivas, impostas por uma classe, ou o Direito dos que nada têm? Sabe V. Ex.^a que o Estado, o poder legislativo não cria «Direito» e apenas o organiza segundo as concepções e interesses das forças que detêm o poder?

Ou, ao referir-se ao Direito, quis V. Ex.^a referir-se ao direito de especular com o preço da renda, isto é, à «possibilidade» de o fazer, por dispor os senhores do poder para «imporem» os seus interesses de grupo? Esquece V. Ex.^a que ninguém obriga os senhores a colocarem a sua propriedade no mercado do arrendamento?

Sabe bem que, ao fazê-lo, o proprietário entra num «negócio», que sabe ser seguro, muito lucrativo, com um mercado de procura nunca saciado, negócio protegido pela mais eficiente, rápida e desumana garantia: — a acção de despejo. Mas, ao entrar nesse negócio o comerciante — senhorio não pode pretender ainda, maiores vantagens — não lhe devem ser concedidas mais vantagens do que aquelas que são concedidas aos demais comerciantes. Ele já as possui, e em demasia.

Não esqueçam os senhores que constituem o único grupo que não paga imposto algum pelo rendimento da aplicação de capital.

d) é falso, senhor José Poiares que, como escreveu, as rendas novas aumentam assustadoramente porque as antigas se fixaram e os proprietários não estão dispostos a correr riscos.

Aconselho-o a ler o que a esse respeito já escrevi no meu livro: — «Não há rendas baixas — Há rendas especulativas». As rendas têm subido — e sobem — por pura ganância e especulação dos senhores; nada justifica tão vertiginosa subida dos preços delas.

Não são os proprietários das antigas habitações, cujas rendas servem de pretexto para a gritaria dos senhores, quem provoca a inflação no mercado do arrendamento, dado que são poucas as casas a serem, agora, arrendadas.



PARA EXPOR

É hábito generalizado, especialmente de senhores, abordar este grave problema avolumando uma argumentação em termos sentimentais: o inquilino rico que explora o senhorio pobre; a viúva que não recebe rendas que lhe permitam viver; o inquilino despejado do prédio que vai para a demolição que ainda compra um automóvel, etc.. Depois vem ainda as rendas antigas que perduram enquanto o inquilino foi sendo aumentado nos salários, ou o inquilino que explora a casa que alugou, subalugando com lucro.

Neste estilo de argumentação, persistiu o sr. José Poiares querendo apresentar a sua tese em termos até de reprimenda para a audácia de certas argumentações, esquecendo que frequentemente incorreu nas falhas que apontou a outros.

Vamos expor o problema nos seus verdadeiros termos, sobretudo despoído de sentimentalismos.

Quando o sr. Poiares entra no eléctrico ou vai à mercearia, nem o condutor, nem o merceiro averiguam se é rico ou pobre. No eléctrico paga o bilhete da taxa correspondente, e o merceiro vende-lhe a marmelada ao preço da tabela anti-inflacionária. E quem sabe se o senhor não será mais rico que o merceiro?

Na sociedade economicamente instituída o senhorio é o comerciante que vende um aluguer de casa; o inquilino é o comprador que, para poder viver e satisfazer uma das necessidades fundamentais do Homem, aluga a casa. E até se faz um contrato que obriga ambos. Isto, até aqui, é claro. Resta saber se um e outros dos contratantes estão em perfeitas condições de igualdade para defender os seus direitos do contrato e de que espécie são esses direitos. Especialmente se alguns desses direitos não são assegurados e por isso impliquem com os princípios da justiça social que se tem vindo acumulando por conquista dum Direi-

que ultrapassa outros direitos diminuídos de conteúdo social com a evolução dos conceitos de Justiça. Isto quer dizer: se o direito absoluto do comerciante-senhorio lhe permite vender o aluguer da casa em mercado livre, dentro do princípio absoluto do direito romano «o direito de usar e de abusar», ou se esse mercado é condicionado por exigências de equilíbrio social, no caso da habitação, de poder garantir a estabilidade da Família, de distribuir as populações em termos de harmonia urbana e de poder ser eficaz no sistema de produção. Chega-se até neste acervo de preocupações de ordem social a considerar-se que o meio habitado, onde as populações vivem, que reúnem até condições de convívio e de ocupação de tempos livres que evitem casos como os da criminalidade infantil, produto do modo de vivência das populações.

Como vê, sr. Poiares, a habitação não é uma pura mercadoria que entra no mercado na busca dum lucro para o produtor e para o comerciante que o trafica! Nem pode ficar em termos de se aumentar ou diminuir.

Se prefere jogar com os casos sentimentais, como o filho do senhorio não poder ir gozar férias à Suécia, por a renda que o inquilino paga ser antiga, ou antiquíssima, eu, inquilino, prefiro não carrear os muitos mais numerosos casos sentimentais de inquilinos, para procurar os termos verdadeiros em que a habitação — necessidade fundamental do homem — tem de ser colocada.

O sr. Poiares fala de rendas antigas e diferença-as das rendas



TEMA DAS RENDAS DE CASA

M. Roque Laia, Emídio Santana Almeida Albuquerque

As rendas «antigas» nada têm com a formação do preço das rendas actuais, pois, elas sobem, e vertiginosamente, mesmo nas localidades onde deixou de haver rendas inalteráveis. De resto, o argumento «rendas antigas» já não engana ninguém, pois está desmitificado e de há muito.

Consulte V. Ex.^a — é bom que antes de escrever as pessoas estudem o assunto que vão versar — a revista dos proprietários «A propriedade Urbana», de Janeiro de 1969. Veja o quadro aí publicado.

Já então, concluía o autor

desse quadro que num período de 22 anos (1943 a 1965) o número de renda de 500\$00, e inferiores, passaram de 73,7 por cento dos contratos celebrados para 17,5 por cento; que as rendas de 1000\$00 e superiores «sobem» de 26,2 por cento do total dos contratos celebrados para 82,4 por cento!!!

Na verdade, ainda, segundo esse quadro, num total de 154.050 arrendamentos com data conhecida, incluindo os de há mais de 20 anos (os números foram primitivamente publicados em 1967) celebrados em Lisboa, até 1942, e posteriormente a este ano até 1965, somente 9372 deles, ou seja, uns escassos 6 por cento, são de rendas até 100\$00 mensais.

E desses 9372 arrendamentos, 7541 são arrendamentos celebrados até 1942, isto é, incidem sobre propriedade já envelhecida, na sua quase totalidade desactualizada, sem condições de habitabilidade.

e) Se V. Ex.^a alguma vez tivesse lido o que sobre a matéria tenho escrito, saberia que sempre fui contra a sublocação, salvo quando parcial, e mais não é do que a aliança de duas, ou mais, economias familiares que, por si sós, não

podem pagar o exorbitante preço de uma renda.

O sublocador total é tido — nos escritos — e no meu referido projecto — como um intermediário que tem de acabar, como aliás deveria «acabar-se» com todos os intermediários, dado que eles não são mais que elementos parasitários, contribuindo para a elevação do preço dos custos. Mas, a sublocação parcial e a hospedagem doméstica são uma consequência forçosa e

necessária do preço especulativo das rendas.

Baixem-se os preços das rendas, reduza-se o preço delas aos níveis justos e morais, e a sublocação parcial e a hospedagem doméstica desaparecerão automaticamente, pois, só quem o vive sabe o que é o drama do «quarto alugado» ou da «parte de casa».

E, se não desaparecerem, por si próprios, então haverá razões — mas só então — para os «fazer» desaparecer.

FIXAR RENDAS EQUITATIVAS

Estão a despertar grande interesse os artigos publicados pelo «Diário de Lisboa» sobre o problema do inquilinato, pondo em evidência a luta que senhores e inquilinos estão travando na defesa dos seus respectivos direitos, que, infelizmente, não estão ainda devidamente esclarecidos.

Os defensores dos interesses dos senhores, apresentam como cavalo de batalha, «o caso dos prédios de rendas antigas», que não permitem aos seus proprietários fazer face às despesas com

as obras de beneficiação, e os que se arvoram em protectores dos inquilinos, lançam um grito de alarme, denunciando os casos mais flagrantes de especulação com as actuais rendas de casa.

Não é difícil compreender, no meio deste pandemónio, que algo de anormal se passa com os princípios básicos da lei do inquilinato e que só ao Estado compete arbitrar com equilíbrio e justiça, envidando todos os esforços para que, com a possível

brevidade, se encontre uma solução para este magno problema.

O inquilino não pode ser deixado à mercê de usurários sem escrúpulos e o senhorio também não deve ficar indefinidamente privado dos elementares direitos que normalmente lhe concede a posse de uma propriedade que adquiriu à custa de imensos trabalhos e privações e que representa o seu património.

Para cercar e reprimir abusos, foi apresentada à Assembleia Nacional, em 29 de Abril último, um projecto de lei que visa precisamente «aumentar moderadamente as rendas antigas e diminuir as consideradas especulativas». As intenções dos autores do projecto, que viria sanar o complexo problema do inquilinato, têm provocado veementes protestos, pelo facto de prever «um aumento» de algumas rendas, mas o que é certo é que, para por termo à especulação, é necessário atribuir à habitação o seu real valor locativo.

Existem, ao que parece, três categorias de rendas. Uma, talvez a maioria, estão absolutamente em concordância com o seu valor actual e portanto não necessitam de ser aumentadas nem diminuídas. A par destas existem as chamadas «rendas antigas» que não correspondem ao que se pode considerar uma renda «normal» e as mais recentes que, na generalidade, são demasiado caras para poderem ser consideradas «normais».

São portanto as duas últimas categorias de rendas que, para serem equitativas, precisam de ser fixadas dentro de determinados limites coerentes.

Se o projecto de lei prevê que, nos prédios para habitação não poderá exigir-se renda mensal de montante superior ao duodécimo do respectivo rendimento líquido inscrito na matriz, que é obrigatória a colocação em lugar bem visível, no prédio facultado a arrendamento, a identificação matricial do correspondente rendimento líquido e da renda pedida e que os locatários de prédios arrendados poderão requerer a avaliação do prédio para o efeito de fazer baixar as rendas convencionais, é a prova de que o Estado se propõe exercer um controlo dos preços das rendas, e todos deveriam congratular-se com tal medida.

Sem rei nem roque, como soi dizer-se, é que não está certo porque assim beneficiam uns em detrimento de outros e esta situação tende a agravar-se à medida que os meses decorrem.

Pretender que as rendas não devem aumentar porque os

prédios já estão pagos e repagos, que o senhorio não necessita de ir para a bicha dos transportes colectivos ou sair da sua cama para receber o rendimento mensal, que alguns prédios foram herdados, etc., etc., não são argumentos que invalidem os direitos dos proprietários a um rendimento justo a determinar conscienciosamente. O senhorio tem, como qualquer comerciante, industrial, capitalista, banqueiro ou accionista, direito a um justo rendimento do capital investido e se a todos é permitido receber legalmente esse juro, dividendo, lucro ou tudo o que lhe queiram chamar, sem que lhe sejam movidas campanhas difamatórias, ou considerados especuladores, parasitas, etc.,

Por
JÚLIO DE ALMEIDA
ALBUQUERQUE

não se vê muito bem a razão porque os senhores possam e devam estar sujeitos a constantes recriminações e é caso para perguntar se é crime ter investido o seu capital em prédios de rendimento.

E sobejamente conhecido que, se a alguns proprietários se adapta o título de especuladores, muitos há que estão a ser vítimas da especulação dos seus arrendatários. Ponha-se portanto, ponto final a essa campanha demagógica, examinem-se e determinem-se os direitos de cada um — senhores e inquilinos — e procure-se criar o ambiente propício ao diálogo entre os representantes das classes em causa, porque o que se passa, neste capítulo, não nos dignifica.

CASAMENTO

Canadiano chinês, 38 anos, c/ educação universitária, viajando Europa Set.-Outubro 72 deseja conhecer raparigas entre 25-35 anos, p/ fins matrimoniais. Assunto sério. Escreva para: Victor Ang, 45 Pruggess Avenue, Scarborough, Ontário, Canadá.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António Borges Leite, «Tabacaria Borges», R. Cândido dos Reis, 130-C CACILHAS

A QUESTÃO NOS SEUS TERMOS

que considera antiquíssimas. As que são antiquíssimas só podem ser de casas antiquíssimas; e as antigas, de casas antigas. Pergunta-se: se são antiquíssimas ou antigas, se têm sido conservadas, como manda a lei e os senhores se obrigam pelo contrato? Se se conservam como eram, não se actualizaram com o padrão da habitação moderna, logo como se há-de actualizar o valor do aluguer?

Neste caso milita a favor do senhorio: não cumprir a letra da lei e das suas obrigações contratuais, de o contrato poder caducar por morte do arrendatário e não haver sucessão nem transmissão, e logo poder alugá-la não pelo que vale como habitação, mas pelo que vale como abrigo em escassez ao mercado; se, mesmo não cumprindo tudo isso, poder arranjar motivos de despejo, ou de vender para demolição. E quais são os recursos defensivos do inquilino?

Ora exige-se que se aplique a Lisboa e Porto, um sistema instituído numa lei, que o sr. Poiars considera maravilhosa, mas má, apenas por esta exclusão: a actualização de rendas de 5 em 5 anos.

O sr. Poiars não advoga a actualização da habitação de 5 em 5 anos; preconiza o agravamento do seu custo enquanto

Por EMÍDIO SANTANA

a casa de desactualiza. E nesta disparidade evoca o aumento dos salários.

O sr. Poiars não nos diz se essa «actualização» (?) deve limitar-se apenas ao valor médio da subida dos salários; quer em absoluto a subida por certo nos termos de flagrante injustiça em que se processa, que tanto pode ser de 20 como de 200 por cento. Logo não deve honestamente invocar o facto dos salários subirem; deve defender o direito do comerciante vender em absoluta liberdade, de fazer o que quiser da casa que diz «que é sua».

Ora o sr. Poiars deve saber que a subida dos salários é, em muito maior extensão, uma corrida em termos débeis atrás dos preços. A subida dos salários em termos de melhor distribuição dos rendimentos ou da maior parte do salário no rendimento da produção é uma pequeníssima parte que deixo por agora que os economistas o analisem. Pois se o sr. Poiars fala na subida dos salários, e se dela quer partilhar só porque tem uma casa que até já foi do pai ou do avô, que a deixou paga, e se, como diz, deseja ser tratado em termos não «demagógicos» e na busca dum «modus vivendi», faça uma sugestão.

Há, como diz o sr. Poiars, rendas antiquíssimas, rendas antigas e rendas muito elevadas, digamos muito justamente, especulativas. Daqui se conclui que há senhores que recebem pouco e há senhores que recebem demasiado.

Ora o sr. Poiars começa por apelar para a solidariedade da classe: os altamente beneficiados ajudarem os infelizes! Ora porque há-de logo exigir que os que pagam tudo, paguem mais ainda?

A Associação Lisbonense dos Proprietários, «com atitudes sempre correctas e elegantes», poderia ter a elegância dum gesto

de apelar para os senhores de rendas altas, a favor dos inquilinos de rendas baixas. E isto serve já para outra sugestão: porque não cria o Estado um imposto progressivo sobre as rendas a partir de certo nível para arranjar um fundo de melhoria da habitação antiga? Sim, porque isto deveria ser uma preocupação oficial: melhorar o parque habitacional antigo em vez de deixá-lo demolir à vontade para satisfazer desejos especulativos.

Ainda um outro aspecto do problema. O sr. Poiars alardeia casos de inquilinos que subalugam com lucros, procurando fazer vibrar outro caso sentimental. Se o sr. Poiars advoga o direito do senhorio poder actualizar — será mais exacto dizer, aumentar — a renda omitindo a obrigação de actualizar a qualidade da casa, mesmo que ela tenha pago e repago muitas vezes o seu valor, advoga o direito absoluto do lucro como actividade de exploração. Não é o sr. Poiars que tem razão para censurar o regime de sublocação.

Eu, inquilino, defendo que a casa deve servir como lar da família, como função social e humana, não mercadoria rentável, mas o sr. Poiars, sim.

Porque estranha que uma pessoa alugue uma casa, sacrifique o seu convívio com pessoas estranhas para converter esse sacrifício num lucro? Ora se o sr. Poiars entende auferir um lucro numa sociedade que preconiza lucrativista, porque não aceita que outro obtenha esse lucro à custa dum sacrifício pessoal? Ou só o seu processo lucrativo é que é justo? Ah., já sei, porque o sr. Poiars cede a casa a uso doutrem pela renda que lhe paga; o outro, cede parte do seu uso por outra renda. Equivaleu-se.

O sr. Poiars pode dizer: mas o senhorio tem a renda condicionada, enquanto o inquilino subloca por renda «especulativa». Não se esqueça porém, que o senhorio usa exactamente desse direito: se conseguir despejar o inquilino, ou se a casa vaga, ele pede a renda que lhe apetece.

Está-me a parecer que o sr. Poiars, como fez o dr. Roque Laia, irá usar um processo muito em uso: isto cheira-lhe a socialismo, que é o mesmo que falar em heresia no tempo da Inquisição. Mas não faz mal, sr. Poiars, porque os Estados actuais, que não são socialistas, adoptam hoje medidas socializantes. Não se assuste, porque os termos em que se coloca hoje a habitação e o direito ao seu uso toca termos que o sr. Poiars condena.

Finalmente, sr. Poiars: Fez uma proposta ao dr. Roque Laia de colaborar com a Associação dos Proprietários, sem despeito, mesmo não tendo propriedades em arrendamento, para achar um «modus vivendi» — foi o termo aplicado.

Eu faço-lhe uma proposta mais concreta. A Associação dos Inquilinos preconizou um código de Inquilinato Urbano da autoria do dr. Roque Laia: quer analisá-lo? Quer procurar-lhe as bases de boa-vontade que ele encerra? Eu também não ganho nada pelo convite, eu que nem sou lucrativista! Pode ser até que venha encontrar algum colega seu na Associação dos Inquilinos, como se atreveu a insinuar.

Peço-lhe, finalmente que recomende aos seus colegas que arrumem os argumentos sentimentais que não colhem, e quanto ao seu desgosto pelos termos do dr. Roque Laia, não ligue, porque nós, na Associação dos Inquilinos, recebemos cartas de senhores com simples impérios... que fazem corar uma regateira, e não ligamos.

espelho da imprensa

A PAZ É POSSÍVEL

Segundo a «Reuter», o Vaticano declarou que, a despeito de se terem já travado 8 000 guerras no decurso da história e de continuarem os conflitos no Vietname e no Médio Oriente, a paz não só é possível como é um dever humano.

Embora se tenham registado 50 conflitos desde 1945, mais de 200 foram evitados — acrescentou o Vaticano num documento distribuído aos bispos de todo o mundo.

«Negociações, mediação, tratados, telefones vermelhos, conferências de alto nível — tudo isto tem salvo a paz muitas vezes» — acrescentou o Vaticano.

O documento, cujo texto foi revelado numa conferência de Imprensa, foi preparado para ilustrar o tema do Sexto Dia Mundial da Paz, que a Igreja Católica celebra em 1 de Janeiro próximo.

O tema, «A Paz é possível», foi, como é habitual, escolhido pelo Papa Paulo VI. Também como é de uso, foi revelado com meses de antecedência sobre as celebrações, a fim de que as autoridades das igrejas locais tenham tempo para preparar comemorações.

O documento recordava que o mundo nunca tem deixado de estar em guerra, «continuando pelo mesmo caminho a despeito das destruições causadas por duas recentes guerras mundiais, pelos conflitos do Vietname e do Médio Oriente e por lutas tribais e religiosas» — prosseguindo: «Outras guerras podem eclodir como resultado da desconfiança entre o Leste e o Ocidente, as tensões entre o Norte e o Sul, entre os países ricos e os do «terceiro mundo», a competição pela conquista dos recursos naturais e do Poder, a discriminação, a opressão, a tortura, o internamento ilegal, as revoluções de guerrilha, o neocolonialismo».

Embora o documento saliente o que se tem conseguido recentemente para se evitar a guerra, acrescentava que o actual «equipamento» internacional para conseguir a paz é inadequado.

A guerra necessita de técnicas e de técnicos — a paz também necessita de umas e de outros, e ainda mais do que a guerra. A paz necessita também de homens espirituais e teólogos. A paz é tão possível como a guerra, se lhe forem dados os necessários meios. Um desses meios é o desenvolvimento da ciência, porque a paz não é algo que se possa improvisar — prosseguia o documento, concluindo:

«A paz exige estudiosos e institutos; tornar a paz possível envolve a garantia de que ela terá ao seu dispor recursos suficientes tanto em homens como em dinheiro».

(«Voz Portuguesa»)

O TURISMO NO ALGARVE

O «Povo Algarvio» de 22 de Julho, ao relatar a Nota Pastoral de D. Júlio Tavares Rebimbas sobre «O turismo no Algarve», escreve:

«Começando por atestar a actualidade da sua intervenção e justificar-lhe o motivo, o venerando Prelado dá-nos, em breves notas, um juízo recto e leal do fenómeno turístico no Algarve. Depois aprecia os seus aspectos gerais, positivos e negativos, com os reflexos exercidos especialmente sobre a sua diocese.

Mereceram atenção especial as facetas: turismo-emigração; turismo-habitação; turismo-inquietação; turismo-presença espiritual da Igreja e seu papel

necessário na promoção individual e humana.

Denuncia os aspectos negativos e encoraja as boas vontades em pôr um dique ao descalabro social que uma invasão da população flutuante constitui, desagregando da sua posição inicial os aborígenes do Algarve.

Muito bem nota S. Ex.ª Reverendíssima que, à medida que o Algarve vai sendo proclamado um «paraíso terreal», os naturais vão emigrando para longe e que numa região onde se constroem as mais luxuosas instalações hoteleiras os habitantes se vejam reduzidos a morar em galinheiros e barracas para seu remedeio engendradas pelos próprios.»

OS DOIS REGIMES COREANOS À PROCURA DE UM DIÁLOGO

Após quatro meses de suspensão dos trabalhos iniciados as duas Cruzes-Vermelhas coreanas decidiram reunir-se em Panmunjon a fim de prosseguirem as conversações preliminares sobre a sorte das famílias separadas pela guerra. As discussões efectua-

das à porta fechada desde o mês de Fevereiro até 8 de Junho levaram a um acordo parcial quanto ao projecto da ordem do dia. Resta debater delicados problemas dos processos a aplicar.

Numa entrevista concedida ao redactor adjunto do «New York Times» que depois foi divulgada pela imprensa de Pyongyang, o primeiro ministro norte-americano, Kim Il Sung, declarou: «Se os Coreanos se sentarem frente a frente, poderão fazer desaparecer a desconfiança e os mal-entendidos encontrar pontos comuns e chegar a uma unidade nacional estruturada nestas bases». Expôs as vantagens de uma conferência consultiva política dos partidos políticos e organizações populares das duas Coreias sobre os problemas de reunificação.

Esta atmosfera de abertura para resolução dos problemas repercutiu-se em Séoul, onde o Presidente Park Chung Hee levou o Conselho da Ásia e do Pacífico (ASPAC) a afirmar não se opor aos contactos com os países de regime socialista. Segundo as afirmações do correspondente francês em Tóquio, Robert Guillain, ter-se-iam efectuado contactos a nível elevado tendentes a um início de diálogo entre os dois regimes.

TÓQUIO — Segundo se afirma em Tóquio, o Presidente Park da Coreia do Sul e o Presidente Kim Il Sung da Coreia do Norte estarão empenhados num processo a longo prazo visando a reunificação da Coreia.

Absolutamente independentes das reuniões das duas Cruzes-Vermelhas que ocupam o primeiro plano e que acabam aliás de apresentar progresso

que a organização que compreende nove países do Pacífico entre os quais a Austrália e a Nova Zelândia — não deve ser anticomunista nem militar.

resultados positivos na procura de uma aproximação verificar e aumentar a popularidade do seu regime, um tanto desacreditado.

O discurso de Park retém a atenção e leva à procura no seu contexto de indicações sobre a nova política sul-coreana.

As modificações da situação internacional são bem-vindas declara o Presidente Park, porque provêm de uma vontade de «manter a ordem mundial não por um confronto ideológico, mas pelo diálogo». O Presidente da Coreia do Sul propõe por sua vez «reconciliar-se pelo diálogo e pela discussão... passar do desafio a uma harmonia ... multiplicar os empreendimentos feitos em conjunto». Estas fórmulas valem visivelmente tanto para as duas Coreias como para a Ásia em geral. O Presidente Park convida seguidamente os membros da ASPAC a «abrir as portas aos países não associados». A fórmula bastante imprecisa pode significar a colaboração com os países comunistas ou até mesmo a sua admissão na organização.

Após ter evocado os «preparativos militares» dos Norte Coreanos e ter pedido que os cessassem, o Presidente prossegue com as seguintes declarações: «Se puserem em prática o que afirmam ser um esforço no sentido da paz, estamos prontos a apresentar propostas realistas destinadas a destruir a pouco e pouco as barreiras que mantiveram a Península Coreana dividida em duas».

Relembra as conversações das duas Cruzes-Vermelhas em Panmunjon reivindicando a iniciativa das mesmas e afirma que o seu governo contribuirá com o máximo de assistência pois que só com a continuação e desenvolvimento de tais conversações é que se poderá realizar gradualmente a unificação pacífica da Coreia.

Por ROBERT GILLAIN

de diversas ordens, terão sido iniciados contactos a alto nível tendentes ao início de um diálogo. O Sul desejaria por seu lado procurar a forma de um *modus vivendi* com o Norte mediante prudentes concessões recíprocas que a pouco e pouco se esforçariam por ultrapassar os obstáculos a uma aproximação das duas metades da Coreia.

O general Park estaria disposto a «iniciar a viragem» anunciada no começo deste ano pela evolução verificada nas relações sino-americanas. A calma existente entre os Estados Unidos e a China pôs a Coreia do Sul a descoberto e empurrou-a no sentido da elaboração de uma política activa e autónoma num mundo de relação multilaterais em que a política ultrapassa a ideologia.

Estas afirmações encontram uma confirmação no discurso pronunciado por Park Chung Hee, em 14 de Junho, em Séoul durante a abertura da conferência de ASPAC, o conselho da Ásia e do Pacífico. Este discurso causou sensação. Foi efectuado o pedido de que o conselho passasse a admitir países comunistas da região asiática ou colaborasse com eles.

Quando se iniciou em 1966, a ASPAC devia ser, pelo menos segundo os planos da Coreia do Sul, uma liga anticomunista. Pode fazer-se uma ideia do caminho percorrido quando agora o general Park declara

O discurso atraiu bastante as atenções no Extremo Oriente. Particularmente em Tóquio nota-se uma modificação importante num sentido muito satisfatório para o Japão que também e há muito tempo procura a concessão de uma abertura aos países comunistas da região asiática sem falar da China.

O novo diálogo sino-americano e mais do que ele o diálogo entre os Estados Unidos e a União Soviética deram motivo para reflexão, ao que se diz, aos chefes das duas metades da Coreia que se defrontam. Até este momento, as políticas dos dois lados não foram livres. O seu interesse comum reside em recuperar uma certa independência e não permitir que o destino dos Coreanos seja decidido de qualquer maneira. O problema poderá ser melhor resolvido mediante uma aproximação e esta torna-se menos difícil neste novo clima.

UM SENTIMENTO POPULAR

Dizem os observadores da política coreana que a população dos dois lados sente profundamente que o movimento para a reunificação adquiriu força nova. Caminha lado a lado com igual recusa da guerra como instrumento possível de unificação.

Os chefes das duas Coreias sentem esta pressão das massas populares. Por seu lado o Presidente Park podia ao obter

No passado dia 21, saiu da capela n.º 3, da Igreja de Fátima para o Cemitério, um dos mais excepcionais professores do ensino secundário: o dr. Virgílio Américo da Silva Couto, ou melhor, o Virgílio Couto.

Natural do Fundão, onde nasceu a 10 de Abril de 1901, licenciou-se em Direito pela Universidade de Lisboa e em Filologia Germânica pela Universidade de Coimbra e formou-se com o Exame de Estado do Ensino Técnico. A sua actividade docente iniciou-se no liceu Gil Vicente, em 1926, passando depois, em 1934, para a Escola Comercial Patrício Prazeres e integrando-se, em 1945, no quadro da Escola Comercial de Rodrigues Sampaio. Foi professor metodólogo a partir de 1937, director da Escola Comercial Patrício Prazeres e Presidente da Câmara Municipal tendo sido condecorado, em 1958, pelo Governo quando estava aposentado desde 1954. Colaborou comigo no «Diário Escolar» do «Diário de Lisboa» («Pombal Azul», «Do Ofício de Gramático», etc.) de 1964 a 1966.

O seu valor pedagógico não cessou de enriquecer-se a partir dos pro-

gramas que organizou podendo-se considerar o seu programa de Língua e História Pátria (as anotações sobre gramática são de autoria do Doutor Oliveira Guimarães) como a peça mais inovadora e talentosa de toda a metodologia do ensino técnico. As suas ideias de renovação pedagógica deram ocasião ao criarem-se como sempre sucede, aos mais frutuosos resultados e aos cabotinismos mais edificantes. A aplicação, coordenação e orientação dos seus programas (introdução do método directo no ensino de Inglês) foram minimizados academicamente pela acção incompetente da Administração.

Serviu o ensino técnico à margem da sede de ambições e dos pruridos dos homens. O ensino técnico muito lhe deve e muito o magoou através de negra ingratidão. Na «Exposição de 25 anos do Ensino Técnico» não se lóbrigava qualquer referência ao

VIRGÍLIO COUTO

Por CALVET DE MAGALHÃES

seu nome estando a exposição espolhada de imensos lugares-comuns. O mesmo esquecimento se verifica no Boletim «Escolas Técnicas», número especial, 43, dedicado à reforma do ensino técnico de 1948. Verdadeiramente escandalosa esta atitude.

A sua força pedagógica, que permitiu que Sebastião Gama escrevesse o «Diário» como relatório e tarefa de estágio, e não fosse reprovado para o ensino, provinha da fé que punha na educação. Na acção de professor, a verdade, servida por uma extraordinária intuição e inteligência pedagógica, fundamentada no estudo e na reflexão, apagava a pessoa. Este homem afável, conversador, conciliador, emocionável, contraditório, sem força para se livrar dos cabotinismos, combatia com paixão a indiferença, lutando com as nebulosas e truques das camarilhas de ensino. Quando os seus pontos de vista triunfavam mantinha-se sereno, consciencioso, franco,

pois, acostumado a viver com a dor e o sofrimento dos outros, sabia muito bem o que era o ofício de homem de ensino.

Pode-se considerar que o que escreveu, de forma admirável, nos leva a considerá-lo uma águia, e como todas as águias, não podia conviver com carneiros ou palhaços. Vai ser dado o nome de Delfim Santos a uma escola preparatória. Também não seria menos expressivo que se fizesse o mesmo com Virgílio Couto.

Traumatizado por aspectos da vida colocou-se algumas vezes em situações contraditórias, especialmente nas relações humanas (atitudes de dúvida, não aceitava cheques de ninguém, amuos, inflexões, descuidos, etc.), mas a categoria do que escreveu sobre pedagogia, do que ensinava, situa-se a altura de tal modo elevada que ao observarmos a sua obra achamos que desaparecem as sombras.

A PROVÍNCIA ITALIANA DE EMÍLIA É UM BANCO DE ENSAIO POLÍTICO?

A «primeira democracia popular da Europa Ocidental»? A «Emília vermelha»? A «forma nova de exercer política»? A «participação»? Uma tantas fórmulas que fizeram carreira. As primeiras estão desacreditadas as segundas não tardarão a lá chegar se forem utilizadas em excesso como se se tratasse de slogans turístico-publicitários do género de «Rimini, a maior praia da Europa».

Tudo depende do realce que se lhe der. «Democracia popular» são as palavras utilizadas pelos adversários. Se os comunistas de Emília definissem porém os seus objectivos dessa maneira, dar-lhe-iam o seu sentido literal subentendendo que esta forma de poder não foi erguida nos sulcos abertos pelos exércitos soviéticos. A «participação» pode tomar-se no sentido de expressão regional do movimento geral que inspirou o Maio de 1968 em França, como sua politização ou recuperação. O poder comunista na província de Emília seria pois algo como uma rede de «grupos de acção municipais».

Como se exprime este poder em números? No conselho regional o partido comunista italiano tem 24 sedes e o seu aliado social-proletário (P.S. I. U. P.) duas das cinquenta existentes. Governam em conjunto, seguros da neutralidade socialista.

O P. C. I. da província italiana de Emília-Romagna engloba um quarto dos efectivos nacionais: quatrocentos e seis mil inscritos num milhão cento e cinquenta mil e 44 por cento dos sufrágios expressos na Câmara quando das últimas legislações de Maio de 1972, ou seja três eleitores para um militante, a maior proporção de toda a Itália.

Da mesma maneira que não existe a Igreja Católica de Emília, o «catolicismo em Emília», não existe também «o partido comunista de Emília»; «o comunismo em Emília» encontra-se relativamente pouco representado nos organismos nacionais: três membros da direcção em cada trinta e quatro, treze membros do comité central em cento e noventa e seis, e três de entre os cinquenta e dois que constituem a comissão central de controle. Não existe qualquer representação no secretariado. Dos vinte e um deputados e onze senadores enviados a Roma que aliás não participam na vida regional, somente dois têm uma personalidade um tanto marcada: Arrigo Boldrini, principal especialista do P. C. I. no plano dos problemas militares e antigo chefe dos partidários de Romagna e Nilde Jotti que foi companheira de Togliatti e é hoje vice-presidente da Câmara.

A CREDIBILIDADE DO P. C. I.

Esta desproporção é significativa: se existe uma perspectiva de «orientação emiliana para o socialismo», encontra obstáculos desde o ponto de partida e está restrita ao seu enquadramento geográfico. E é de Roma, dos «botteghe oscure», da Assembleia que provém as orientações ideológicas. E lá que se regulamentam os problemas dos homens e a estratégia a adoptar. A experiência de um poder gerado pelo partido comunista pode, neste caso, interpretar-se como a aplicação regional de uma «orientação nacional». O facto

tem existência quer agrade ou não. Presta-se a uma análise da credibilidade do partido italiano no que se refere às duas questões mais importantes pelos seus eventuais aliados ou opositores: a liberdade de sufrágio e a prática do pluralismo.

Há duas experiências dissidentes ou coincidentes e que constituem todo o interesse do caso Emiliano: a de um partido comunista Ocidental no poder e não na oposição e o aparecimento de um Governo regional dotado de uma certa margem de autonomia. A este respeito Bolonha, a capital, não tem outras preocupações que não sejam Milão ou Bari. Guido une a sua voz à do seu colega Piero Bassetti, democrata-cristão, presidente da região lombarda e aos dezóito restantes Presidentes. Os seus poderes encontram-se prontos a actuar desde 1 de Maio. Encontram-se em plena fase de definição do que Guido Fanti chama de «colaboração dialéctica» com o Governo nacional.

Estes últimos congressos do P. C. I. não deixaram no entanto

Por
JACQUES NOBECOURT

to de acentuar o desenvolvimento das autonomias regionais em termos aceites pelo «programa de Governo» dos socialistas e comunistas franceses. O que se pratica de Bolonha e Plaisance é para além de teste local uma forma pragmática, se bem que não inteiramente nova mas diferente de «exercer política». E algo muito diferente de gerir a municipalidade de Saint-Denis e também de administrar uma das Repúblicas soviéticas.

Não existe modelo. Ou se existe um é Emiliano. Porque, se a noção de «orientação emiliana» se der um carácter de slogan a particularidade do comunismo emiliano surge da sua própria história. No dia 2 de Março de 1945, de Roma liberta, Togliatti escreve ao Triunvirato insurrato de Bolonha ainda ocupada pelos alemães: «Uma vez liberta a vossa cidade, o vosso trabalho deverá ser, de acordo com as autoridades aliadas que tomarão inicialmente o controle, o de um Governo democrático que se apoie nas massas populares, nos partidos que são a sua expressão e na unidade destes partidos... Da maneira como actuarem depende todo o desenvolvimento da situação italiana».

«A NOVA MAIORIA»

De acordo com a tática do momento toda a ordem se pode transformar numa política de frente nacional. Ora, como toda a estratégia chamada «de Salerno», formulada por Togliatti em Março de 1944 quando do seu regresso da U. R. S. S., ela remonta muito mais atrás no tempo, indubitavelmente a 1937. O conceito de «partido novo» de massas e já não de quadros começa a delinear-se e enquadra-se logicamente no de «nova maioria» na ordem do dia do último congresso do P. C. I. o de Milão no passado Maio. A «nova maioria» constituída com os católicos e socialistas e já não como um sistema de alianças temporárias mas como um bloco de poder, vê-se nascer em Bolonha em Junho de 1959. E é Guido Fanti na

altura secretário da Federação Emiliana quem pronuncia estas palavras.

Não existe qualquer dogmatismo neste itinerário, mas sim uma adaptação contínua a novas realidades ainda mal conquistadas. Até mesmo os católicos sociais, com Romolo Murri, elaboram a sua doutrina de desenvolvimento das autonomias locais, de contestação do poder ligado ao dinheiro e à propriedade. Um Baldassari, bispo de Ravena, um Giuseppe Dossetti, um Zaccagnini, amigo de Moro e presidente do Conselho Nacional da Democracia Cristã, são bem os herdeiros desta orientação para um ultrapassar dos esquemas sociais.

Esta região «vermelha» mostra-se repentinamente a mais «negra» de toda a Itália nas últimas eleições livres, em Abril de 1924. Entrega dois terços do sufrágio ao partido fascista. A violência, a confusão de sentimentos e o erro quanto à crescente ideologia contribuem para esta transformação que não toma feição paradoxal a não ser que se esqueça por exemplo que em 1932 Hitler venceu os batalhões de camisas castanhas (SA) com o auxílio da facção «vermelha» de Berlim.

Emília participa na resistência com o mesmo entusiasmo. No Outono de 1944, as brigadas de partidários descem dos Apeninos até à planície do Pó e iniciam a guerrilha ao longo da via Emília e nos limites norte e sul, para lá da «linha gótica» onde os alemães instalaram as suas posições. A actividade militar encontra-se directamente ligada à luta social: a conquista da terra nunca deixa de estar presente no pensamento destes grupos recrutados na maioria entre as massas de camponeses. A desproporção de operários e camponeses caracteriza a situação Emiliana desde sempre. E os grandes lavradores bem mais que os raros grandes industriais fornecem o maior contingente de vítimas à libertação.

Em Emília, como em todos os lados, os partidários uma vez depositas as armas (mas não rendidos ante a autoridade) apercebem-se de que as cartas foram mal distribuídas. Em 1945, 10 por cento da população adere ao Partido comunista, mas não se trata de uma aderência à revolução. «Primeiramente reconstruir», afirmou Togliatti. O pacificador é a primeira encarnação do mito Emiliano e chama-se Giuseppe Dozza. Pertence à geração dos fundadores do partido e emigrou para França.

Abandona a vida política e a perfeitura de Bolonha em Abril de 1966, mas o primeiro período do comunismo em Emília termina em Junho de 1959 com a conferência regional em que Guido Fanti se afirma como expressão da corrente dos «renovadores» (termo posteriormente deixou de se usar).

Giuseppe Dozza assenta as bases do poder comunista em três pilares: a rede cerrada das cooperativas de produção e de consumo tradicionalmente socialista e mais densa na região de Emília do que nas outras; as administrações locais: das trezentas e cinquenta comunas o P. C. I. controla perto de metade e em cada uma delas dispõe de um organismo; finalmente a livre adesão do corpo eleitoral. A curva dos militantes pode crescer progressivamente mas os eleitores passam de 38 a 44 por cento dos sufrágios expressos.

A LIGAÇÃO A MOSCOVO

Tornados legalistas e forçados ao reformismo quotidiano, um bom número dos militantes de Emília, aplicam o seu messianismo congénito à utopia revolucionária. Têm propensão a considerar a estratégia do «partido novo» como um artifício. A União Soviética fica distante, mas para eles representa o socialismo em actos. E Staline, ainda que morto e acusado por Khrouchchev retém toda a sua genialidade. Não conseguiu afinal realizar autopia? Esta ligação à significação de «Moscovo» fará de Emília a região mais difícil de convencer em Setembro de 1968, da justiça do «desacordo» expresso pela direcção do P. C. I. quando da invasão da Checoslováquia pelas tropas soviéticas.

A reviravolta de 1959 explica a situação actual. Provoca a desalinização nos espíritos com três anos de atraso. Peppone — porque o herói de Guareschi apesar de todas as reservas que suscita o carácter de D. Camilo evoca uma certa mitologia — Peppone acaba finalmente por tomar consciência de que a revolução não será breve e que não poderá contar com o apoio das tropas soviéticas.

Guido Fanti, que se tornará secretário regional ataca sobretudo — não aberta mas implicitamente — o perigo enorme a que Emília está prestes a sucumbir: «O espírito de deformar a primitiva origem, mediante uma visão não verdadeira da perspectiva revolucionária que se alimenta de esperas passivas e milagrosas». Não possuímos uma estratégia coerente, declara, nem um programa contínuo. A tentação da simples gestão das coisas concretas sobrepõe-se à visão política; os efeitos são falhos de coerência. Há uma tendência para uma fixação num plano unicamente económico, uma recusa de debate sobre os princípios e uma estagnação unicamente no que se refere à província de Emília com pleno esquecimento nacional italiano.

Ao invocar dois objectivos: a criação da região como estrutura autónoma prevista pela Constituição e o reforço dos laços entre as classes operárias e as classes médias Guido Fanti estabelece uma convenção. Todas as palavras-chave da retórica da época (depois abandonou este estilo) encontram-se no momento exacto no seu relatório. Ele antecipa na verdade a evolução que irá tomar a orientação. Togliatti mantém ao que

parece uma atitude passiva, mas sem convicção. Giorgio Amendola serve-se da sua autoridade para encorajar a nova orientação regional. Serão necessários sete anos e debates internos para que Guido Fanti se torne presidente da Câmara de Bolonha e mais tarde Presidente da região em 1971.

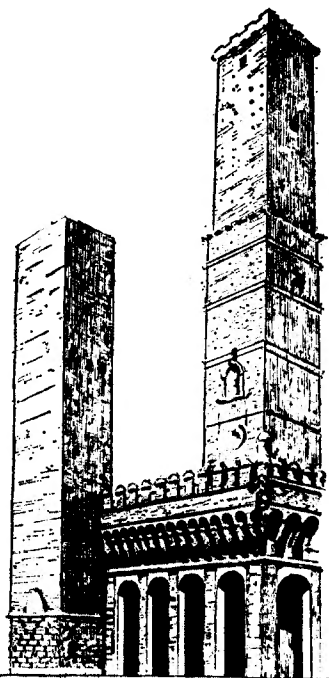
Passados dez anos de efectividade, a rápida passagem das massas de camponeses à pequena e média indústria privou o P. C. I. não de fidelidade, mas de adesão espontânea de uma parte dos militantes. Os sindicatos recebem um protesto banalmente dirigido ao patrão, ainda que este seja igualmente um comunista quer nas pequenas firmas privadas quer nas cooperativas. A intervenção do Partido não atenua os motivos de ofensa. As lutas operárias exprimem necessariamente uma oposição e servem para a conquista do poder político. Qual a orientação a dar-lhes uma vez conquistado o poder?

A importância dada à conquista deste últimos anos, modificou plenamente o próprio clima do partido. Encorajou a fixação em estruturas económicas urbanas ou rurais excessivamente parcelizadas e contrárias a todo o desenvolvimento racional. O atraso da economia emiliana não é uma ameaça mas um facto preciso. Os eleitores provenientes da pequena burguesia não se tornaram militantes mas clientes frequentemente exigentes.

A direcção do partido é muitas vezes acusada de ter sucumbido a todas as armadilhas da burocratização. Tem-se consciência desse facto, decorridos vinte e cinco anos de poder. Mas a criação movimento de distribuição das cartas em 1970. Tornava-se necessário encontrar novos magistrados e novos conselheiros municipais, quebrar os hábitos e as situações adquiridas. Quais os elementos a elevar aos diferentes escalões do poder que não os melhores quadros? A crise da substituição não se resolveu.

A «COLABORAÇÃO DIALÉCTICA»

O que o impele o Partido a encontrar sempre soluções novas, é precisamente «a colaboração dialéctica» definida por Guido Fanti. Como todos os outros poderes regionais, o poder comunista vive em estado de contínua intervenção. No seio do Partido, entre a direcção e a base, entre o messianismo e o real, entre a utopia e a política, ela existe sempre. Na vida



nacional serve de crédito entre as municipalidades, cujos presidentes das Câmaras, ainda que comunistas se consideram facilmente como potentes autónomos entre artífices e sindicatos, entre o Estado e a região.

O Estado detém múltiplos meios de pressão: possui fontes de financiamento, grandes «holdings» e poderes financeiros nacionais. Existem os meios de ordem pública, o controle de planificação. Ainda que os perfeitos tenham perdido parte dos poderes de controle a favor de comissões compostas de membros dos diferentes Partidos, são nomeados pelo Ministério do Interior. O poder regional é ainda débil.

Tantas contradições só se podem assumir na «souplesse» e observação das regras de jogo democráticas. Não há dúvida de que o Partido comunista criou raízes por todo o lado em Itália. A democracia cristã procedeu com mais desinteresse nas regiões que controla? A tentação da hegemonia é justificada pelo veredicto eleitoral. No que se refere no entanto à questão do pluralismo há forçosamente que responder que o é na realidade. Os estatutos regionais não comportam todas as modificações propostas pela democracia cristã e o mesmo no que se refere ao plano de desenvolvimento?

O poder comunista não gera uma secção comunista, mas pretende-se que esteja à frente de uma comunidade diversificada. A sua força provém em grande parte da fraqueza das outras organizações: as incertezas socialistas, os desentendimentos democrata-cristãos e sobretudo a ausência de objectivos claros. Tal não implica que o pluralismo seja pura tática ou simples fruto da necessidade.

Porque se a ideia orientadora de «participação» resultasse apenas de um cálculo, os perigos seriam demasiado evidentes para ser seguida. O Governo Emiliano crê nele e quer fazê-lo entrar em vigor. Os riscos que corre ao pretender transformar as estruturas do poder regional e mesmo as do Partido comunista, parecem ser o próprio testemunho da sua credibilidade.

ELCO—ELECTRO COMERCIAL E INDUSTRIAL, LDA.

PORTO — COIMBRA — LISBOA

Por motivo das férias anuais, encerramos todos os nossos Serviços de 5 a 19 do corrente mês de Agosto. Agradecemos a benevolência dos nossos Clientes, fornecedores e amigos.

A Gerência

Pelo dr. ESCOFFIER-LAMBIOTTE

Doenças venéreas: uma epidemia

O DESENVOLVIMENTO CONSTANTE

Continuação da primeira página

HÁ DOIS MIL ANOS

O estudo dos esqueletos encontrados um pouco por toda a parte em todo o mundo pelos arqueólogos e a identificação precisa das lesões ósseas tardias ou congénitas provocadas pela sífilis, permitiu situar a sua aparição na Ásia, há mais de dois mil anos. Foram Gengis Khan e as suas tropas quem a trouxe para a Europa enquanto que as invasões islâmicas a espalharam na África.

A sua extensão à América data não de Cristóvão Colombo, mas de audaciosos migrantes da pré-história japonesa. Os cruzados, que a foram buscar ao Médio Oriente, espalharam-na, por seu lado, por toda a Europa. (Science Journal: «A verdadeira história da sífilis», por Don Brothwell.)

DO TABU À INFORMAÇÃO

A lista das obras educativas destinadas à juventude e focando as doenças venéreas pode ser obtida junto do «Comité Français d'Education Sanitaire et Social» (comissão Francesa de Educação Sanitária e Social), 20, rue Greuze, Paris - 16e.

Por seu lado, e no mesmo sentido, a «Ligue Nationale Française Contre le Péril Vénérien» (Liga Nacional Francesa Contra o Perigo Venéreo), editou um disco concebido e gravado pelo Dr. Sibouret, chefe de consultas no Hospital Saint-Louis. Pode ser obtido no «Institut Alfred-Fournier», 25, rue du Faubourg-Saint-Jacques, Paris 14e.

O Conselho de Paris preocupou-se com este problema de informação a partir de 1970. O perfeito de Paris declara, na altura e em resposta às inquietações do Dr. Ayrignac, conselheiro de Paris, que «estava em curso um estudo visando a incluir a educação sexual, e a que diz respeito às doenças venéreas, nos programas escolares».

Porém, até ao momento, nada foi empreendido, mas pode-se esperar que a proposta de lei que acaba de ser apresentada pelo Dr. Neuwirth, e que visa a criação, durante tanto tempo protelada, de uma agência nacional de informação e de educação familiar permitirá, finalmente, remediar a situação.

A PÍLULA INOCENTE

O uso muito difundido das pílulas anticoncepcionais tem sido, frequentes vezes, considerado como responsável por uma vulnerabilidade maior por parte da mulher às doenças venéreas (maior sensibilidade aos gonococos).

Os trabalhos mais recentes e mais sérios a este respeito mostram que não é nada disso; em contrapartida, os progestativos de síntese aumentam o número de infecções ou irritações vaginais devidas a outros agentes («candida albicans», em especial). Por outro lado, não se pode esquecer que o grave problema da gravidez ilegítima atinge, actualmente e na Grã-Bretanha, vinte vezes mais de mulheres do que a blenorragia...

O DESENVOLVIMENTO CONSTANTE DA SÍFILIS

A situação é comparável em todos os pontos do mundo: a O.M.S. assinala um desenvolvimento constante da sífilis e da blenorragia em setenta e seis países num total de cento e seis, e se as estatísticas oficiais dão disso conta diferentemente, é devido essencialmente a uma atitude variável por parte do corpo médico. Um recente inquérito da Associação Médica Americana indica que apenas um caso em cada três é objecto de uma declaração que permita às autoridades sanitárias registá-la. Em França, os médicos declararam menos de 8 por cento dos casos, e declararam-nos, ao que parece, cada vez menos de anos para ano, apesar das prescrições legais.

E por isso que a situação francesa aparece (falsamente) como relativamente privilegiada na panorâmica mundial. A realidade é bem outra, e um serviço do Hospital de Saint-Louis (Dr. Siboulet) trata, só por si, quatro mil casos de blenorragias masculinas todos os anos das quais 14 por cento em rapazes dos catorze aos dezoito anos. Em três anos, o número dos doentes triplicou nos Alpes Marítimos. As observações feitas em Paris, mostram uma modificação profunda dos lugares de contaminação entre 1961 e 1970. Em dez anos, o número dos indivíduos atingidos nos locais clássicos da prostituição (bairros de Saint-Denis, Saint-Martin, Pigalle, Madeleine, Etoile) diminuiu nitidamente, ao passo que se registou uma progressão contínua em Saint-Germain-de-Près, nos bosques de Bolonha e de Vincennes.

Este facto é devido às modificações de comportamento e de meio, e ao desenvolvimento da liberdade sexual, particularmente no caso dos jovens cuja puberdade é bastante mais precoce do que outrora. Enquanto que, an-

tigamente, era a prostituição a principal responsável e fonte essencial das contaminações masculinas, os principais responsáveis por estas contaminações são, hoje, as «amigas de passagem». Além da liberdade dos costumes e da ausência total de informação dos jovens sobre um assunto que durante tanto tempo foi tabu, as deslocações turísticas em massa favoreceram a sua difusão, como a favoreceram outrora os movimentos dos exércitos em campanha. Duzentos milhões de turistas para vinte e seis países em 1970... Um estudante em cada quatro, tanto em França como na Suécia, contraiu a sua gonocoxia durante as férias.

Os estudos americanos recentes citam os casos daquela prostituta californiana que tinha um diário das suas relações e infectou em poucos meses trezentos e dez clientes... A infecção partida desta origem única atingiu, além de trinta e quatro Estados americanos, o Canadá e o México.

CONTÁGIO E FEMINILIDADE

Ilustra, ao mesmo tempo, o carácter altamente contagioso da gonocoxia, e o facto dela revestir um andamento epidémico incontrolável pelos meios actuais, devido aos caracteres próprios da infecção da mulher. Os primeiros sintomas são geralmente muito discretos no seu caso, ao passo que são manifestos no caso do homem desde o fim do período de incubação (dois a seis dias, três dias em média).

Nove vezes em cada dez, a mulher não se apercebe da sua doença, cujo início é dissimulado, senão quando o seu parceiro a incita a consultar o médico. Ora, esta doença é de total improviso e pode conduzir a lesões do aparelho genital feminino, que são elas as responsáveis pela maioria das intervenções ginecológicas e por uma boa

parte das esterilidades. As perdas discretas inexplicadas, aos ardores ligeiros, à micção, sucedem mais tarde e na falta de um diagnóstico precoce, dores nos ovários, a infecção das trompas situadas perto dos ovários (anexite) e, se for caso disso, a disseminação (complicações articulares, cutâneas, cardíacas, hepáticas, oculares). No caso do homem, a dor e o ardor durante a micção (uretrite aguda) incitam, pelo contrário, a consultar o médico sem demora, e o diagnóstico resulta do exame directo do pus da uretra.

Nem todas as blenorragias são devidas aos gonococos. Existem para ela origens muito diversas, causadas por parasitas, germes múltiplos ou até por vírus. O exame laboratorial é, portanto, indispensável para o diagnóstico e antes de se empreender um tratamento específico. Este diagnóstico é mais difícil no caso da mulher, quando não pode ser feito por uma recolha e uma cultura do germe incriminado, e, sobretudo, desde há pouco, por métodos imunológicos que permitem revelar as formas clinicamente silenciosas. Estes métodos foram estudados em diversos institutos britânicos, americanose escandinavos, e a sua utilidade deveria ser grande se se considerar que, actualmente o número das que, actualmente, o número das mulheres despistadas é de uma por cada quinze homens, devido ao carácter larvar da sua infecção.

O desenvolvimento da sífilis é pouco mais ou menos análogo ao das gonocoxias. Para a França metropolitana, o aumento dos casos recensados ultrapassou 300 por cento de 1959 a 1964. Os números estabilizaram-se a partir de 1968, numa taxa menos elevada do que para as gonocoxias, mas quatro vezes superior à de 1954. Tal como para as blenorragias, a proporção dos jovens (quinze aos dezanove anos) é muito elevada: 36 por cento das sífilis recentes na Suécia, 33 por cento na Che-

coslováquia, 23 por cento em França. Um caso de sífilis primária diagnosticado numa rapariguinha de catorze anos numa cidade dos Estados Unidos conduziu recentemente à descoberta de uma contaminação recente no caso de catorze crianças cuja idade média era de dez anos.

Fenómeno novo: a percentagem de contaminação ligada à homossexualidade não deixa de aumentar (10 por cento dos casos no Hospital de Saint-Louis, 43 por cento em Budapeste, metade nos Países Baixos).

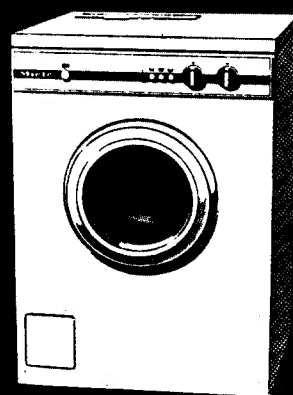
Causada por um agente infeccioso, o treponema, transmissível exclusivamente pelos contactos sexuais, a sífilis tem um período de incubação muito mais longo do que a blenorragia, que vai de dez a noventa dias, e, também aqui, os sintomas do acidente inicial faltam frequentemente no caso da mulher, enquanto que o cancro (ou úlcera) é mais frequente no caso do homem. O teste serológico (B.W.) em condições já há muitos anos, autoriza, não obstante, um diagnóstico precoce (um mês depois da aparição do cancro, se a natureza do contágio é conhecida).

Se não for tratada enérgicamente neste estado, dito primário, a sífilis evolui para as formas ditas secundárias que se manifestam por uma disseminação do treponema na circulação sanguínea e lesões da pele e das mucosas, erupções, ulcerações, particularmente contagiosas, e as mais das vezes mal conhecidas porque são atribuídas a alegrias alimentares quaisquer. A eficácia dos tratamentos modernos (15 milhões de unidades de penicilina matam o treponema em trinta a setenta horas) faz com que as formas tardias, as localizações viscerais ou nervosas tornaram-se, felizmente, muito raras, salvo nos casos em que a sífilis foi mal ou mesmo nada cuidada. Nas formas ditas latentes, outrora grandes responsáveis pelas perturbações nervosas, graves e incuráveis (paralisia, demência, cegueira), a doença já não é transmissível por contacto sexual, porém, a mãe assim atingida pode infectar o filho que traz dentro de si, provocando-lhe, assim, deformidades diversas ou a morte.

A raridade destas formas tardias de que Maupassant descreveu, na tragédia do Horla, a marcha inexorável, é devida, por um lado, ao facto do tratamento actual da blenorragia permitir fazer abortar, quase em 100 por cento dos casos, a sífilis que o doente muito frequentemente incubava simultaneamente. Em França, uma injeção única de três milhões de unidades de penicilina (de 3 a 5 milhões nos Estados Unidos) é utilizada, de momento, para este fim; o seu efeito é radical, mas o risco de reacções alérgicas eventuais deve ser previsto pelo médico, que as pode remediar graças aos meios clássicos (adrenalina, hidrocortisona, etc.).

Porém, a extensão das origens gonocócicas resistentes à penicilina e ao carácter epidémico que revestem hoje as doenças venéreas incitam os americanos a rever as suas posições. Eles sugerem actualmente, e perante

Máquina de lavar roupa automática



Você própria pode escolher a temperatura, o nível de água e o processo de lavagem. Com tudo isto perde apenas uns segundos. O resto é com a máquina: o desenvolvimento do programa é totalmente automático.

Miele

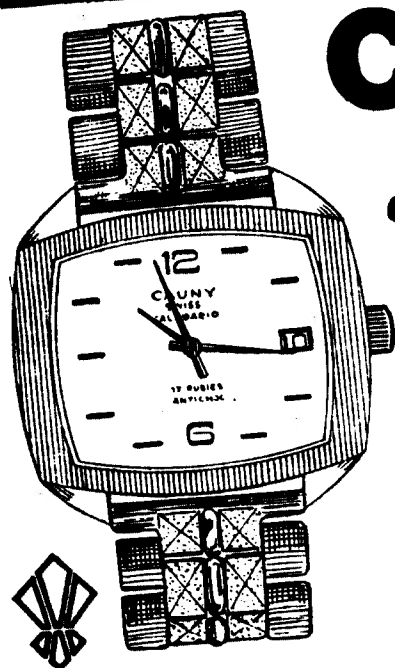
Agente Oficial:

J. F. S. ROMEIRAS PALMA

Rua da Escola Politécnica, 27

Telf. 370806

LISBOA



CAUNY

A MAIS ALTA PRECISÃO SUÍÇA

CALENDARIO DIA E DATA ANTICHOC



Garantido 1 ano

EXIJA A MARCA CAUNY
GRAVADA NA COROA
E NA PARTE EXTERIOR
DA CAIXA

mundial incontrolável

DA SÍFILIS E DA BLENORRAGIA

a extensão da epidemia gonocócica, renunciar deliberadamente à penicilina e recorrer aos antibióticos polivalentes, tiamfenicol, spiramicina, eritromicina, ciclomicetina, absorvidos em doses maciças, de uma só vez. Finalmente, em 80 por cento dos casos, as doenças venéreas são tratadas com remédios caseiros, e o risco de reacções alérgicas é, deste modo, menor.

Em contrapartida, o tratamento de eleição de sífilis declarada continua a ser, de momento, e desde que o diagnóstico esteja feito, a aplicação de penicilina em dose elevada (15 milhões de unidades de penicilina). É essencial que este tratamento muito eficaz e mesmo radical seja aplicado rigorosamente e em dose suficiente, pois a sífilis, não tratada ou insuficientemente tratada na sua fase precoce, subsiste como uma infecção temível pelo perigo das suas localizações tardias nas vísceras e isto embora os estudantes americanos não a temam mais do que a coriza.

Porém — e a progressão actual bem o mostra — estes terapêuticos, sejam eles eficazes no plano individual, não permitem, de maneira nenhuma, fazer face ao que já se tornou uma epidemia mundial, e a velocidade de propagação de gerações polirresistentes deixa entrever, a prazo curto, a ameaça de uma difusão generalizada, coincidente com um estado de desarmamento terapêutico insolúvel. A descoberta de vacinas eficazes representa, pois, a única saída possível para uma tal situação, porém, a sua preparação esbarra infelizmente com grandes dificuldades.

A imunização de coelhos ao treponema sífilítico, obtida pela primeira vez em 1968, levou à

preparação de uma vacina animal de momento inutilizável no homem, mas que foi objecto de trabalhos levados a cabo activamente, em especial na Polónia. A recente demonstração que estabeleceu que os chimpanzés podem ser contaminados pelo gonococos torna possível, por seu lado, o estudo dos diferentes aspectos imunológicos da doença. Também neste caso, serão desenvolvidos estudos de vacina; é certo que encontram dificuldades particulares e não há dúvida de que não têm beneficiado, desde há vinte anos a esta parte, nem dos créditos nem da atenção que mereciam muito antes que o problema revista uma tal gravidade.

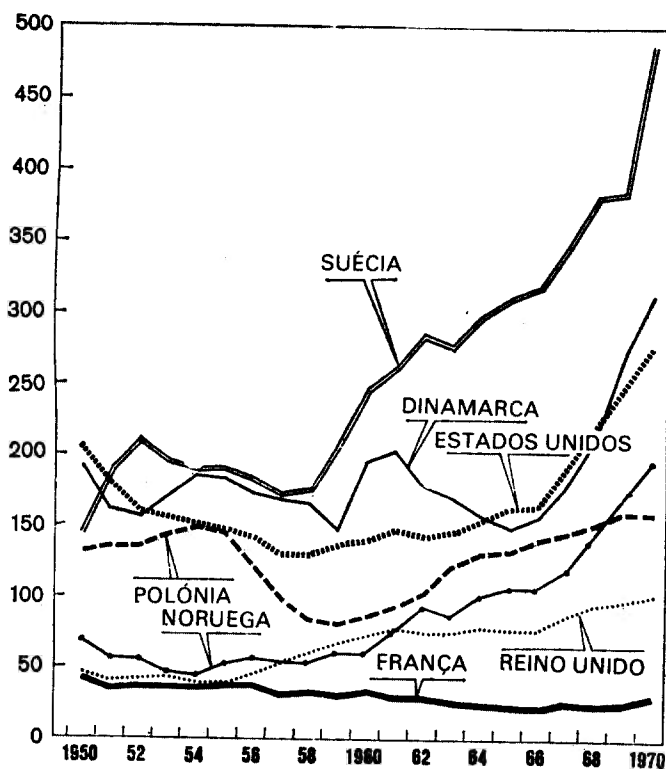
Enquanto se espera, importa — e também com a maior urgência — desenvolver a educação sexual, e mais particularmente aquela que diz respeito às doenças venéreas, e isto, aconselham os dirigentes da O.M.S., «junto dos jovens estudantes».

Um certo número de medidas preventivas (higiene pessoal, etc.) e, sobretudo, noções, as mais elementares, de educação sanitária e de contágio, seriam, deste modo, tornadas acessíveis. A educação dos médicos deveria, por seu lado, ser desenvolvida: a venereologia faz parte de um ensino de duração irrisória, e o estágio nos serviços que tratam esta especialidade nem sequer é obrigatório.

Da miséria vergonhosa e solitária em que as tinham outrora os tabus ancestrais, as doenças venéreas passaram, mercê da ignorância e da indiferença gerais, ao plano dos flagelos mundiais incontroláveis. Facto sem precedentes na história da epidemiologia e que as sociedades actuais não podem aceitar por mais tempo.

BLENORRAGIAS

Taxa de incidência para 1000 000 habitantes



A PROTECCÃO DOS OCEANOS

O primeiro curso de treinos para oficiais de pesca dos países em desenvolvimento para proteger da poluição as fontes vivas do mar realizou-se recentemente na Suécia, anunciou agora a sede da FAO (Organização Alimentar e Agrícola das Nações Unidas).

O curso de treino foi ministrado conjuntamente pela FAO e pela SIDA (Autoridade Internacional de Desenvolvimento da Suécia). Participantes de 17 países africanos, asiáticos e da América Latina tomaram parte neste curso, que terminou a 3 de Junho, para que os delegados participassem na Conferência do Meio Ambiente que se efectuou mais recentemente em Estocolmo.

O fim que este curso tinha em vista era treinar os participantes no planeamento e pesquisa relacionados com a luta anti-poliuição e os seus efeitos sobre os peixes e outros seres vivos do meio aquático, principalmente para fornecer as bases científicas e administrativas necessárias à aplicação de medidas proteccionistas.

As lições foram ministradas por especialistas de pescas e poluição marítima da Suécia e com a ajuda de professores-assistentes da Dinamarca, Finlândia, Itália, Noruega, Reino Unido, Estados Unidos e Jugoslávia. As lições, essencialmente teóricas, seguiam-se aulas práticas em laboratório e no campo de trabalho. Tópicos, incluindo a maior parte dos poluentes e as suas características, efeitos biológicos dos poluentes, troca de informações, medidas de controle da poluição aquática e cooperação internacional para protecção das fontes de vida, foram

ram abordados no decorrer dos cursos.

Ivan Eckersten, subsecretário de Estado da Agricultura da Suécia, inaugurou o curso fazendo um veemente apelo a todas as nações para que combatam o perigo da poluição.

«Por um longo período todos nós passamos por um caminho cultural cego no processo de deteriorização do ambiente», disse Eckersten.

«Na Suécia estamos muito agradecidos à FAO pelos esforços feitos pelo seu Departamento de Pescas no sentido de dividir grande parte da responsabilidade para o desenvolvimento saudável do mar», acrescentou.

O dr. Mário Ruivo, director da Divisão dos Recursos Marítimos, no Departamento de Pescas da FAO, disse, por seu lado, que o curso era um prosseguimento da Conferência Técnica Sobre Poluição Marítima e Seus Efeitos nos Recursos Vivos e Pescas, realizado em Roma em 1970. A conferência, sublinhou, recomendou prioridade no fornecimento para actividades de treino em países em desenvolvimento a fim de lhes dar a possibilidade de resolver os seus próprios problemas e participar completamente nos programas internacionais de pesquisas e controlo. Afirmou ainda que este curso será seguido de outro de mais específica problemática dentro dos temas abordados.

«A racional utilização das pescas mundiais depende da sua própria e oportuna gerência, que necessita de ter cada vez mais em conta a qualidade do ambiente marítimo e terreno».

se o leite não lhe cai bem

DIESINE

é a solução

ALIMENTO LÁCTEO

rico em proteínas, cálcio e fósforo de que você e seus filhos tanto necessitam, (sem o inconveniente da gordura e sal que foram eliminados)



EM TODOS OS SUPERMERCADOS E BOAS CASAS DE ALIMENTAÇÃO

ASSEGURADO SHARVEN FRANCE BOM RENDIMENTO

ÓPTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO NA

SHARVEN-FRANCE

Campo Grande, 1-D. 2.º. Esq. — LISBOA-5

Participe nos benefícios dos melhores Hotéis, Restaurantes, Cinemas, Teatros, Gares, Aeroportos, Casinos, etc.

Se tem 20 000\$00 ou mais escreva-nos. Rendimento assegurado.

DE INVESTIMENTO LIMITADAS SHARVEN FRANCE

QUEIRAM ENVIAR-ME SEM COMPROMISSO INFORMAÇÕES DETALHADAS

Nome

Morada

Telef.

LIVRO POPULAR? LIVRO DE BOLSO?

-Depoimento do editor Lyon de Castro

inquerito

No seguimento do inquerito que iniciámos no último número sobre a questão dos livros de bolso, publicamos hoje algumas declarações do editor Lyon de Castro, de Publicações Europa América. Estava nos nossos planos publicar, juntamente com as considerações do responsável pela Europa América, o depoimento da Editorial Verbo que, como se sabe, foi a editora que, em colaboração com a Televisão, lançou a colecção de bolso que iniciou este novo movimento em volta de tal tipo de publicações. Contudo, apesar dos esforços que fizemos, não nos foi possível recolher tal depoimento.

De uma maneira geral, nota-se que as colecções de bolso se interessam mais pela ficção que pelo ensaio, sendo no entanto geralmente aceite que, actualmente, o ensaio está a subir no interesse do público em detrimento da ficção. A este respeito, considerou o sr. Lyon de Castro:

Verifica-se, inegavelmente, um decréscimo do interesse pelo livro de ficção, em favor das obras de ensaio (história, actualidade política e sociológica, etc.). Esta diminuição nota-se, sobretudo, entre as camadas, mais cultas, entre aquelas, portanto, que antes representavam o comprador habitual e normal do livro. Há menos tempo para ler e as pessoas com hábitos de leitura ocupam o seu pouco tempo disponível lendo obras de informação ou formação profissional ou os livros que mais directamente se situam dentro da sua própria esfera cultural.

NOVAS CAMADAS

Como o aumento das necessidades culturais é progressivo, são principalmente as novas camadas de leitores as que mais procuram os livros que se encontram nas condições atrás referidas. E, porque são estas camadas as que hoje mais frequentam as livrarias, elas dão uma imagem parcialmente correcta da realidade. Dizemos parcialmente, porque não podemos esquecer que, para além dessa camada de leitores, aumentou também e extraordinariamente o número daqueles que não estão particularmente interessados em obras de ensaio. São precisamente estes, que continuam a

procurar obras de índole diferente (autores modernos, clássicos, etc.), os que constituem a maioria, a ponto de já hoje justificarem o aumento, mesmo das próprias edições normais. A quantidade de pessoas em Portugal susceptíveis de se interessarem pelo livro de bolso (referimo-nos ao livro de formato de bolso com um número de páginas que se aproxime do de uma edição normal) de carácter ensaístico é pois, ainda demasiado reduzido para permitir que essas obras sejam publicadas em colecções de bolso, com as grandes tiragens e o baixo preço que as caracterizam.

«Assim o predomínio de obras de ficção nas colecções de bolso explica-se pela necessidade de conciliar tiragem elevada, preço reduzido e um público potencialmente comprador suficientemente vasto.

«Estas razões não anulam, antes põem em evidência, o mérito das colecções que, sob a forma de livro de bolso, se editam em Portugal, integrando exclusivamente obras de não ficção. Existiram algumas que desempenharam um papel muito importante e outras subsistem ainda, mas nenhuma delas (é necessário afirmá-lo claramente) alcançou, numa primeira edição, as tiragens já hoje atingidas pelos livros de bolso nas modalidades actuais. O mesmo, aliás, se verifica em toda a parte.»

Dentro desta perspectiva, interessaria saber se os livros de bolso da Europa América são uma operação comercial lucrativa.

BAIXA RENTABILIDADE

«A nossa colecção de livros de bolso não dá prejuízo. E, no

entanto, baixa a sua rentabilidade comercial, devendo ainda assinalar-se o inconveniente de ela ter incidências negativas quer noutros domínios da actividade editorial, quer no plano administrativo. Para ilustrar este último aspecto, refere-se a atenção que a colecção obriga a concentrar na sua programação e na sua saída regular; por outro lado, a sua distribuição em grande escala (mais de 2.000 pontos de venda) com todas as suas implicações (meios de transporte, organização administrativa, contacto com os pontos de venda) constitui um grave problema empresarial.»

Mas os livros, de bolso ou não, são mais do que um produto comercial. São também um veículo difusor de cultura. Talvez o mais influente, uma vez que a televisão se «inclina» mais para a «distracção». Terá a Europa América pensado nisso ao planear a sua colecção mais acessível?

A MELHOR PROVA

«Tudo depende da noção que se tenha de divulgação da cultura. Se se admite, como nós admitimos, que divulgar grandes autores e certo género de obras também é difundir cultura, é evidente que as colecções de bolso desempenham esta função, pois tornam esses autores e essas obras acessíveis a um público onde talvez não chegassem se semelhantes colecções não existissem.

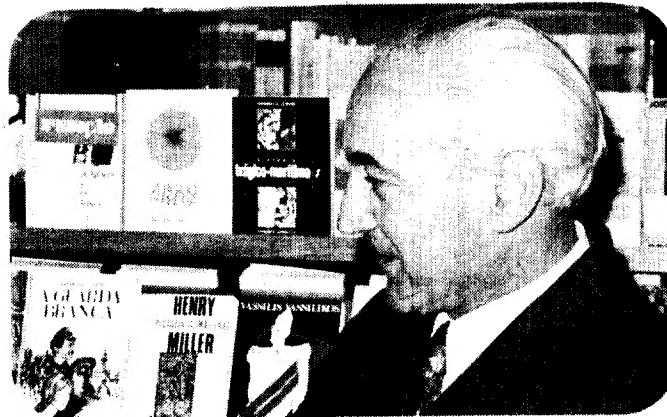
«Nesta linha de pensamento, se podemos encontrar com frequência os livros de bolso nas mãos do grande público, devem eles classificar-se de livros verdadeiramente populares. Ora a nossa experiência e breves inquéritos a que temos procedido revelam terem as colecções de bolso ultimamente editadas em Portugal conquistado, de facto, camadas que normalmente se não interessavam pelas edições comuns. Aliás, a melhor prova disto mesmo fornecem-na as próprias tiragens alcançadas por essas colecções.»

Como se sabe, os livros de bolso da Europa América não foram os primeiros desta vaga. Seriam eles uma reacção, uma tentativa para aproveitar um estado de espírito criado no público por uma intensíssima campanha publicitária televisivada?

«A nossa colecção de bolso não surgiu como uma resposta. Ela começou a ser preparada com uma antecedência de vários meses sobre a preparação e lançamento da colecção a que se referem. Circunstâncias de

preparadas para o efeito venceram-nos de que, por múltiplas razões nem sempre conhecidas do grande público, a nossa colecção poderia constituir um êxito, se a publicássemos respeitando rigorosamente determinados aspectos. Lançámos a colecção; beneficiámos, evidentemente, da movimentação do público para este tipo de empreendimento; e obtivemos um sucesso editorial que bastante nos satisfaz.

«Não deparámos com dificuldades de peso na concorrência.



LYON DE CASTRO: — «As colecções de bolso chegam a novas camadas de público...»

vária ordem perturbaram, porém, os nossos preparativos, retardando o aparecimento da nossa colecção. Como não dispnhamos de nenhum dos apoios nem das vantagens de que aquela beneficiou, além de termos perdido a corrida do impacto inicial, pôs-se-nos o problema de prosseguirmos ou não com o nosso projecto. Decidimos, no entanto, ir por diante, com todas as desvantagens que se podem supor, nomeadamente a de não podermos utilizar a propaganda na televisão a certa escala, em virtude de ser paga a nossa publicidade em todos os órgãos de informação.

DEZENAS DE MILHARES

«Sondagens feitas em todo o país por equipas especialmente

embora os hábitos de compra de milhares de leitores pudessem constituir um óbice para se decidirem a comprar a nossa colecção. Mas as técnicas de venda adoptadas e o programa que fomos cumprindo fixaram a nossa colecção em várias dezenas de milhar de exemplares por título, quantitativo que se mantém apesar de a colecção ter já mais de um ano de experiência.

«A nossa campanha inicial na televisão foi, como se sabe, minúscula em confronto com as campanhas de colecções concorrentes, mas proporcionou-nos uma audiência muito importante desde os primeiros números da colecção. Actualmente é quase nula a nossa publicidade televisivada, pois se limita a um pequeno filme destinado a lem-

brar aos leitores a colecção, sem anunciar cada um dos novos títulos publicados.

«Na situação actual, nenhuma colecção de bolso poderia suportar a publicidade feita na TV por uma dessas colecções, se a respectiva editora tivesse de a pagar.

REPRESENTATIVIDADE

«Temos procurado que a colecção de bolso Europa-América seja representativa do panorama editorial português, quer quanto a autores modernos, quer quanto a clássicos. Estamos ainda longe do fim da colecção (ela cessará certamente mais tarde ou mais cedo) e de esgotar as possibilidades de inclusão de autores modernos e clássicos, nacionais e estrangeiros. Não será, todavia, inoportuno esclarecer que não temos encontrado toda a colaboração que desejávamos da parte de alguns dos nossos colegas editores. De outros, no entanto, essa colaboração tem sido pronta, simpática e útil, o que justifica a expressão do nosso reconhecimento.

«Depois da nossa, outras iniciativas surgiram e mais hão-de surgir certamente. E uma concorrência que exige a nossa atenção, mas de que o público beneficiará com certeza. Por esta razão, podemos considerar úteis todos os empreendimentos que contribuam para despertar a atenção do público, criar novos leitores e enriquecer e diversificar o número de obras de que as camadas de menores recursos possam dispor.

«Naturalmente, outras iniciativas podem ainda surgir em ordem a colecções de bolso de certas obras de que o público necessita. Essas iniciativas concretizar-se-ão mais tarde ou mais cedo, mas todas elas dependerão das possibilidades oferecidas pelo mercado de língua portuguesa e não de razões teóricas ou necessidades de pequenos grupos tomadas como anseio geral ou possibilidades reais.

SOEIRO PEREIRA GOMES

esteiros

1. 1b

tem a palavra o leitor

A propósito dos castigos corporais nas escolas, assunto que tem sido frequentemente debatido nas colunas da «Mesa Redonda», recebemos a seguinte carta de uma leitora:

«O meu filho de nove anos de idade acabou a sua «primária» numa escola oficial de Alvalade, depois de quatro anos com um professor (ao Destino eu hei-de agradecer durante o resto dos meus dias tê-lo posto no nosso caminho), de quem me abstenho de dizer o nome, pois a sua modestia, valor e altruísmo não mo consentiriam.

Aquele senhor, que é professor primário há 30 anos e dos maiores da nossa terra, pois a maioria dos livros adoptados é da sua autoria, quando os alunos prevaricavam chamava-os, falava-lhes com ternura, demonstrava-lhes a sua amizade incondicional. Nos casos mais melindrosos, em que a família já participava, aconselhava a não bater nas crianças, alvitando que talvez fôssemos nós (e

ele) os verdadeiros culpados... Várias dezenas de alunos, todos, ficaram aprovados e todas as mães choraram (quase tristes), pelo facto dos seus meninos saírem da sua tutela.

Aconselhava os alunos a não fumarem quando homens, pois ele tinha sido prejudicado com tal vício. E os alunos estavam autorizados a proibi-lo de fumar, quando, distraído, puxava de um cigarro na aula...

Um aluno dos «grandes» chamou-lhe, um belo dia, «malu-

co». Ali se constituiu um tribunal e foram os alunos que deitaram a sentença ao colega: oito dias sem recreio.

E ficaria aqui a relatar belas histórias...

Bem hajam todos os professores como ele! E como lamento as outras mães, com filhos menos dóceis que o meu, que os vêem ser castigados severamente e marcados para o resto da vida.

FERNANDA PEREIRA

mesa redonda